

**EROS E PSIQUE: A AVENTURA
PSICOLÓGICA DE VIVER POR AMOR À
ALMA**

ANA LUISA SILVA RIBEIRO

Trainee 7ª turma

Monografia de conclusão de curso de formação para a obtenção do título de analista junguiana pela Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica - SBPA

Victor Roberto da Cruz Palomo

Orientador

São Paulo

2012

LUIZ PAULO COTRIM AMORIM – banca examinadora e representante da Comissão de Ensino

MARIA PAULA MAGALHÃES T. DE OLIVEIRA – banca examinadora e representante da Comissão de Ensino

VICTOR ROBERTO DA CRUZ PALOMO – orientador

ANA LUISA SILVA RIBEIRO – candidata

São Paulo, 31 de julho de 2012.

*"Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu".*

Fernando Pessoa

Aos meus filhos Rafael, Mariana e Amanda, constantes inspirações em minha vida.

Ao Francisco, que traduz minha alma em Amor.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À Maria Zelia, que diante do meu medo, insuflou-me coragem. Destrancando as portas de minha alma, libertou meus sonhos esquecidos. Olhando dentro de mim, por seu cuidado amoroso e empatia, foi capaz de me ajudar a integrar o que alterou radicalmente minha vida.

No âmago de minha luta, você me ajudou a abrandar o conflito entre quem sou e quem quero ser.

O meu muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

À Ana Maria, minha querida irmã, que com seu amor maior me fez acreditar novamente em minha própria força e na capacidade de viver meus sonhos. Com você, ao invés de limitação, experimentei a liberdade de criar.

À Giselda, minha amiga e companheira, pelos seus abraços de conforto.

À Elaine, à Dora e à Marisa, pelo carinho e acompanhamento nas jornadas da vida.

À Carmem, minha fiel parceira, pelos cuidados firmes e especiais.

Ao Victor, que, mais que um orientador maravilhoso, mostrou-se um amigo dedicado.

A todos os mestres, que deixaram suas marcas em minha trajetória.

À Ana Lia e à Maria Paula, que me receberam em horas difíceis e me proporcionaram a alegria de estar aqui, agora.

Aos meus pais, que me ensinaram doces e difíceis lições.

Aos meus irmãos, bases sólidas de minha existência.

Aos meus filhos, amores maiores, minha coragem e meu entusiasmo, em todas as horas.

SINOPSE

O tema desse trabalho é o casamento da alma com o amor e o que advém dessa *coniunctio*. Para tal, estudaremos o mito “Eros e Psique”, assim como o poema homônimo de Fernando Pessoa. Na discussão do mito, cotejaremos quatro autores principais: James Hillman, Rafael López-Pedraza, Erich Neumann e Octávio Paz. O poema será amplificado a partir das reflexões sobre o mito e dos conceitos da psicologia analítica. Salientamos que quando há uma dinâmica da erótica psíquica, ou da psique erótica, conseguimos expressar os afetos em nós. O pensar e o sentir caminham juntos e concorrem para o processo de individuação.

ABSTRACT

The theme in this work is the marriage of the soul and love and what comes from this *coniunctio*. To do so, we shall study the Eros and Psyche myth, as well as Fernando Pessoa's poem of the same name. In the discussion of the myth we will court four main authors: James Hillman, Rafael López-Pedraza, Erich Neumann and Octavio Paz. The poem will be amplified from the reflection on the myth and the concepts of analytical psychology. We must emphasize that when there is the dynamics of the erotic of the psychic, or of the erotic psyche, we can express affection in us. The thinking and feeling go side by side and contribute to the process of individuation.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
O mito.....	11
Três leituras sobre o mesmo tema: Neumann, López-Pedraza, Octavio Paz.....	34
Amplificações sobre o tema.....	60
<i>Coniunctio</i>	67
Breve apresentação de Fernando Pessoa.....	73
“Eros e Psique”: o poema.....	77
Considerações finais: a aventura psicológica de viver por amor à alma.....	89
Referências bibliográficas.....	97

INTRODUÇÃO

No início de 2011 procurava um tema para a monografia a ser escrita e nada me satisfazia. Por aquela época lia bastante Fernando Pessoa, o qual, mais do que nunca, me encantava. A beleza e profundidade do poema ‘Eros e Psique’ levou-me a citá-lo em análise e aproximá-lo de imagens oníricas, tal o impacto que me causava. Nesse período li também algumas coisas de Platão e Hillman. E lembro-me que Hillman citava Platão em Fedro. O que mais me chamou a atenção foi a fala de que “a alma é conduzida para o conhecimento de si própria, através do amor, da disciplina intelectual e através da loucura”. A disciplina intelectual, nesse momento, parecia-me árida e sofrida e já experimentada em grande parte de minha vida. A loucura, sentida não em sua mais ampla acepção, mas em momentos de desespero e profunda angústia, parecia-me melhor vivenciada no consultório de análise e na minha casa interna. Ficou-me a idéia do amor. As três possibilidades, se bem vividas e experienciadas, podem ser caminhos para o conhecimento profundo de si mesmo. Não há como voltar de profundas imersões em qualquer um dos três percursos sem que as coisas se despedacem e se abram para novos significados.

Percebi que se cada um desses caminhos fosse sentido verticalmente, não haveria como não se ferir em suas pedras. Vivê-los, em suas mais amplas consequências, é abrir-se para o que vem das feridas que eles causam no ser que se dispõe a conhecer-se psiquicamente.

Os deuses e seus mitos nos puxam para as vivências dos complexos encerrados em sua mitologia. Cada um de nós é atraído pelas reivindicações desses deuses e não pode soltar-se até que essas exigências sejam cumpridas.

Senti, cismando por esses destinos, que no momento de vida em que me encontrava tudo que precisava era acolher uma alma torturada e necessitada de amor na busca da compreensão psíquica.

Aproximando minha eleição por Fernando Pessoa, meu gosto por mitologia e meu singular momento, vi-me com o propósito de buscar o caminho do amor que faz alma na construção desse trabalho monográfico.

Creio que nossos processos de individuação passam por demandas de muitos deuses. Durante grande parte da minha vida fui exigida por uma Atená imperiosa que pouco tempo e espaço deixou pra que eu cultivasse outras divindades. Deméter foi reverenciada intensamente em cada um dos meus três filhos e na mãe que eles fizeram acontecer em mim. Afrodite teve participação em muitas das minhas feridas e pedia para ser mais bem vivida. Mas é em Psique que toda minha alma vibrava. Preciso, mais que nunca, do amor que une o corpo e a alma para me tornar uma pessoa mais completa.

E foi curvando-me a essa exigência de alma que naveguei durante esses meses em um trabalho que me fez ir aos íferos e retornar transformada. Creio que tudo que me aconteceu valeu a dor de me saber mais inteira. Recolhi meus pedaços esfacelados e recomecei. Senti o apelo da alma e mergulhei para buscar-me inteira novamente. Fui chamada e creio que tenho respondido aos apelos de meu processo de individuação.

Escrever esse trabalho não foi fácil. Lidei com frustrações, deixei de lado as fantasias que tinha a meu respeito, me despi de minhas certezas sem a convicção da possibilidade de reconstrução. Mergulhei só e ressurgi acompanhada de mim mesma.

Essa monografia, bem mais que uma exigência de finalização de um processo, marcou, como um divisor de águas, o que fui do que posso vir a ser.

Ao estudar o tema para o desenvolvimento dessa tarefa, repassei paixões e me deparei com Fernando Pessoa. Entre tantos maravilhosos poemas de quem, a meu ver, é o poeta maior da língua portuguesa, vi-me diante da profundidade de “Eros e Psique”. Encontrei em suas linhas, em especial, uma belíssima imagem de “*coniunctio*”, além de uma epígrafe que indica tratar-se de um ritual iniciático, que abordarei como proposição de processo de individuação. Aprofundando o tema, o mito de mesmo nome chamou-me a atenção como sustentação para uma leitura simbólica.

Pretendo assim, no transcorrer do texto, confirmar a possibilidade de fazer alma por meio do amor, chegando à *coniunctio*, como uma das etapas do processo de individuação.

A leitura se baseará nos conceitos da psicologia analítica com os quais tentarei elaborar uma *coniunctio*, uma união interna entre teoria e vivência, no processo de finalização do curso de formação. O mito, em si, pressupõe um trabalho de inúmeros esforços e provas para se atingir o casamento entre o interno e o sagrado, o que me leva

a cotejar com as etapas do próprio processo de formação, em particular, e de vida, de forma mais ampla.

Tal tipo de ritual é mencionado em Lúcio Apuleio (1963), do qual só citarei o mito “Eros e Psique”. Na obra, Lucius tem que enfrentar diversas tarefas e realizar novos estados de consciência, até tornar-se um ser humano transformado. Sinto que a formação do analista e a própria análise têm idêntica proposta.

Farei uma leitura crítica das proposições de três autores que se ocuparam da interpretação e amplificação do mito: Eric Neumann, Rafael López-Pedraza e Octávio Paz. Além da leitura simbólica sugerida por eles, James Hillman acompanhou-me na percepção e compreensão profunda da relação arquetípica entre Eros e Psique. É dele que tomei emprestada a expressão “aventura psicológica de viver por amor à alma” (1984, p.14) como escolha para o título desse trabalho, por traduzir com muita acuidade o que pretendo discutir, e é quem sugere ser este o mito atual das análises contemporâneas (Hillman, 1984, p.59).

O tema mítico foi escolhido por parecer de fundamental importância na vida íntima, interior e exterior, de cada um de nós. Ao longo do texto veremos que a *anima* torna-se psique mediante o amor e que Eros engendra a psique, como nos diz Hillman (1984, p.57). O encontro, entre as pessoas no mundo ou entre um analista e seu paciente, é vital para a compreensão de como esse processo pode ser criativo, erótico e psíquico. Além do mais, é uma história sobre a psique e, como tal, de profundo valor para a psicologia.

Pretendo discutir o conceito de *coniunctio* e fazer uma leitura simbólica do poema de Fernando Pessoa, em um exercício de intertextualidade entre este e o mito. O pano de fundo das reflexões será a psicologia analítica e seu criador, Carl Gustav Jung, assim como as considerações alquímicas de Edward Edinger.

No levantamento de dados sobre a vida e a obra de Fernando Pessoa baseio-me em várias fontes, especialmente José Paulo Cavalcanti Filho, além do próprio poeta. Como apoio para a leitura simbólica, utilizo a obra de Junito de Souza Brandão e o Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant.

Finalizando, teço considerações pessoais sobre o mito, o poema e a aventura psicológica de viver por amor à alma.

O MITO

Embora o mito “Eros e Psique” seja muito conhecido, optamos por incluí-lo em sua íntegra, para que toda a sua riqueza simbólica fique acessível ao leitor. A versão escolhida foi retirada da obra de Lucio Apuleio (1963), sendo esta a mais tradicional. Era um conto muito antigo, de tradição oral, que o autor incluiu em seu trabalho, tido como iniciático. Vale lembrar que o tema da metamorfose, isto é, da transformação, é o fio condutor de toda a história. E é exatamente o ponto central com o qual buscaremos fazer uma ponte com a psicologia: como as experiências que nos acontecem podem nos transformar. Esse mito tem sido a fonte para a criação de filmes, contos, esculturas, pinturas, fábulas e histórias semelhantes, em diversas culturas, o que aponta se tratar de material arquetípico, e, portanto relativo a todos nós.

Convidamos à leitura.

Livro IV: XXVIII. "Havia em certa cidade um rei e uma rainha. Tinham eles três filhas de conspícua beleza. No entanto, as mais velhas, por mais agradáveis que fossem à vista, não tinham, ao que parecia nada que o humano louvor não pudesse condignamente celebrar. A mais moça, ao contrário, de beleza tão rara, tão brilhante, tinha tal perfeição que, para celebrá-la com um elogio conveniente, era pobre demais a língua humana. Gente do país e do estrangeiro, todos aqueles que a fama de espetáculo tão único congregava em multidão, imóveis e curiosos, permaneciam atônitos de admiração por essa beleza sem igual, e, levando a mão direita aos lábios, pousavam o índice sobre o polegar erguido. Devotavam-lhe a mesma adoração que à própria deusa Vênus. Já nas cidades vizinhas e nos campos circundantes, espalhara-se o rumor de que a deusa nascida do seio azulado dos mares e formada do orvalho da vaga espumejante, dignara-se tornar acessível seu poderio e misturar-se à sociedade dos homens. A menos que as gotinhas celestes tivessem feito germinar uma nova Vênus, enfeitada com a flor da virgindade, não das ondas, mas da terra.

XXIX. "Foi assim que a crença ganhou terreno, dia a dia; de ilha a outra, depois no continente, e de província em província, a fama se estendeu e propagou. Numerosos foram os mortais que, empreendendo grandes viagens e longínquas travessias, afluíram para ver a gloriosa maravilha do século. Em Pafos, em Cnido, na própria Citera, nenhum navegador aportava mais para contemplar a deusa Vênus. Seus sacrifícios foram relaxados, os templos estavam-se derruindo, enxovalhavam-se os nichos, ficavam as imagens sem coroas e as cinzas frias maculavam os desolados altares. Era à moça que dirigiam as preces, e era sob os traços de um ser humano que imploravam

mercês da augusta divindade. Quando, pela manhã, aparecia a virgem, era de Vênus ausente que se invocava o nome propício, oferecendo-lhe vítimas e festins, e, quando ela atravessava as praças, o povo se apressava a adorá-la com coroas e flores. Esta extravagante transferência do culto celeste para a virgem mortal incendiou de veemente cólera o ânimo da verdadeira Vênus. Ela não pôde conter a indignação. Sacudiu a cabeça, fremente, e falou:

XXX. *"Então, a mim, antiga mãe da Natureza, origem primeira dos elementos, nutriz do Universo, Vênus, reduziram-me a esta condição de partilhar com uma mortal as honras devidas à minha majestade! E meu nome consagrado no céu é profanado pelo contato com impurezas terrestres. Será preciso, aparentemente, na comunhão equívoca das homenagens prestadas ao meu nome, ver a adoração me confundir com uma substituta? Aquela que por toda a parte apresentará minha imagem é uma moça que está para morrer. Foi em vão que aquele pastor, cuja imparcial justiça foi aprovada pelo grande Júpiter, me preferiu, pelos meus atrativos sem par, às deusas mais eminentes. Porém, não se rejubilará por muito tempo essa, quem quer que ela seja, que me usurpou as honrarias. Poderei, com essa mesma beleza à qual ela não tem direito, fazer com que se arrependa."*

"Imediatamente, chamou o filho, o menino alado, esse perverso velhaco que, agravando com sua má conduta a moral pública, armado de tochas e de flechas, corre daqui e dali durante a noite, pela casa dos outros, incendeia todos os lares, comete impunemente os piores escândalos, nunca faz coisa boa. Se bem que ele já fosse impudente por natural velhacaria, ela o excitou ainda mais com seus discursos, conduziu-o à cidade de que falamos, e mostrou-lhe Psique — tal era o nome da menina.

XXXI. *"Fez-lhe também o completo relato dessa rivalidade em beleza. Por fim, gemendo, trêmula de indignação, disse: 'Eu te conjuro pelos laços do amor materno, pelas doces feridas de tuas flechas, pelas deliciosas queimaduras da tocha que carregas, vinga aquela que te deu à luz, mas ving-a completamente, e castiga sem piedade essa bela rebelde. Consente apenas — e isto somente me satisfará — em fazer de maneira que essa virgem seja possuída de ardente amor pelo derradeiro dos homens, um homem que a Fortuna tenha amaldiçoado em sua classe, seu patrimônio, sua própria pessoa; tão abjeto, em uma palavra que, no mundo inteiro, não se encontre miséria que à sua se compare'.*

"Ela o disse. Com os lábios entreabertos, beijou o filho longamente, avidamente. Depois, ganhando o lugar mais próximo da praia onde a onda morre, calçou com os pés de rosa a crista de espuma das vagas cintilantes, e ei-la bem depressa levada sobre a clara superfície do mar profundo. Mal teve tempo de exprimir a sua vontade, e, como se fosse uma ordem dada antecipadamente, os deuses marinhos apressaram-se a servi-la. Aqui as filhas de Nereu, cantando em coro, e Portuno, de barba azulada, toda eriçada, e Salácia, com as pregas da veste pesadas de peixes, e Palêmon, o pequeno auriga, conduzindo um delfim; acolá, pulando sobre o mar, as tropas dos Tritões: um deles docemente sopra em sua concha sonora, outro vela com um tecido de seda a flama do sol importuno; este mantém um espelho diante do olhar da rainha; aqueles nadam aos pares, atrelados ao seu carro. Tal foi a escolta que acompanhou Vênus em seu passeio pelo Oceano.

XXXII. *"Entrementes, Psique, com toda a sua estonteante beleza, não tirava proveito nenhum dos seus encantos. Todos a contemplavam, todos a louvavam,*

mas ninguém, nem rei, nem príncipe, e, à falta destes, nem homem da plebe desejava sua mão ou se apresentava para obtê-la. Admirava-se a sua face de deusa, mas era como a uma estátua, obra de arte perfeita, que a admiravam. Havia muito tempo que suas irmãs mais velhas, cuja beleza comum em nenhuma parte fora proclamada pelo público, concedidas a pretendentes reais, tinham feito brilhantes casamentos. Psique, virgem desdenhada, ficava em casa, a chorar seu abandono e sua solidão. Corpo dolente, coração machucado, detestava em si a beleza que constituía o encantamento de nações inteiras. Afinal, o triste pai da desventurada jovem, suspeitando haver contra ela alguma celeste maldição, e temendo ter incorrido na cólera do alto, interrogou o antigo oráculo do deus de Mileto. Ofereceu a essa poderosa divindade preces e vítimas, pediu para a desdenhada virgem um himeneu e um marido. Apolo, apesar de grego e jônio, em consideração pelo autor da nossa milesiana, entregou este oráculo em Latim:

*Montis in excelsiscopulo, rex, sistepuellam
ornatam mundo funereithalami.
Nec speres generum mortalistirpe creatum,
sedsaeumatqueferumui pereumquemalum,
quodopinnisuolitanssuperaetheracunctafatigat,
flammaque et ferro singuladebilitat,,
quodtremit ipse Ious quo numinaterrificantur,
fluminaquehorrescunt et Stygiaetenebrae.*

*(Sobre o rochedo escarpado, / suntuosamente enfeitada, /
expõe, rei, a tua filha, / para núpcias de morte, / Então, ó rei,
não esperes / para teu genro, criaturas / originadas de mortal
estirpe, / mas um monstro cruel e viperino, / que voa pelos ares. /
Feroz e mau, não poupa ninguém, / Leva por toda parte o
fogo e o ferro, / e faz tremer a Júpiter, / e é o terror de todos
os deuses, / e apavora até as águas do inferno, / e inspira terror
às trevas do Estige.)*

XXXIII. *"O rei, feliz anteriormente, depois que recebeu o santo vaticínio voltou para casa queixoso, com a alma triste e explicou à mulher o que havia prescrito o infausto oráculo. Lamentaram-se e choraram, os lamentos lhes encheram os dias. Porém, o prazo fatal apressava a execução trágica. Prepararam-se para a infortunada virgem os aparatos das núpcias de morte. A chama das tochas escureceu com a fumaça e morreu sob a cinza. Os sons da flauta nupcial foram substituídos pelos plangentes acordes da melopéia lídia, o alegre canto de himeneu acabou em lúgubres queixumes, e a esposa da manhã enxugava as lágrimas no seu próprio véu. A triste sorte que pesava sobre aquela casa provocava o pranto de simpatia da cidade inteira, e a dor generalizada se traduziu logo pela proclamação de luto público.*

XXXIV. *"Mas a necessidade de obedecer às advertências celestes exigiu que Psique, a pobrezinha, sofresse a pena que a esperava. Ultimaram, então, em profunda tristeza, os solenes preparativos desse tálamo fatal, e, seguido de todo o povo, o cortejo se pôs em marcha, acompanhando esse cadáver vivo. Psique, em lágrimas, não participava de suas núpcias, mas de seu funeral. Entrementes, os pais, acabrunhados e cheios de mágoa com a desgraça, não se resolviam a consumir o nefando crime. Foi a própria filha que os exortou com estas palavras: 'Por que infligir à vossa infeliz velhice o suplício de contínuo pranto? Por que esse alento, que, mais que vosso, é meu, atormentar, sem*

tréguas, com clamores? Por que manchar com lágrimas inúteis um rosto para mim venerável? Por que, em vossos olhos devastados, obscurecer a claridade dos meus? Por que arrancar vossos cabelos brancos? Por que bater no peito, nos seios santos para mim? Aí está para vós o prêmio glorioso de minha egrégia formosura. É a inveja sobre-humana que vos desfere o golpe letal, e tarde demais vos dais conta disto. Quando as nações e os povos nos prestavam honras divinas, quando unanimemente me chamavam nova Vênus, então era preciso gemer, era preciso chorar, então era preciso vestir luto, como se eu já vos tivesse sido arrebatada. Hoje eu compreendo. Hoje eu vejo. Foi o nome de Vênus, só, que me perdeu. Levai-me, pois, colocai-me no rochedo que a sorte me destinou. Tenho pressa de consumir essa feliz união, tenho pressa de ver o nobre esposo. Para que adiar, para que me furtar ao encontro daquele que nasceu para a ruína do Universo?'

XXXV. "Assim falou a virgem. E com passo firme se misturou à multidão que formava seu cortejo. Atingiram o rochedo marcado, na escarpada montanha, e no alto cume colocaram a moça. Depois, todos a abandonaram. Para longe atiraram as tochas nupciais, que haviam iluminado a caminhada e que tinham antes apagado com suas lágrimas, e, de cabeça baixa, retomaram o caminho de suas casas. Os desgraçados pais, acabrunhados pela calamidade, fugiram da luz, e, no fundo de seu palácio, encerraram-se numa noite eterna. Psique, entrementes, apavorada e trêmula no alto do seu rochedo, não parou de chorar. O doce hálito do Zéfiro, caricioso, agitou de um leve tremor a barra do seu vestido, e o encheu de pregas. Soergueu a virgem com um movimento suave e, com tranquilo sopro, a levou serenamente ao longo da parede rochosa. Ao pé desta, no escavado vale, ele a depositou deitada gentilmente no leito da relva florida.

LIVRO V: I. "Psique, nessa ervinha tenra, languidamente estendida sobre o leito da relva úmida de orvalho, serenou de sua perturbação e docemente adormeceu. Depois de um plácido sono reparador, ressurgiu-lhe o ânimo. Viu um bosque plantado de árvores frondosas e uma fonte cuja onda era de vidro translúcido. No meio do bosque, junto do lugar onde corria o manancial, havia um palácio real, edificado não por mão de homem, mas por arte divina. Não poderíeis duvidar, mal assomásseis à entrada: tínheis diante de vós a luxuosa e aprazível residência de um deus. Os tetos, com labores de cedro e de marfim esquisitamente esculpido, sustinham-se sobre colunas de ouro. As paredes, revestidas de prata cinzelada, mostravam desde a entrada feras e outros animais. Certamente fora um semideus ou mesmo um deus, que animara com arte sutil essa fauna de prata. A pavimentação fora feita de pedras preciosas, diminutas, habilmente colocadas, formando desenhos variados. Felizes, decerto, duas e três vezes felizes aqueles cujos pés descansam nas gemas e nas pérolas. As outras partes da casa, por mais longe que se estendessem, tanto em largura como em comprimento, eram de preço inestimável. Todas as paredes, feitas de blocos de ouro maciço, resplandeciam com seu próprio brilho, de tal modo que se iluminariam por si mesmas se o Sol lhes recusasse a sua luz. Tanto os quartos como as galerias, como os portais, fulguravam. Riquezas que enchiam a casa correspondiam a essa magnificência. Dir-se-ia, com razão, que, para permanecer entre os homens, o grande Júpiter construira ali um palácio celeste.

II. *"Atraído pela beleza desses lugares, Psique se aproximou. Atreveu-se a franquear o portal e, seduzida logo pelo interesse de tão formoso espetáculo, examinou cada coisa atentamente. Do outro lado do palácio, viu os pavimentos de uma arquitetura grandiosa, onde se acumulavam tesouros reais. Nada havia que ali não se encontrasse. Porém, mais prodigioso que essas imensas riquezas, tão espantosas por si mesmas, era que não houvesse nem cadeia, nem fechos, nem guardas para defender esse tesouro vindo do mundo inteiro. Psique olhou para tudo, com volúpia, eis senão quando vem até ela uma voz destituída de corpo: 'Por que senhora, tanto espanto à vista deste esplendor? Tudo isto te pertence. Entra no quarto, deita-te no leito, repousa os membros fatigados, e, quando quiseres, pede um banho. Nós, estas de quem ouves a voz, somos tuas escravas, executaremos apressadamente as tuas ordens, e, acabado o cuidado com a tua pessoa, um festim real te será destinado, e não se fará esperar'.*

III. *"Psique reconheceu nessa felicidade o cuidado de uma providência divina. Dócil aos avisos da voz incorpórea dissipou a fadiga com um sono, seguido de um banho. Depois, de súbito, percebeu junto dela um móvel disposto em forma de semicírculo. Os arranjos de um repasto fizeram-na pensar que ele estava colocado ali para ela, a fim de que se restaurasse, e, de boa vontade, pôs-se à mesa. Logo, vinhos semelhantes ao néctar, e bandejas carregadas de iguarias variadas e abundantes, foram colocados diante dela, sem ninguém para fazer o serviço, e impelidos somente por um sopro. Ela não vislumbrava nenhum ser, apenas ouvia palavras vindas de alguma parte e não tinha senão vozes como servas. Depois de um copioso festim, entrou alguém que cantou, sem se deixar ver; um outro dedilhou a cítara e, do mesmo modo, permaneceu invisível. Então um grande número de vozes modulou um concerto, e, se bem que nenhum ser humano aparecesse, seus ouvidos confirmaram a presença de um coro.*

IV. *"Terminados esses prazeres, viu Psique que caíra a noite, e foi-se deitar. Era noite alta, quando um ligeiro rumor lhe chegou aos ouvidos. Temendo então por sua virgindade, estremeceu medrosa, e mais que com outra desgraça qualquer, apavorou-se com o que ignorava. E eis que se aproxima o marido desconhecido. Subiu ao leito, fez de Psique sua mulher, e antes que surgisse a luz do dia, partiu apressado. Logo as vozes, prontas junto do quarto, prestaram seus cuidados à recém-casada, da qual fora imolada a virgindade. Como quis a natureza, à novidade do prazer o hábito acrescentou uma doçura a mais, e o som da misteriosa voz consolava-a da sua solidão.*

"Entretanto, seus pais envelheciam consumidos sem descanso pelo luto e pela aflição, enquanto o rumor da aventura se espalhava ao longe; e, então, suas irmãs mais velhas souberam de tudo. Imediatamente, na tristeza e na desolação, abandonaram o lar e, cada qual mais afoita, correram para junto dos pais, para vê-los e levar-lhes palavras de afeição.

V. *"Naquela noite, o marido, dirigindo-se à sua Psique (pois, embora invisível, podia ser ouvido e tocado): 'Psique', disse-lhe, 'dulcíssima e querida esposa minha, a Fortuna, no seu cru rigor, te ameaça com um perigo mortal. Vela e guarda-te cuidadosamente, eis o meu aviso. Tuas irmãs, que te acreditam morta, em sua perturbação procuram teu rastro, e chegarão logo ao rochedo que tu sabes. Se, por acaso, vires que elas chegam, ouvires lamentos, não respondas, olha mesmo para outra direção, sob pena de me causar uma grande dor, e a ti o pior dos desastres'.*

"Psique concordou. Empenhou-se em fazer a vontade do marido. Mas quando, juntamente com a noite, aquele desapareceu, passou a pobrezinha todo o dia em lágrimas e em prantos, repetindo que nessa hora tinha sua vida se acabado, pois que, na opulenta prisão em que estava encerrada, privavam-na de todos os contatos, de todas as relações com seres humanos. E quando suas próprias irmãs se afligiam por ela, não poderia reconfortá-las, nem vê-las sequer. Não tomou banho, para se refazer, nem alimento, nem nada do que restaura as forças; apenas chorava abundantemente, e assim se retirou para dormir.

VI. *"Uns instantes depois, pouco mais cedo que de costume, o marido se deitou ao seu lado, tomou-a entre os braços, ainda banhada em lágrimas, e murmurou, ralhando: 'Era isso que prometias, minha Psique? Como confiar em ti, de agora em diante? O que esperar de ti? Dia e noite, e até nos braços do esposo, não cessas de te atormentar. Vai, então. Faze o que queres, e satisfaz, para desgraça tua, as exigências do teu coração. Lembra-te, no entanto, das minhas sérias advertências, quando, tarde demais, te arrependeres'.*

"Então, à força de súplicas e ameaçando morrer, arrancou ao marido a permissão tão desejada de ver as irmãs, de lenir seu luto, de conversar com elas. E não contente de ceder dessa maneira às instâncias da esposa tão recente, ele concedeu-lhe mais, que lhes fizesse presente de quanto ouro, e quantos colares quisesse. Mas recomendou com insistência, e de maneira a assustá-la, que não procurasse conhecer a figura do marido, jamais, mesmo que suas irmãs lhe dessem o pernicioso conselho de fazê-lo. Sua curiosidade sacrílega trar-lhe-ia infelicidade e perdição, e a privaria, para sempre, de seus abraços. Psique agradeceu ao marido e disse mais contente: 'Mas não! Antes cem vezes morrer que não mais gozar do nosso dulcíssimo conúbio. Pois eu ardentemente te amo, e te quero tanto quanto à minha vida, quem quer que tu sejas. Não. Nem mesmo Cupido é comparável a ti. Entretanto, eu te imploro, eu te suplico, tu podes conceder-me ainda isto: ordena a Zéfiro, teu servidor, que transporte minhas irmãs pelo mesmo caminho pelo qual eu vim e que as traga aqui'. Cobrindo-o de perturbadores beijos, e emocionando-o com ternas palavras, e enlaçando-o blandiciosa, acrescentou às carícias nomes como: 'meu queridinho, meu marido, doçura da alma da tua Psique'. O marido sucumbiu à força e ao poder de Vênus, às palavras de amor murmuradas em voz baixa. Cedendo, apesar de o lamentar, prometeu tudo quanto ela quis. De resto, aproximava-se o dia, e ele se desvaneceu entre os braços da mulher.

VII. *"Entretanto, as duas irmãs, tendo sabido qual era o rochedo e o lugar onde tinha sido Psique abandonada, para lá se dirigiram, às pressas, e lá choraram, bateram no peito, clamaram tanto, que seus brados repetidos ecoavam nas pedras e nas rochas. E como chamassem por seu nome a desgraçada irmã, ao agudo ruído de suas queixas estridentes que desciam da montanha, Psique, perdida e trêmula, atirou-se para fora de casa: 'Por que', disse ela, 'vos acabais sem motivo, com tantos dilacerantes lamentos? A causa de vosso luto está aqui diante de vós. Terminai vossos fúnebres gemidos, secai essas faces, por tanto tempo orvalhadas de lágrimas, pois que àquela que pranteais podeis agora abraçar'.*

"Chamou então Zéfiro e lhe transmitiu a ordem do marido. Dócil ao mando, ele as soergueu com um sopro sereno, e, sem dificuldade, as conduziu ao seu destino. Ei-las agora que se abraçam e trocam beijos impacientes, saboreando

a doçura de estarem juntas. Lágrimas voltam ao apelo da alegria. 'Mas este aqui é o meu teto e nosso lar', disse Psique. 'Entremos. Nada de desgostos agora, e que vossos corações se refaçam de sua aflição em companhia de vossa Psique'.

VIII. "Falando-lhes assim, mostrou-lhes as imensas riquezas da casa de ouro, fê-las ouvirem o povo de vozes que a servia, ofereceu-lhes, para se restaurarem, um banho luxuoso, e os refinamentos da mesa feita para os imortais. Saciadas com essa profusão de riquezas verdadeiramente celestiais, começaram elas, no fundo do coração, a nutrir pensamentos de inveja. Uma delas começou a fazer, com insistência, perguntas mais precisas: quem era o dono dessas divinas maravilhas, e que era o seu marido? Não infringiu Psique, absolutamente, as prescrições conjugais, nem as deixou escapar do segredo do seu coração. Inventou no momento que era um belo moço, do qual uma penugem de barba sombreava há pouco tempo as faces. Ocupava-se frequentemente em caçar nos campos e nas montanhas. Depois, temendo que a conversa se prolongasse e ela deixasse escapar, por inadvertência, o que resolvera calar, carregou-as de ouro trabalhado, de colares de pedrarias, depois, sem esperar mais, chamou Zéfiro e as confiou para que as reconduzisse, o que foi feito no mesmo instante.

IX. "As excelentes irmãs, entrando em casa, cada vez mais devoradas pelo fel ardente da inveja, conversavam com barulhenta animação. Por fim, uma se exprimiu assim: 'Aí estão, oh! iníqua Fortuna, tua cegueira e tua injustiça! Por que aprovaste que filhas de um mesmo pai e da mesma mãe tivessem sortes tão diversas? Nós, as mais velhas, fomos entregues a estrangeiros, para sermos suas escravas. Banidas do lar e mesmo da nossa pátria, levamos, longe dos pais, uma vida de exiladas. A última que veio, fruto tardio de uma fecundidade que ela esgotou, possui imensas riquezas, com um deus por esposo, e nem sabe usar, como é preciso, essa abundância. Tu viste minha irmã. Quantos colares, valiosos, jogados pela casa! E brilhantes tecidos, e faiscentes pedrarias, sem falar desse ouro sobre o qual se pisa, por toda a parte. Se o marido que tem é tão belo quanto ela pretende, não haverá hoje, no mundo inteiro, mortal mais feliz. Quem sabe mesmo se, com a crescente intimidade e a força do amor que avulta o deus seu esposo não chegue até a torná-la uma deusa? Ah! sim, vê-se que é isto, pelo seu ar, sua atitude. Desde agora ela aspira a subir mais alto, e tudo indica a deusa na mulher que tem vozes por escravas e que manda no vento. Enquanto que a mim, para minha desgraça, a sorte deu um marido mais velho do que meu pai, mais calvo que uma abóbora, um anão mais miúdo do que um menino, e que vigia tudo, trazendo toda a casa debaixo de ferrolhos e correntes'.

X. "A outra replicou: 'E o meu, então! Entrevado, torcido de reumatismo, e, por esta razão, não prestando senão raríssimas homenagens a Vênus, eis o marido que eu aguento. Fricciono continuamente seus dedos deformados e endurecidos como pedra. Compressas repugnantes, panos sórdidos, fétidos cataplasmas queimam estas mãos delicadas. Não tenho o ofício de esposa, mas o penoso emprego de médica. Vê-se com que paciência, ou melhor, para dizer francamente o que sinto com que servilismo suporto essas coisas. Mas eu, eu não poderei suportar mais ver tal felicidade concedida a uma indigna. Lembra-te, que ostentação, que arrogância na sua conduta a nosso respeito! Que insolente exibição do seu fausto, como deixou transparecer o orgulho que lhe enche o coração! E de tantas riquezas, atirou-nos algumas migalhas, com

dó. Depois, logo depois, enfadada com a nossa presença, nos mostrou a porta da rua, mandou que o vento nos varresse, ou antes, que nos soprasse. Não quero ser mulher, e nem respirar mais, se não a precipitar do alto da sua abundância. Se tu também, como é devido, sentes a afronta, procuremos as duas um plano de conduta enérgico. Primeiro de tudo, não mostremos nada a nossos pais, nem a quem quer que seja, disto que levamos. Ignoremos mesmo se ela ainda está viva. Já foi suficiente termos nós visto o que vimos, sem precisarmos ir aos nossos pais, e pelo mundo inteiro, trombetear a feliz notícia. Pois eles não serão felizes, se ninguém lhes conhecer as riquezas. Ela aprenderá que não somos suas servas, mas suas irmãs mais velhas. Por ora retornemos aos nossos pobres lares, que pelo menos são sóbrios, vamos para junto de nossos maridos. Deixemos passar algum tempo, reflitamos. Vejamos se nos pomos em condições de nos tornar mais fortes, para castigar o orgulho’.

XI. *"As duas malvadas concordaram, achando excelente esse pérfido plano. Esconderam todos os preciosos presentes, e, arrancando os cabelos e arranhando as faces — tratamento bem merecido —, recomeçaram hipocritamente a chorar. Assim, reavivaram a dor dos pais, dos quais tiraram a esperança, e regressaram às pressas para suas casas, sufocadas de louca raiva, para maquinar uma infernal astúcia, um ímpio atentado contra a irmã inocente.*

"Entrementes, recebia Psique novas advertências do desconhecido marido, durante os seus encontros noturnos. ‘Tu vês’, dizia-lhe, ‘quanto perigo te ameaça? A Fortuna te move, à distância, uma guerra de escaramuças. Se não te mantiveres vigilante, ela travará logo um combate corpo a corpo. Pérfidas lobas se esforçam para te apanhar numa armadilha abominável e para te persuadirem a conhecer meu rosto, que é tudo quanto querem. Ora, este rosto, eu te previno sempre, se o vires uma vez, nunca mais o verás. Se, então, futuramente, vierem aqui essas bruxas detestáveis, como sei que virão, armadas de culpadas maquinações, recusa-te a conversar com elas. Ou, se isso é mais do que pode suportar tua natural candura e a ternura do teu coração, pelo menos a respeito do teu marido não escutes nada, não respondas nada. Nossa família se acrescenta, gera-se uma criança no teu útero; divina será se souberes calar e conservar nossos segredos, mortal se os profanares’.

XII. *"A esta nova, Psique, tonta de felicidade, bateu palmas, consolada ao pensamento da divina progenitura. Aturdia-se com a gloriosa esperança desse penhor prometido, e rejubilava-se com a dignidade que lhe conferia o título de mãe. Contava ansiosamente os dias que se somavam e os meses que fugiam, e, portadora novata de um fardo desconhecido, maravilhava-se de que, com uma breve picada, seu ventre se tivesse locupletado tão incrivelmente. Mas já aquelas pestes, aquelas Fúrias horríveis, esguichando o seu veneno de víboras, e animadas de uma pressa ímpia, atravessavam o mar. Então, uma vez mais, o intermitente marido preveniu sua Psique: ‘O último dia e o termo fatal chegaram. Um adversário, que é do teu sexo, e um inimigo, que é do teu sangue, já agarraram as armas, levantaram acampamento, alinharam as tropas e deram o sinal de combate. Tuas criminosas irmãs já desembainharam o gládio e se preparam para mergulhá-lo em tua garganta. Ah! Quantos desastres nos ameaçam dulcíssima Psique! Tem piedade de ti e de nós. Por uma religiosa continência, livra a nossa casa, livra teu marido, livra-te a ti mesma e a esse pequeno ser que nos pertence, das ruínas e do infortúnio que*

nos ameaçam. E a essas celeradas mulheres às quais um ódio homicida fez calcar aos pés os laços de sangue, o que não te permite mais chamá-las de irmãs, evita vê-las e ouvi-las, quando tais sereias, debruçadas no cimo da rocha, fizerem ressoar as pedras com seus funestos chamados’.

XIII. "Psique respondeu com a voz entrecortada de soluços e o rosto lavado de lágrimas: ‘Parece-me que há muito tempo, já, podias ter percebido a minha discricção e a minha consciência. Aprovarás igualmente, no momento, a minha firmeza de ânimo. Assim, ordena só uma vez mais, a Zéfiro, que desempenhe essa incumbência, pois, na falta de contemplar teu sagrado rosto, o que me é recusado, deixa que eu veja ao menos minhas irmãs. Por essa cabeleira perfumada, espalhada em torno de tua fronte; por essas faces macias e de linhas suaves, que se assemelham às minhas; por esse peito, onde queima uma secreta flama; pelo desejo que eu tenho de conhecer tua face ao menos nesta criaturinha que é teu filho, eu te conjuro: concede às piedosas preces de uma suplicante ansiosa, a doçura de poder dar um abraço às irmãs, e com a alegria, devolve a vida à tua Psique, que não existe senão para ti. De teu rosto, de hoje em diante, não quero mais saber. As próprias trevas da noite não têm mais sombra para mim: eu tenho a ti, que és minha luz’.

"Enfeitiçado por estas palavras, e pelos ternos amplexos, ele enxugou as lágrimas de Psique com os cabelos, e prometeu-lhe fazer o que ela pedia. Depois, apressou-se a se desvanecer na luz do dia nascente.

XIV. "As duas irmãs, dupla fraterna conjugada e ligada, sem mesmo visitar os pais, foram, velozes, diretamente do navio ao rochedo e, na sua precipitação, lançaram-se no vazio com louca temeridade, sem esperar a presença do seu portador, o vento. Zéfiro, fiel às ordens do seu senhor, recebeu-as, um tanto contra a vontade, no seio das auras, e as depositou no solo. Elas, sem perder um momento, entraram na casa com apressado passo, abraçaram a presa, da qual, por falsidade, se diziam irmãs, e cobrindo com uma expressão sorridente o tesouro de perfídia que se lhes escondia no fundo do coração, adularam-na com frases lisonjeiras: ‘Não és mais a menina de outrora, Psique; agora, por tua vez, és mãe. Que julgas nos trazes na tua sacolinha? De que alegria vais florir nossa casa! Felizes de nós que serviremos de nutrizes a essa maravilhosa criança. Se sua beleza, como é de esperar, corresponder à dos pais, será um verdadeiro Cupido esse que vai nascer’.

XV. "Assim, com simulada afeição, insinuaram-se no ânimo da irmã. Apressada, ela lhes ofereceu cadeiras para descansarem da fadiga da viagem, os tépidos vapores de um banho para se refazerem, e conduziu-as ao triclinio, apresentando-lhes o mirífico regalo de iguarias deliciosas e de viandas escolhidas. Deu uma ordem, e retiniram as cítaras; uma outra, e as flautas soaram. Uma outra ainda, os cantos se elevaram em coro. E todas essas suaves melodias encantavam os espíritos dos que as ouviam, sem que ninguém se mostrasse.

"Porém, mesmo tais acentos, tão doces quanto o mel, não adoçavam a malvada iniquidade das duas celeradas. Pensavam sempre na armadilha concebida por sua malícia. Travaram uma conversa nesse sentido, interrogando a irmã sem parecer fazê-lo, perguntando-lhe quem era o marido, de que família provinha, de que meio saíra. Psique, na sua extrema simplicidade, esqueceu o que anteriormente dissera e forjou um novo conto: o marido era de uma província vizinha, disse. Tinha grandes negócios. Era um homem de meia-idade com algumas cãs. Depois, encerrando a conversa,

carregou-as novamente de suntuosos presentes e as entregou aos cuidados do seu veículo, o vento.

XVI. *"Feita a travessia dos ares, pelo sopro tranquilo de Zéfiro, regressaram às suas casas, dialogando assim: 'Que dizer, minha irmã, da monstruosa mendacidade dessa tola? Então o adolescente em flor, cuja barba era apenas uma recente lanugem, agora é um homem de meia-idade, de cabeleira salpicada com reflexos de prata. Como ocorreu em tão curto espaço de tempo essa metamorfose em ancião? A única explicação, minha irmã, é que a malvada inventa mentiras, ou então ignora a aparência do marido. De um modo ou de outro, qualquer que seja a verdade, é preciso desalojá-la quanto antes da sua prosperidade. Se ela não conhece a figura do marido, é que foi seguramente um deus que desposou, e um deus nos promete a sua gravidez. Se ela se inculcar como mãe de uma criança divina, que o céu tal não consinta, eu me enforco. Enquanto esperamos, voltemos para junto de nossos pais, e, em continuação a esta conversa, tenhamos alguma astúcia conveniente'.*

XVII. *"Assim inflamadas, saudaram os pais, com ar enfadado. Depois de uma noite perturbada pela insônia, pela manhã estavam fora de si. Correram ao rochedo, de lá voaram prontamente até embaixo, graças ao auxílio costumeiro do vento, e, apertando as pálpebras para fazer sair algumas lágrimas, dirigiram à jovem estas palavras cheias de astúcia: 'És bem feliz, tu que repousas na ignorância do perigo que te ameaça, na felicidade que te assegura o desconhecimento de tua desgraça. Nós, entretanto, que estamos vigilantes para com os teus interesses, atormentamo-nos cruelmente com os teus infortúnios. Pois soubemos de fonte segura, e não pudemos escondê-lo de ti, associadas que estamos à tua pena e à tua prova, o seguinte: uma horrível serpente, um réptil de tortuosos anéis, com o pescoço estufado de baba sanguinolenta, de um veneno temível, a goela hiante e profunda, eis aí o que repousa à noite, furtivamente, a teu lado. Lembra-te do oráculo do deus de Delfos e da besta monstruosa que sua voz profética te assinalava como esposo. Numerosos são os lavradores, caçadores das redondezas, e vizinhos que a viram voltando à noite do pasto próximo, e nadando nas águas do rio que corre mais perto'.*

XVIII. *"'Não será por muito tempo', é o que afirmam, 'que ele diligenciará servir-te. Nem por muito tempo que te nutrirá de substanciosas iguarias, dos manjares mais finos. Mas assim que o fruto que amadurece no teu seio chegar à sua plenitude, tu te tornarás mais aproveitável por tua carne, e ele te devorará. Cabe a ti agora escolher, se queres ouvir tuas irmãs que tremem por tua preciosa existência, entre escapar à morte e viver conosco, sem temer nenhum perigo, ou ter como sepultura as entranhas de uma fera cruel. Se a solidão do campo, habitado por vozes; se o amor clandestino, a repugnante intimidade de noites cheias de perigos, e os abraços de uma serpente venenosa têm para ti atrativos, nós, pelo menos, irmãs piedosas, cumprimos nosso dever'.*

"A estas tristes palavras, Psique, coitadinha, na simplicidade de sua terna alma ingênua, foi apanhada de surpresa. Aturdida, fora de si, esqueceu as advertências do marido e suas próprias promessas. Precipitou-se num abismo de calamidades. Trêmula, exangue, lívida, articulava com esforço, com voz sumida, palavras entrecortadas. Disse:

XIX. *"'Caríssimas irmãs, vós não fazeis senão permanecer fiéis, como convém aos deveres da piedade fraternal. E quanto àqueles que vos afirmam essas*

coisas, não me parecem que inventam. Com efeito, jamais vi o rosto de meu marido, não sei mesmo de onde vem. Somente à noite, e captando apenas o som de sua voz, suporto a aproximação de um esposo cuja condição me escapa e que foge da luz. Sim, dizeis a verdade, é um monstro, e eu tenho todo o direito de pensar como vós. Não cessou de me fazer grande medo, para não tentar vê-lo, e me ameaçou dos piores castigos caso tivesse eu a curiosidade de lhe conhecer os traços. Se podeis agora vir em socorro de vossa irmã em perigo, é o momento. Agir de outra maneira seria destruir, por vossa indiferença presente, o bem do vosso primeiro aviso’.

"Encontrando escancaradas as portas da alma franqueada, descoberta, da irmã, as celeradas, sem mais dissimular, nem recorrerem a maquinações furtivas, desembainharam o gládio da impostura e se apoderaram dos tímidos pensamentos da cândida menina.

XX. "E assim tornou a outra: ‘Os laços do sangue afastam de nossos olhos, quando se trata de tua segurança, até a imagem do perigo. Então, depois de muitas e longas reflexões, nós te indicaremos qual o único caminho que conduz à salvação. Toma uma navalha bem afiada, repassa-a na palma da mão, para poli-la e aumentar-lhe o gume, e, sem ser vista, esconde-a no leito, no lugar onde te deitas sempre. Toma uma lâmpada de fácil manejo, cheia de óleo, de clarão bem vivo, e coloca-a debaixo de alguma tampa. Cerca todos esses arranjos de um segredo impenetrável. Quando, arrastando-se na sua marcha ondulante de réptil, ele chegar até aqui e subir ao leito, segundo o seu costume, e estiver estendido; quando, derrubado pelo primeiro sono, ouvires que ressona e, portanto, dorme profundamente, desliza para fora do leito. Descalça, na ponta dos pés, docemente, e a passos miúdos, vai libertar a lâmpada de sua prisão de trevas. Consulta a lucerna para saber qual o instante mais favorável para efetuar o teu glorioso feito. E, sem hesitar mais, levanta o braço direito, e depois, com todas as tuas forças, num vigoroso golpe da arma de dois gumes, corta o nó que liga à nuca a cabeça da serpente maléfica. Nossa assistência não te faltará, de resto. Aguardaremos ansiosas. Logo que, por sua morte, estiveres livre, acorreremos. Levar-te-emos apressadamente, e contigo tudo que tens aqui. Unir-te-emos a uma criatura humana, a um ser humano, por um himeneu digno de teus desejos’.

XXI. "Tais palavras atearam um incêndio nas entranhas já ardentes da irmã, que elas se apressaram a abandonar, temendo mesmo encontrar-se nas proximidades quando da trágica aventura. Depositadas, como de costume pelas asas do vento, no cume do rochedo, com uma fuga rápida, escapuliram: subiram para seus navios e desapareceram.

"Entretanto, Psique, deixada só, que digo? Só? Ela não estava só; as Fúrias a fustigavam. Agitada pelo desgosto, ela é como o mar de águas em turbilhão. Por firme que seja seu plano, por obstinado que esteja seu ânimo, no momento de executar o crime titubeia ainda, e vacila; sente-se dividida entre emoções contrárias, nela provocadas pela adversidade. Impaciência, indecisão, audácia, inquietação, desconfiança, cólera, e, afinal, no mesmo ser, ela odeia a besta e ama o esposo. Mas a tarde trouxe a noite. Ela precipitou os arranjos para o horrendo crime. O esposo chegou. E depois dos primeiros combates de Vênus, mergulhou num profundo sono.

"Então a Psique, débil, por natureza, de corpo e de alma, o fado cruel fortaleceu. Ela foi procurar a lâmpada e apanhou a navalha: a fraqueza do seu sexo se transformara em audácia.

XXII. *"Mas assim que a oblação da luz revelou, no seu clarão, os segredos do leito, ela viu a mais feroz de todas as feras selvagens, o dulcíssimo, o adorável monstro. Cupido em pessoa, o deus formoso que formosamente repousava. Vendo isso, a própria chama da lâmpada se avivou alegremente, e a navalha amaldiçoou seu corte sacrilego. A Psique tal espetáculo espantou e aturdiu. Com o rosto lívido, descomposto, desfalecente e trêmula, deixou-se cair de joelhos e procurou esconder o ferro, mas no seu próprio peito. Isso teria feito se a arma, pelo temor de tal atentado, não lhe tivesse escorregado das mãos. Mas logo, por mais esgotada, por mais lânguida que estivesse contemplar a beleza do divino rosto restituiu-lhe o ânimo. Viu uma cabeça dourada, uma nobre cabeleira inundada de ambrósia. Sobre um níveo pescoço e faces coradas, erravam cachos, graciosamente enrolados, que caíam uns para a frente, outros para trás, e tão vivo era o seu brilho que fazia vacilar a própria luz da lâmpada. Nas espáduas do deus alado, plumas cintilavam de brancura, como flores orvalhadas, e nas bordas de suas asas, se bem que estivessem em repouso, uma tênue e delicada penugem ondulava, agitada sem cessar por um frêmito caprichoso. O resto de seu corpo era brilhante e liso de tal modo, que Vênus não podia se arrepender de o ter dado à luz. Aos pés do leito estavam pousados o arco, o carcaz e as flechas, armas propícias do poderoso deus.*

XXIII. *"Com ânimo insaciável, Psique, na sua curiosidade, quis examinar, manusear. Admirou as armas do marido, tirou uma flecha do carcaz, provou a ponta no polegar, com um dedinho trêmulo, apoiou-a um pouco mais forte, picou-se apenas o bastante para que algumas gotinhas de sangue rosado perolassem a superfície da pele. Foi assim, que, sem saber, Psique se tomou ela própria de amor pelo Amor. Então, cada vez mais se consumiu no desejo ardente pelo Autor dos desejos: inclinou-se para ele, arquejante de volúpia, beijou-o avidamente com grandes beijos apaixonados, apesar de temer acordá-lo. Mas, enquanto o coração desfalecente se abandonava irresoluto a essa emoção deliciosa, a lâmpada, fosse por baixa perfídia e malícia ciumenta, fosse por impaciência de tocar também e beijar esse belo corpo, deixou cair de sua mecha acesa uma gota de óleo fervente na espádua direita do deus. Ah! audaciosa e temerária lucerna, vil escrava do amor, como ousaste queimar o próprio dono do fogo? Lembra-te que foi um amante que, para possuir por mais tempo, até a noite, o objeto de seus desejos, te inventou primeiro. O deus, sob a queimadura, saltou, e, quando viu a sua fê traída e maculada, arrancou-se dos beijos e dos abraços de sua infeliz esposa e voou em silêncio.*

XXIV. *"Porém, Psique, no mesmo instante em que ele se elevou, agarrou-lhe com as duas mãos a perna direita. Mísera companheira de ascensão, suspensa ao voo pelas plagas além das nuvens, obstinou-se em segui-lo. Por fim, com o extremo cansaço, escorregou para o solo. O divino amante, vendo-a jacente na terra, não a abandonou. Pousou num cipreste vizinho, e, do alto cimo da árvore, profundamente comovido, dirigiu-lhe estas palavras:*

"Eu te confesso, Psique singela, esqueci as ordens de Vênus minha mãe, que te queria cativa de imperiosa paixão pelo mais Ínfimo dos miseráveis, e condenada a uma abjeta união. Fui eu, pelo contrário, que voei ao teu encontro, para ser o teu amante. Era agir levianamente, eu sei. O ilustre Sagitário ferido com suas próprias flechas. Afinal, fiz de ti minha mulher, para que me tomasses por uma besta monstruosa e tua mão cortasse com o ferro uma cabeça onde tu vês olhos que te adoram... Contra isto a que chegamos não te preveni quanto bastasse. No entanto, quanto ouviste de mim de

benévolas advertências! Mas tuas excelentes conselheiras não tardarão a receber de mim o preço de seu pernicioso magistério. Para ti, minha fuga será a única punição'. Terminando estas palavras, voou para o alto e desapareceu.

XXV. *"Entrementes, Psique, prostrada por terra, seguia com a vista, tão longe quanto podia o voo do marido, atormentando a alma com lamentos desesperados. Depois que, levado pelo remígio das plumas, afastou-se o esposo nas alturas do espaço, ela foi-se atirar nas águas do rio mais próximo. Mas o rio indulgente, honrando sem dúvida o deus que inflama até as ondas, e temendo por si próprio, tomou-a depressa num rodamoinho, sem lhe fazer mal algum, e a depôs na margem, na florida relva.*

"Nesse momento, por acaso, Pã, o deus rústico, sentara-se no alto e abraçava Eco, deusa das montanhas, ensinando-lhe a repetir algumas árias. Não longe da água, suas cabras retouçavam aqui e ali, pastavam e ruminavam a folhagem ao longo do rio. O deus de pés de bode, vendo Psique chorosa e desfeita (de resto, não lhe ignorava a aventura), chamou-a bondosamente e serenou-a com palavras lenientes: 'Minha bela menina, não sou senão um camponês e um pastor de rebanhos, mas a idade e a velhice me tornaram rico de experiência. Se minhas conjecturas são justas — e pessoas bem informadas chamam a isto adivinhação —, essa marcha incerta e vacilante, essa extrema palidez, os suspiros contínuos, e, sobretudo, esses olhos rasos de lágrimas, indicam que um grande amor é a causa de tua mágoa. Então escuta: não te precipites nem te faças matar de outra qualquer maneira. Não te entristeças. Esquece o desgosto. Venera, antes, por tuas preces a Cupido, o maior dos deuses, e faze por merecer, por meio de ternas homenagens, o favor do adolescente que ele é, voluptuoso e amigo do prazer'.

XXVI. *"Assim falou o deus pastor. Psique, por toda resposta, adorou seu salutar poder, e prosseguiu a caminhada. Errara já por algum tempo, quando, ao cair da noite, chegou, sem o saber, por um certo caminho, a uma cidade onde reinava o marido de uma das irmãs. Tendo sabido disso, pediu Psique que anunciassem à irmã sua presença. Introduziram-na. Depois dos mútuos amplexos, e saudações recíprocas, aquela perguntou a causa de sua vinda. E assim falou Psique: 'Lembraí-vos do conselho que me destes? A esse monstro que, sob o nome enganador de marido, passava comigo as noites, vós me convencestes a matá-lo com a navalha de dois gumes, antes que ele engolisse a pobre criança que trago nas entranhas, com sua goela voraz. Aceitei o conselho, mas quando a lâmpada cúmplice me mostrou seu vulto, eis que vejo um espetáculo maravilhoso e verdadeiramente divino: era o próprio filho da Deusa Vênus, Cupido em pessoa, que repousava num sono sereno. À vista do esplêndido espetáculo, fui tomada de perturbação tão deliciosa, e de tal excesso de volúpia, que me quedei imóvel. Mas eis que, por um acidente funesto, a lâmpada espirrou na sua espádua uma gota de óleo fervente. Arrancou-o a dor, bruscamente, do sono, e ele, vendo-me armada com a flama e o ferro, disse: Como castigo do teu crime abominável, divorcio-me de ti, toma quanto te pertence e deixa-me. Eu desposarei tua irmã, — e foi teu nome que ele disse — desposá-la-ei, por confarreácio. Depois, ordenou a Zéfiro que com um sopro me pusesse para fora dos limites da sua casa'.*

XXVII. *"Psique não tinha ainda acabado de falar e a outra, sob o aguilhão de uma paixão libidinosa, e agitada pelo estímulo de um maligno ciúme, inventou um conto para enganar o marido, alegou a morte dos pais para sair, embarcou logo num navio, foi direito ao rochedo, e, se bem que soprasse um outro vento,*

cega de ávida esperança, disse: 'Recebe oh! Cupido, uma esposa digna de ti, e tu, Zéfiro, vem servir à tua senhora'. E deu o grande salto no vazio. Mas nem morta pôde chegar aonde queria. Deixando de queda em queda, nas saliências do rochedo, os membros dispersos, teve o que merecia. Suas carnes em frangalhos foram oferecidas como pasto às aves de rapina e às feras.

"Igualmente para a segunda, a vingança não tardou. Pois, retomando a errante caminhada, Psique chegou a outra cidade onde morava a outra irmã. Também esta se deixou embair pela fraterna astúcia. Na impaciência de suplantar a irmã, com um casamento criminoso, correu para o rochedo, precipitou-se, e morreu da mesma morte.

XXVIII. "Neste íterim, enquanto Psique percorria a terra toda, à procura de Cupido, ele, na dor do ferimento feito pela lâmpada, estava deitado, gemebundo, no próprio tálamo materno. Então, a ave de plumagem branca, que em voo rasante aflora a superfície das ondas marinhas, a gaivota, mergulhou veloz no seio profundo do Oceano. Lá estava Vênus, banhando-se e nadando, e dela a gaivota se aproximou. Contou-lhe que seu filho tinha-se queimado, que a ferida era grave e dolorosa, que ele estava de cama em estado gravíssimo, que pelo mundo inteiro corriam rumores e maledicências comprometedoras sobre a família de Vênus. 'Queixam-se', a ave falou, 'de que desapareceste, ele para seguir uma criatura nas montanhas e tu para mergulhares no mar. E desde então, adeus volúpia, adeus graça, adeus doce alegria. Por toda a parte o desmazelo, a grosseria inculta. Não mais uniões conjugais, nem laços de amizade, nem a afeição dos filhos, mas o enorme e abjeto desregramento, o tédio sórdido em todas as ligações'.

"Era assim que a ave indiscreta e tagarela murmurava ao ouvido de Vênus, dilacerando-lhe a honra do filho. A isto, Vênus, irada, exclamou de repente: 'Com que então o meu bom filho já tem uma amiga? Dize-me tu, que és serva afetuosa, o nome dessa que desencaminhou o rapaz ingênuo e ainda inocente, se é do povo das Ninfas, do número das Horas ou pertence ao coro das Graças, minhas servas?'

"A ave loquaz não ficou muda, mas replicou: 'Não sei, senhora. Creio, se não me falha a memória, que é chamada Psique, essa por quem ele está perdidamente apaixonado'.

"Então, indignada, Vênus exclamou, completamente transtornada: 'Psique! Ela, a usurpadora de meu nome e minha rival em beleza? E ele a ama, verdadeiramente? O velhaquete me tomou por uma alcoviteira, e imaginou que eu lhe mostrei essa moça, para que ele a conhecesse'.

XXIX. "Esbravejando desta maneira, ela se apressou a subir à superfície, seguiu direto ao seu rico tálamo de ouro. Encontrando ali enfermo o filho, como lhe tinham anunciado, ainda na soleira da porta gritou com quanta força tinha: 'Honesto conduta a tua, digna da nossa raça e da tua virtude! Para começar, desdenhaste as ordens de tua mãe e tua soberana, o que é pior! E, em lugar de infligir à minha inimiga os tormentos de um amor ignóbil, tu mesmo, rapazinho, sem respeitar coisa alguma, te uniste a ela, com laços precoces demais, penso que para me impor como nora a minha inimiga. Tu te presumes libertino, corruptor, sujeito odioso; pensas que podes constituir o tronco de uma família, e que eu, pela minha idade, não posso mais conceber? Pois fica sabendo, darei à luz outro filho, muito melhor que tu. Ou antes, para tornar a afronta mais sensível, adoçarei um dos meus pequenos escravos domésticos e lhe darei essas asas, essa tocha, e o arco com as flechas, todo o

aparelhamento que me pertence e que eu te confiei sabes para que uso. Pois seguramente tua herança paterna não se contribuiu em nada para esse equipamento’.

XXX. "‘Mas tu foste malcriado desde pequenino. Tens as unhas afiadas. Quantas vezes destrataste teus irmãos mais velhos, sem o menor respeito! Tua mãe mesmo, sim, eu, digo, tua mãe, tu me desnudas todos os dias, parricida. Bateste-me frequentemente, tu me desprezas, como a uma mulher relaxada, dir-se-ia, sem temor nenhum de teu padrasto, esse grande e valente guerreiro. Afinal, por que não? Não tens por acaso o costume, para atormentar meu coração amante, de lhe fornecer meninas para suas galanterias? Mas eu farei com que te arrependas dessas brincadeiras e sintas o ácido e o amargo, nessas núpcias. Mas, desdenhada como sou, que fazer? Para que lado me virar? Como trazer à razão esta pequena víbora? Poderei pedir socorro à minha inimiga, a Sobriedade, que eu tenho ofendido frequentemente, com a própria luxúria deste rapaz? Em verdade, faz-me horror falar com essa mulher grosseira e suja. Mas o consolo que nos traz a vingança não é para desdenhar, venha de onde vier. Então é a ela e a ninguém mais que tenho de recorrer para castigar duramente esse malandro, para esvaziar seu carcaz, desarmar suas flechas, despojar seu arco, apagar a flama de sua tocha, e mais, para acabar com ele com remédios heroicos. Não considerarei vingada a minha injúria senão quando ela tiver raspado essa cabeleira que amiúde, com minhas próprias mãos, acariciei e fiz brilhar como o ouro, e roído essas asas que sobre meu seio inundei de néctar’.

XXXI. "Com estas palavras saiu, a bile fervendo de cólera, a cólera de Vênus. No mesmo instante se lhe juntaram Ceres e Juno. Vendo-a com o rosto alterado, perguntaram-lhe por que esse zangado franzir de supercílios, e o que velava o brilho de seus belos olhos. ‘Oh!’, disse ela, ‘viestes muito oportunamente, para dar ao meu coração ardente a satisfação que ele reclama. Não poupeis esforços, eu vos peço, para descobrir e me trazer essa Psique fugitiva, que voou não sei para onde. Não ignorais, eu creio, o escândalo de minha casa, nem as proezas daquele que não deve mais ser chamado meu filho’.

"Elas, que sabiam o que se passara, tentaram acalmar a ira violenta de Vênus: ‘Que crime, senhora’, disseram, ‘cometeu teu filho, para que com ânimo inflexível contraries seus prazeres e diligências com paixão a perda daquela que ele ama? Ora, vamos, será tão grande crime gostar de se divertir com uma bonita moça? Ignoras que é macho e jovem, ou esqueceste a sua idade? Ou é porque ele carrega gentilmente os seus anos que tu o vês sempre como um menino? Mãe tu és, e mulher cordata. Irás sempre espionar suas folias, acusá-lo de má conduta, reprovar os seus amores e condenar num filho tão formoso as tuas artes e a tua volúpia? A que deus, a que mortal, podes convencer de que tu expandes o desejo entre todas as criaturas, quando na tua própria casa impões aos Amores um amargo constrangimento e fechas a oficina, aberta a todos, do pecado de amar?’.

"Foi assim que, procurando as boas graças de Cupido, por temor de suas flechas, as duas deusas advogaram-lhe a causa, lisonjeando o ausente. Mas Vênus, indignada por ver ridicularizadas as afrontas recebidas por ela, voltou-lhes as costas e, com passo rápido, tomou o caminho do oceano.

LIVRO VI: I. "Entrementes, errava Psique, prosseguindo em suas indagações noite e dia, e, de alma inquieta, ansiava por lenir a cólera do marido com as carícias de uma esposa, ou pelo menos desarmá-lo com as súplicas de uma escrava. Avistando de longe um templo, no vértice de um escarpado monte: 'Quem sabe? ', indagou, 'se não é lá que habita o meu senhor? '. E para lá se dirigiu com passo rápido, estimulada por suas esperanças e desejos, ela que desfalecia já de ininterruptas fadigas. No alto cume, corajosamente escalado, ela se aproximou do altar da divindade. Viu espigas de trigo, amontoadas ou trançadas como coroas, e espigas de cevada. Havia também segadeiras e todas as ferramentas da colheita, mas tudo atirado por ali, jogado com incúria, tal como as teriam deixado, nas horas quentes do verão, as mãos dos trabalhadores. Psique as separou com cuidado, pôs cada uma em seu lugar, e as arrumou com ordem, considerando que, em lugar de negligenciar o culto de um deus, deve-se implorar a todos a sua misericórdia benfazeja.

II. "Quando ela se desempenhava dessa tarefa, com solicitude, Ceres nutriz a surpreendeu e teve uma longa exclamação: 'Mas, como, mísera Psique? No mundo inteiro, Vênus, ansiosa, procura um vestígio teu, te reclama para o extremo suplício e prepara a vingança, usando todo o seu divino poder. E tu, no entanto, zelas os meus interesses e pensas, não na tua salvação, mas em outra coisa? '.

"Então, Psique se atirou aos seus pés, orvalhou-os com uma torrente de lágrimas, e, varrendo o solo com os cabelos, implorou-lhe a graça, com muitas preces: 'Pela tua mão direita, que dispensa os frutos da terra, eu te conjuro; pelos ritos de fertilidade das messes; pelo segredo inviolável dos cestos; pela carruagem alada dos dragões teus escravos; pelos sulcos das glebas sicilianas; pelo carro do rapto e pela terra, guardiã avara; pela descida de Prosérpina para as núpcias tenebrosas; pela volta de tua filha, reencontrada, à luz das tochas; por tudo que cobre de um véu de silêncio o santuário de Eléusis ática, atende à súplica da mísera Psique. Consente que eu me esconda entre os montes de espiga, somente por alguns dias, o bastante para deixar à fúria desencadeada da poderosa deusa o tempo de se abrandar, ou, pelo menos, para que minhas forças esgotadas por um longo trabalho tenham o intervalo necessário a um repouso apaziguante'.

III. "Ceres replicou: 'Tuas lágrimas, tuas preces me comovem e eu desejo te socorrer. Porém, Vênus é minha parenta colateral, e com ela mantenho velhas relações de amizade. É uma mulher excelente. Não quero provocar-lhe o ressentimento. Sai, pois, depressa desta casa, e dá-te por feliz, se eu não te retenho em custódia'.

"Rejeitada, contra toda a esperança, e duplamente aflita, Psique, voltando sobre os passos, ao atravessar a penumbra de um bosque sagrado, num valado, viu, à sombra dele, um templo construído com arte sábia. Não querendo negligenciar nenhuma oportunidade, mesmo incerta, de sucesso, nem de solicitar o favor de não importa que divindade, aproximou-se da divina entrada. Viu oferendas preciosas e, suspensos aos ramos das árvores e nos portais, tecidos sobre os quais estava inscrito em letras de ouro, com o agradecimento de uma graça, o nome da deusa a quem se faziam tais presentes. Psique, ajoelhando-se, cercou com as mãos o altar ainda quente e, depois de ter enxugado as lágrimas, orou:

IV. "'Esposa e irmã do Grande Júpiter, tu que habitas em Samos, que se vangloria, ela somente, de ter sido o teu berço, de ter ouvido teus vagidos, de

ter alimentado tua infância. Tu que frequentas as casas felizes da alta Cartago, a que te honra sob o aspecto de uma virgem percorrendo o céu, levada por um leão. Ou ainda que, junto das margens do Ínaco, que reconhece em ti a esposa do Tonante e rainha dos deuses, proteges os feitos ilustres de Argos. Tu que todo o Oriente venera sob o nome de Zígia, e todo o Ocidente sob o de Lucina, sê para mim, em minha extrema desgraça, Juno Auxiliadora. Tu me vês esgotada por todas as fadigas que tenho suportado. Livra-me do temor de um perigo ameaçador. Não és tu que vens por ti mesmo, sem chamado, em socorro daquelas que vão dar à luz e estão em perigo?'

"Enquanto ela assim rogava, Juno em pessoa lhe apareceu em toda a augusta majestade de seu augusto poder. 'Bem que eu queria', disse, 'podes crer, acolher favoravelmente as tuas súplicas. Mas a honra não me permite ir contra a vontade de minha nora Vênus, que eu sempre estimei como filha. De resto, impede-me também a lei que interdita recolher contra a vontade do dono um escravo fugido'.

V. "Acabrunhada por esse novo naufrágio da fortuna, Psique, não podendo daí em diante procurar o esposo alado, e renunciando a toda e qualquer esperança de salvação, cogitou: 'Tentar o que, em minha desgraça, agora? Como procurar outro recurso, quando as próprias deusas, apesar de sua boa vontade, não me podem dar nenhum apoio? Aonde ir se estou presa por todos os lados por um cordel? Em que abrigo, em que trevas me esconder, para escapar aos inevitáveis olhos da grande Vênus? Que esperas, então? Arma-te de máscula energia, renuncia corajosamente às ruínas de tuas pobres esperanças, entrega-te voluntariamente à tua soberana e senhora, e procura desarmar com tua submissa modéstia, por tardia que seja, os transportes de sua fúria. E quem sabe mesmo se aquele que procuras há tanto tempo não encontrarás lá embaixo, em casa da mãe?'. Tendo assim tomado o partido de uma obediência arriscada, para não dizer de uma perda certa, meditava como deveria começar as súplicas.

VI. "No entanto, Vênus, renunciando a prosseguir suas buscas por meios terrenos, dispôs-se a subir ao Céu. Mandou equipar o carro que Vulcano, o sutil joalheiro, tinha feito para ela, com toda a sua arte, e a ela oferecido como presente de núpcias, antes das primícias do himeneu. Embelezara-o em detrimento do tamanho, e afinando-o com o trabalho da lima, com a própria perda do ouro, tinha-lhe acrescentado valor. Das numerosas pombas que se aninhavam nos beirais da casa da senhora, avançaram quatro, todas brancas, que, com passo gracioso, e curvando o colo nuançado, colocaram-se sob o jugo ornado de pedrarias, receberam a dona e alçaram voo alegremente. Fardais acompanharam o carro da deusa, com suas lascivas brincadeiras e seu pipilar barulhento, enquanto que outros pássaros de canto harmonioso faziam soar docemente sua melodia suave e anunciavam o advento da deusa. As nuvens se afastaram, o Céu se abriu para a filha, o Éter acolheu com alegria a imortal. Não houve encontro com as águias, nem as aves de rapina apareceram para causar terror ao cortejo canoro da grande Vênus.

VII. "Ela se dirigiu diretamente a real fortaleza, morada de Júpiter. Em voz alta, apresentou seu pedido requisitando os serviços de Mercúrio, o deus da voz sonora, para um negócio urgente. Júpiter anuiu, movendo o negro supercílio. Então, Vênus, triunfante, desceu do Céu acompanhada de Mercúrio e começou com ar solícito: 'Tu sabes, não é verdade, meu irmão arcadiano, que tua irmã Vênus jamais fez fosse o que fosse sem a assistência de Mercúrio.

E tu não podes deixar de saber que, há já algum tempo, procuro em vão uma serva minha que se escondeu. Assim, não me resta outro recurso senão publicar, por teu intermédio, o anúncio de uma recompensa a quem a tiver descoberto. Apressa-te, pois, a te desincumbir da missão que te confio. Dá um sinal, para que sem falta a reconheçam, a fim de que, se alguém, contra a lei, tornar-se culpado de a ocultar, não possa invocar a escusa da ignorância'. Ao mesmo tempo estendia-lhe um papel, levando o nome de Psique e outras indicações. Depois, voltou para casa.

VIII. *"Mercúrio não deixou de obedecer. Percorreu a Terra em todos os sentidos, visitou todas as nações, e assim se desincumbiu da proclamação de que estava encarregado: 'Se alguém detiver a fugitiva Psique, escrava, filha de rei, serva de Vênus, ou revelar o lugar em que se esconde que procure Mercúrio, pregoeiro público, atrás das metas de Múrcia, e esse receberá, como prêmio da denúncia, da própria Vênus, sete doces beijos, mais um doce como mel, com um toque da ponta da língua'.*

"Este anúncio de Mercúrio, e o desejo de tão grande prêmio, suscitaram logo entre todos os mortais o zelo. Essa circunstância, mais do que tudo, acabou com as vacilações de Psique. Já se aproximava da casa da soberana, quando ocorreu ao seu encontro uma serva de Vênus, chamada Consuetude, que logo gritou quanto pôde: 'Então, escrava abominável, acabaste compreendendo que tens uma senhora? Ou, com tua temeridade habitual, fingirás também ignorar quantas fadigas sofremos para correr à tua procura? Por felicidade, caíste justamente entre minhas mãos, e estás nas unhas do próprio Orco, pois não esperarás por muito tempo o castigo da tua contumácia'.

IX. *"E arrastando-a brutalmente pelos cabelos, levou-a consigo, sem que ela opusesse a mínima resistência. Quando a viu levada assim presa, Vênus deu uma ampla gargalhada, como fazem as pessoas furiosamente iradas; depois, sacudindo a cabeça e coçando a orelha direita, disse: 'Afim, tu te dignaste a vir saudar a sogra? Ou vieste visitar o teu marido, a quem fizeste uma ferida que lhe põe a vida em perigo? Mas fica tranquila. Eu te receberei como se deve receber uma boa nora'. E: 'Onde estão? ', perguntou, 'a Inquietação e a Tristeza, minhas servas? '. Assim que entraram, Vênus lhes entregou Psique, para que a afligissem, e elas obedeceram às ordens da senhora, magoando com muitos tormentos a pobre criança. Apresentaram-na depois à soberana. Então um novo frouxo de riso sacudiu a Vênus. 'Aí está', disse ela, 'para que eu me apiede, ela conta com a sedução do seu túrgido ventre, cujo fruto glorioso deve fazer de mim uma feliz avó. Verdadeiramente feliz, sim, na flor da idade, tratarem-me de avó, e o filho de uma vil escrava passará por neto de Vênus! Mas eu sou tola. Um filho, eu digo? Não. Os cônjuges são de condição desigual. Demais, um casamento contraído no campo, sem testemunhas, sem o consentimento do pai, não pode ser considerado legítimo. Então este que vai nascer será espúrio, supondo-se que te deixemos levar essa gravidez até o termo'.*

X. *"Assim disse, e caindo sobre ela, despedaçou-lhe as vestes, arrancou-lhe os cabelos, bateu-lhe na cabeça, machucando-a cruelmente. Depois mandou trazer grãos de trigo, de cevada, de milho, de papoula, de ervilha, de lentilha e de fava, tomou grandes punhados, misturou-os, confundiu-os num monte, depois disse, dirigindo-se a Psique: 'Disforme como és, vejo que para ganhar as boas graças de teus amantes contas com teu devotamento ao serviço. Pois bem, eu também quero experimentar se és mesmo diligente. Separa o monte*

confuso das sementes que aqui estão. Faze a triagem dos grãos e arranja-os em ordem. É preciso que tudo esteja arrumado e expedido até à tarde, e então submeterás o trabalho à minha aprovação’.

"Depois de assim ter designado o montão de grãos de várias espécies, Vênus foi a uma festa de casamento. Psique nem a mão estendeu para aquela confusão inextricável, mas, consternada por essa desumanidade, quedou-se num silencioso estupor. Então a formiga, o humilde animalejo dos campos, medindo as dificuldades da tarefa, teve compaixão da companheira do grande deus e maldicou a crueldade da sogra. Correndo ativamente de um lado para outro, convocou e reuniu todo o exército das formigas vizinhas: ‘Piedade, ágeis filhas da terra, mãe de todas as coisas, piedade para uma pobre menina, esposa do Amor, que está em perigo. Acorrei, velozes, para socorrê-la’. Vaga sobre vaga, desfilou todo o povinho de seis patas, e, cada qual mais diligente, todas separaram grão por grão, repartiram, agruparam por espécies, depois se apressaram a desaparecer.

XI. *"No começo da noite, Vênus voltou de sua festa nupcial, úmida de vinho, perfumada, enfeitada de grinaldas de rosas, de cores brilhantes. Quando viu pronto o prodigioso trabalho, disse:*

‘Não foste tu, velhaca, não foram tuas mãos que fizeram a tarefa, mas foi sim aquele a quem és cara, para tua desgraça, por tua desgraça e pela sua’. E atirando-lhe um pedaço de pão grosseiro, foi-se deitar.

"Entretanto, Cupido, sozinho no fundo da casa, prisioneiro num quarto isolado, estava severamente encerrado, tanto para evitar que seu petulante ardor agravasse a ferida, como para o impedir de se unir ao objeto de seus desejos. Foi assim que, longe um do outro, separados sob um mesmo teto, os dois amantes passaram uma noite desesperada.

"Mas antes que a Aurora subisse ao seu carro, Vênus chamou Psique e lhe disse: ‘Vês esse bosque que, junto do rio onde suas raízes se banham, se estende ao longo da corrente, e cujas árvores sombreiam a fonte mais próxima? Ovelhas de tosão de ouro pastam ali sem pastor, errando à vontade. Procura agora um floco de lã desse tosão precioso, não importa como, e traze-mo. Eis a minha vontade’.

XII. *Psique pôs-se a caminho, não, em verdade, para executar a ordem recebida, mas para buscar o repouso de suas desventuras, precipitando-se de uma penha ao rio. Mas, do meio da corrente, um verde caniço, origem de sons melódicos por inspiração divina, ao doce murmúrio da brisa ligeira sussurrou este aviso profético: ‘Atormentada com tantos trabalhos, Psique, não poluas com morte misérrima as minhas águas santas; tenta, porém, aproximar-te das temíveis ovelhas. Quando o sol ardente lhes comunica o seu calor, uma raiva temerosa as galvaniza. Então, com seus acerados cornos, sua testa de pedra, e às vezes com suas mordidas envenenadas, atacam os seres humanos, para matá-los. Mas uma vez diminuído o ardor do sol do meio-dia, o rebanho repousa na serenidade das margens frescas do rio. Daqui até lá, poderás esconder-te sob o altíssimo plátano que bebe onde eu bebo. Desde que se mitigue o furor das ovelhas, e esteja seu ânimo apaziguado, bate as frondes do bosque vizinho. Encontrarás flocos de lã de ouro, que ficam presos nas pontas dos ramos’.*

XIII. *"Foi assim que o caniço, humano e simples, ensinou à atormentada Psique como salvar-se. Não cometeu ela a falta de deixar de prestar atenção a essas instruções, mas teve, pelo contrário, o cuidado de as seguir*

cuidadosamente e furtou facilmente o macio toão de ouro fulvo, tanto quanto bastasse para levar uma boa porção a Vênus. Nem o êxito desta segunda prova foi reconhecido por ela que, franzindo os supercílios, disse, com um sorriso amargo: 'Eu não me engano. Sei quem é o autor desta nova astúcia. Mas desta vez eu saberei averiguar se realmente tua alma é corajosa e tua prudência inigualável. Vês tu o cume desta montanha escarpada, dominando o altíssimo rochedo? Lá se encontra uma fonte sombria. E ela a origem do negro curso d'água que, recolhido na bacia escavada no vale vizinho, se transforma nos pantanais do Estige e alimenta as ondas retumbantes do Cocito. Eu quero que, no próprio cimo, onde a fonte jorra das entranhas da terra, apanhes um pouco de sua água gelada e ma tragas sem demora, nesta pequena urna'. E assim dizendo, entregou-lhe um vaso talhado em cristal, e acrescentou algumas terríveis ameaças.

XIV. *"Psique, apertando o passo, dirigiu-se para o alto da montanha, para encontrar ali ao menos o fim de uma vida lamentável. Mal chegou às proximidades do cimo, viu a vastidão da empresa e suas dificuldades mortais. O rochedo era desmesuradamente alto, íngreme, liso, inacessível. As próprias entranhas da pedra vomitavam águas repugnantes que, escapadas das aberturas inclinadas, resvalavam ao longo da encosta, traçando um caminho por um estreito canal, onde se perdiam e caíam despercebidas, no vale próximo. À direita e à esquerda das cavidades das rochas, emergiam, arrastando-se sobre o ventre, alongando o pescoço, dragões sanguinários, cujos olhos feitos para a vigília não se fechavam jamais, cujas pupilas velavam, perpetuamente abertas à luz. Além disso, as águas, dotadas de voz, se defendiam a si mesmas. 'Afasta-te!' e 'Que fazes? Abre os olhos!'; 'Que pensas? Vamos!' e 'Foge!' e 'Morrerás' clamavam sem cessar. Então, ao ver a impossibilidade da tarefa, em lápide se mudou Psique, pois seu corpo estava presente, mas os sentidos estavam longe. Literalmente esmagada pelo peso de um perigo inexplicável, não lhe restava nem o supremo consolo das lágrimas.*

XV. *"Mas as penas da alma inocente não escaparam aos olhos graves da boa Providência. Apareceu, de repente, de asas estendidas, a ave real de Júpiter soberano, a águia rapace. Lembrando-se de que outrora, ministro complacente, havia, sob a direção de Cupido, raptado para Júpiter o escansão frígio, quis, com um auxílio oportuno, obsequiar o poderoso deus nos trabalhos de sua esposa, Abandonou então os radiosos caminhos da abóbada celeste e voou para diante da moça, dirigindo-lhe a palavra: 'Ah! Tu, simples como és, e inexperiente nessas coisas, esperas então que dessa fonte, terrível e sagrada, possas furtar algumas gotas, ou pensas que possas mesmo atingi-la? Os próprios deuses, sem excetuar Júpiter, temem as águas estígias, não ouviste contar? E os juramentos que fazes pelo poder dos deuses, fazem os deuses pela majestade do Estige. Porém, dá-me essa ânfora'. Apanhou-a, rodeou-a com as garras, e, diligente, balanceou a massa oscilante das asas, estendeu os remígios à direita e à esquerda, passou entre os dragões com seus maxilares de dentes cruéis e as línguas onde vibrava um dardo tríplice. As águas se afastaram, advertindo a águia com ameaças, para que se retirasse sem nada tomar. Ela respondeu que viera por ordem de Vênus, que estava a seu serviço, e essa invenção lhe garantiu acesso um pouco mais fácil.*

XVI. *"Assim, Psique recebeu com alegria a urnazinha cheia e se apressou a levá-la a Vênus. Mas mesmo então não pôde satisfazer a implacável deusa, que, ameaçando-a com piores e maiores castigos, apostrofou-a com um riso*

infernal: 'Tu me pareces uma grande feiticeira, e muito versada em malefícios, para ter obedecido a ordens como as minhas. Mas há ainda, minha pequena, um serviço que me deverás prestar. Toma esta caixinha', e entregou-lhe uma, 'desce aos infernos, e passa entre os penates do próprio Orco. Lá, apresentarás o cofre a Prosérpina e lhe dirás: Vênus te pede que lhe envies um pouco da tua formosura, apenas a ração de um dia. A que ela possuía, gastou-a completamente em cuidar do filho enfermo. Mas não voltes tarde demais. Preciso untar-me com isso antes de ir a um espetáculo no teatro dos deuses'.

XVII. *"Mais do que nunca, sentiu Psique que sua fortuna atingia um clímax, e compreendeu que a lançavam abertamente, sem disfarce, à morte. E então? Não a forçavam a ir com seus próprios pés, ela mesma, ao Tártaro, entre os manes? Sem hesitar mais, dirigiu-se a uma alta torre, para se precipitar de lá. Seria, pensava, o caminho mais direto e mais próprio para descer aos infernos. Mas a torre, subitamente, começou a falar: 'Por que', perguntou ela, 'desgraçada criança, procurar a tua destruição, atirando-te daqui? Para que, nesta derradeira prova, neste derradeiro trabalho, desistires de tudo, sem motivo? Uma vez separado do corpo, o teu espírito, irás sem dúvida, ao fundo do Tártaro. Mas não poderá voltar mais, de maneira nenhuma. Escuta-me:*

XVIII. *"A Lacedemônia, cidade ilustre da Acaia, está situada não longe daqui. Nas suas fronteiras, o Tênaros desliza para lugares afastados. Descobre esse lugar. Lá se abre uma entrada para a casa de Dite, e pelas portas hiantes se divisa um ínvio caminho. Logo que franqueares a soleira, segue por ele e chegarás diretamente ao palácio de Orco. Mas não vás avançar assim de mãos vazias, através das trevas. Segura em cada uma delas um bolo de farinha de cevada, amassado com vinho e mel, e leva na boca duas moedas. Quando tiveres atrás de ti boa parte da estrada que conduz à casa dos mortos, encontrarás um burro coxo, carregando lenha, e um burriqueiro com o mesmo defeito. Este te pedirá que lhe apanhes alguns cavacos caídos de sua carga. Mas não profiras nenhuma palavra; passa adiante. Logo chegarás ao rio da morte, com seu barqueiro Caronte. Ele exigirá primeiro que lhe deixes o direito de passagem. É com esta condição que, na sua barca de couro costurado, ele transporta os viajantes para a margem oposta. Vê, pois, que mesmo entre os mortos impera a avareza, e um deus como Caronte, preposto de Dite, não faz nada de graça. O pobre, quando morre, deve-se munir do viático, e, se lhe acontece não ter o dinheiro na mão, não lhe permitirão dar o último suspiro. A esse velho esquelético, darás, a título de estipêndio, uma das peças que levores, porém de maneira que ele a tome de tua boca, com sua própria mão. E não é tudo. Durante a travessia da água preguiçosa, um ancião morto, boiando à superfície, levantará para ti as mãos podres, e te suplicará que o puxes para o barco. Mas não te deixes arrastar por uma piedade que te é proibida.*

XIX. *"Quando tiveres atravessado o rio e caminhado um pouco, velhas tecelãs, tecendo um pano, te pedirão para lhes dares um auxílio. Não toques no seu trabalho, não tens direito. Isto será uma das muitas armadilhas engenhadas por Vênus, para te fazer largar pelo menos um dos bolos. Não julgues fútil a recomendação a respeito de cevada, nem que o prejuízo seja leve. Se perderes um deles, acabou-se para ti a luz do dia. Pois um cão gigantesco, de três enormes cabeças — monstruoso e formidável animal que, contra os mortos a quem já não pode fazer nenhum mal, lança, do fundo das fauces, latidos como trovões, que os encham de vão terror —, mantém-se na*

soleira do sombrio átrio de Prosérpina, como sentinela vigilante da casa deserta de Dite. Joga-lhe como presa um dos bolos. Ele amansará. Passando por ele, sem mais dificuldades penetrarás então em casa da própria Prosérpina. Ela te receberá graciosamente e com bondade; convidar-te-á para sentares numa poltrona macia, e para tomares um opíparo repasto. Mas tu, senta-te no chão, pede um pão grosseiro. Depois de comer, dize-lhe o que te leva e toma o que te for apresentado. Na volta, apazigua o cão furioso com o bolo que te restar. Darás em seguida ao avaro barqueiro a moeda que tiveres reservado, e, uma vez atravessado o rio, calçarás o vestígio dos teus primeiros passos e voltarás a ver enfim nosso céu, e ouvirás os coros siderais. Porém, de todas as minhas recomendações, a mais importante é esta: não tentes abrir a caixa que trouxeres, nem examines seu interior. Em suma, guarda-te de qualquer movimento de curiosidade, a respeito do divino tesouro de beleza que ele encerra'.

XX. *"E assim a torre, que via longe, fez o seu vaticínio. Psique foi sem demora para o Tênaros. Devidamente munida das moedas, assim como dos bolos, desceu rapidamente o corredor infernal, passou sem nada dizer pelo almocreve manquitola, deu ao barqueiro uma peça como portagem, permaneceu insensível ao pedido do morto que flutuava na superfície das águas, desdenhou os pedidos insidiosos das tecelãs, acomodou a raiva terrível do cão, atirando-lhe o bolo para comer, e penetrou, afinal, na casa de Prosérpina. Sem aceitar nem cadeira macia nem iguarias requintadas, que lhe oferecia a anfitriã, sentou-se a seus pés, no chão, e, contente com um pão grosseiro, expôs a missão de que a encarregara Vênus. Em segredo, encheram a caixinha, fecharam-na, e Psique a recebeu. Com o auxílio do segundo bolo, ela enganou o cão e silenciou a besta que latia, deu em pagamento ao barqueiro a peça que lhe restava, e, com passo bem mais ligeiro, saiu dos infernos. Mas assim que, reencontrando-o, adorou o branco lizeiro do mundo, apesar da pressa que tinha de chegar ao fim da prova, uma curiosidade temerária se lhe apoderou do espírito. 'Então, sou tão boba que vá levar a beleza divina, sem tirar nem um pouquinho para mim e agradecer assim, quem sabe, o meu formoso amante? '.*

XXI. *"Ainda falando, abriu a caixa. Mas naquele cofre não havia nada. De beleza nem sinal. Nada senão um sono infernal, um verdadeiro sono do Estige, que, libertado de sua caixa, a tomou toda, infundindo em todos os seus membros uma espessa letargia, e estendendo-a, em colapso, no caminho, no próprio lugar onde pousara o pé. Ei-la, pois, jacente, imóvel, como um cadáver adormecido.*

"Mas Cupido, com seu ferimento já cicatrizado, convalescia. Como não podia suportar a longa ausência de Psique, escapara pela alta janela do quarto onde o tinham encerrado. Revigoraram-se-lhe as asas durante o tempo de repouso. Com um voo mais rápido que nunca, reuniu-se à sua Psique, afastou com cuidado o sono, fechou-o de novo dentro da caixa, no lugar que ali ocupava. Depois, despertando Psique com a inofensiva picada de uma de suas flechas, disse-lhe: 'És vítima uma vez mais, desgraçada criança, da curiosidade que já te perdeu. Agora vai, acaba a missão de que te encarregou minha mãe. O resto compete a mim'. Com estas palavras, o amante alado retomou o voo e Psique se apressou a levar a Vênus o presente de Prosérpina.

XXII. *"Entrementes, Cupido, devorado por um excesso de amor, e com a feição dolente, temendo acima de tudo a súbita austeridade da mãe, voltou às*

antigas atividades. Com rápido voo, penetrou até o Céu, apresentou sua súplica ao grande Júpiter, e advogou sua causa junto dele. Júpiter, então, tomando-lhe com a mão a face, atraiu-o a si, para beijá-lo e disse-lhe: 'Nunca, senhor meu filho, tu me prestaste as honras às quais tenho direito, com o consentimento de todos os deuses. E este peito, onde se dispõem as leis dos elementos e dos movimentos dos astros, tu feres continuamente com teus golpes, e lhe infliges, sem nenhum respeito, a vergonha de fraquezas e aventuras terrenas. Com o desprezo das leis, da própria Lei Júlia, e da moral pública, tu comprometes, nas torpezas do adultério, minha honra e minha reputação, dando aos meus traços augustos forma aviltante de uma serpente de fogo, de um animal selvagem, de uma ave, de qualquer besta. Não me importa. Lembrar-me-ei, de boa vontade, que crescestes entre as minhas mãos. Farei o que me pedes, com a condição, todavia, de que, conhecendo teu dever, fiques de olho aberto contra os teus êmulos, e, se existir atualmente sobre a Terra uma beleza inigualável, que ma ofereças em recompensa do benefício presente'.

XXIII. *"Deu então ordem a Mercúrio, para convocar depressa todos os deuses em assembleia, proclamando que quem faltasse ao encontro celeste incorreria numa multa de dez mil sestércios. Com esta ameaça, encheu-se logo o anfiteatro do Céu, e Júpiter, dominando os outros do alto do seu elevado trono, assim falou:*

'Deuses conscritos, cujos nomes estão no registro das Musas, aqui está um adolescente que criei com as minhas mãos, como vós todos sabeis. Achei que é preciso pôr um freio aos impetuosos ardores de sua primeira juventude. Assim, ele tem dado o que falar, pelo escândalo cotidiano de seus adultérios e tolices de toda espécie. Tiremos-lhe a ocasião e acabemos-lhe com a luxúria de adolescente, encadeando-o com os laços do casamento. Ele escolheu uma moça e tirou-lhe a virgindade. Que a conserve, que a guarde para si, e, unido a Psique, possa fruir para sempre do seu amor'. Depois, voltando para Vênus a face, disse: 'E tu, minha filha, não te entristeças, e que esta aliança com uma mortal não te inspire nenhum temor pela prosápia de tua ilustre casa. Farei com que esse casamento não seja desigual, porém um matrimônio legítimo e conforme com o direito civil'. Então, ordenou que Mercúrio fosse procurar Psique e a conduzisse ao Céu. Estendendo-lhe um copo de ambrosia: 'Toma, Psique', disse-lhe, 'e sê imortal. Jamais Cupido se desembaraçará dos laços que o ligam a ti. As vossas núpcias são perpétuas'.

XXIV. *"No mesmo instante, serviu-se um opíparo banquete nupcial. No triclinio de honra, acomodava-se o marido, que tinha Psique entre os braços. Vinham, depois, Júpiter com sua Juno, e todos os deuses, por ordem de importância. Aí o copo de néctar, que é o vinho dos deuses, foi apresentado a Júpiter pelo jovem rústico seu escansão. Os outros eram servidos por Liber; Vulcano era o cozinheiro, as Horas enfeitavam tudo de rosas e de outras flores, as Graças espargiam perfumes, as Musas cantavam com voz harmoniosa. Depois, Apolo cantou acompanhando-se com a cítara, e Vênus, ritmando os passos com a doce música, dançou formosamente. Formou-se depois uma orquestra onde as Musas cantaram em coro, enquanto um Sátiro tocava flauta e um Panisco soprava a sua flautinha campestre. Foi assim que Psique passou, conforme os ritos, para as mãos de Cupido. Chegado o momento, nasceu-lhes uma filha que chamamos Volúpia."*

TRÊS LEITURAS SOBRE O MESMO TEMA: NEUMANN, LÓPEZ-PEDRAZA, OCTAVIO PAZ

Escolhemos esses autores porque cada um deles representa uma corrente de pensamento, com postulações diversas, demonstrando que o mito em questão permite inúmeras leituras simbólicas. Ao compararmos-os, ressaltamos a opção por expressar as ideias dos autores preferencialmente em suas próprias palavras. Pretendemos mostrar visões de embasamentos teóricos diferentes, para depois, na tessitura que faremos adiante com o cotejamento dos autores, apresentarmos ideias e reflexões pessoais.

Erich Neumann (1995)¹ considera o mito “Eros e Psique” um desenvolvimento da psique feminina, o que, a princípio, já sugere uma proposição psicológica desenvolvimentista e, em alguns aspectos, reducionista, pois um mito refere-se à proposições da psique como um todo e não só à psique feminina. Rafael López-Pedraza (2010) faz amplificações em bases míticas, seguindo a linha de pensamento da psicologia arquetípica. Octávio Paz (1994) discorre sobre o tema homônimo do ponto de vista filosófico, desde o Amor para Platão até as ideias de amor cortês da Idade Média, as quais ainda influenciam nossa visão atual do assunto.

Segundo Neumann (1995, p.53), Psique enfrentará “núpcias de morte”, anunciando a ocorrência de um ritual feminino de entrada para a vida adulta, o que, para o matriarcado, equivale a raptos/estupro. A psicologia feminina matriarcal vê o macho como violador, hostil e portador de morte; morte da virgindade e, portanto, da infância; morte da relação mãe-filha: a experiência de deixar a menina morrer em si para o nascimento da mulher.

¹ Erich Neumann (Berlim, 23/01/1905– Tel Aviv, 05/11/1960), psicólogo e escritor, tido como um dos mais talentosos alunos de Jung, recebeu o Ph.D. em Filosofia pela Universidade de Berlim, em 1927. Mais tarde, mudou-se para Tel Aviv, retornando regularmente, e por muitos anos, para Zurique (Suíça), visando realizar estudos no C. G. Jung Institute. Lecionou também na França, Inglaterra e Holanda, tendo sido membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica e presidente da Associação Israelense de Psicologia Analítica. Clinicou em psicologia analítica na cidade de Tel Aviv, de 1934 até sua morte, em 1960 (www.wikipedia.org).

Pelo lado da grande Afrodite, Psique deve ser castigada por ter cometido a *hybris* de se achar tão bela quanto a deusa. Ela aceita o destino de morrer (Neumann, 1995, p.58) e é levada para as núpcias. Eros a resgata e ambos passam a viver encontros noturnos, o que equivale a dizer um apaixonamento inconsciente, no qual o intenso erotismo sexual os une sem que haja outra escolha. Psique está apaixonada pelo Amor, como união de categorias universais, arquetípicas e, não, por opção pessoal. São dois princípios presentes no inconsciente, formando um conjunto sem a participação da consciência, ainda.

Surgem, na sequência, suas irmãs, com forte e marcante inveja. Neumann sugere tratem-se dos complexos que compõem os aspectos sombrios de Psique. São elas que a levam a se movimentar e sair do paraíso da inconsciência e questionam as proibições feitas por Eros: por que Psique não pode ver o marido, nem saber quem ele é? Podemos compreender “as irmãs” como complexos autônomos que se constelam, gerando consciência. Se antes a moça vivia uma embriaguez nos braços do marido, necessário se faz, agora, que se empenhe a caminho da amplificação da consciência psíquica (reflexiva) feminina.

“[...] a vida de Psique é uma vida de sombras, uma vida nas trevas, um êxtase da sensualidade, num estado de perfeita servidão através do sexo, que sem dúvida pode ser mencionado como um demônio, um monstro” (Neumann, 1995, p.62).

A paixão se configura como um monstro que subjuga o ser, tal qual o oráculo previra. A partir do momento em que Psique desperta e deseja saber quem é o marido, uma ilha de consciência emerge e aí se inicia a trajetória rumo a ser psique. Como paralelo, podemos pensar na saída de Adão e Eva do Paraíso. Os rudimentos do ego, apartados do grande inconsciente, nas experiências e encontros no mundo, despertam cada vez mais a consciência.

Ela abandona a inconsciência infantil, o receio e o ódio ao masculino,² deixando de ser vítima. Sua feminilidade torna-se consciente por meio do encontro.

². No presente trabalho, entenda-se por *feminino/masculino* a personificação de um dos inúmeros pares de opostos encontrados nas psiques de homens e mulheres, como princípios complementares. O *masculino* surge como poder, decisão, racionalidade, implacabilidade, julgamento, discriminação, solaridade, intelectualidade, meta, limite, firmeza, atenção, vontade, cognição, diferenciação, fertilização, virilidade, pensamento. Já o *feminino* vem como acolhimento, umidade, desejo, interioridade, brandura, calor emocional, paixão, irracionalidade, relacionamento, passividade, sedução, lunaridade, sentimento, recepção, profundidade. No *Dicionário de Símbolos*,

Psique, à luz do conhecimento, ama, de fato, Eros: “[...] trata-se do momento trágico em que toda a alma feminina assume seu próprio destino” (Neumann, 1995, p.67).

Desse momento em diante, ambos se enfrentarão como iguais. Ela não mais lhe está submetida, mas enfrentar-se e enfrentá-lo significa separar-se do outro, deixar a ambiguidade da simbiose original e experimentar um eu e um tu. “Com seu ato heroico, ela expulsa Eros e a si mesma do paraíso da inconsciência urobórica original” (Neumann, 1995, p.68).

Ainda Neumann:

“[...] ela rompeu a participação mística com seu parceiro e lançou a ambos no destino da separação, que é a consciência. O amor como expressão da totalidade do feminino não acontece nas trevas, como um processo simplesmente inconsciente; um encontro legítimo com o outro envolve a consciência, a despeito da separação e do sofrimento” (1995, p.70).

Aqui, o autor pontua que o amor individual de Psique se revolta contra o preceito mitológico coletivo do êxtase sensual e do princípio do prazer, personificado por Afrodite. Nos primórdios, tudo está unido, os princípios estão indiscriminados, faz-se necessária a separação dos opostos para que possa haver, futuramente, sua reunião na consciência.

“Por mais paradoxal que isso possa parecer, a infeliz Psique precisa primeiro conquistar o amante, ou melhor, precisa desenvolvê-lo. Do filho amante de Afrodite, ela precisa transformá-lo num amante humano, e Eros primeiro tem de ser resgatado de uma esfera transpessoal da Grande Mãe, para voltar à esfera pessoal da humana Psique” (1995, p.73-74).

É preciso se dar a humanização do arquétipo.³ De uma perspectiva desenvolvimentista, Eros tem que esquecer o que ficou para trás, a infância e o apego à mãe, para seguir em frente. Afrodite é uma mãe que não demonstra a mínima preocupação com o fato do filho se tornar um homem adulto e se casar. Seria necessário um Eros desleal, que esquecesse a mãe e se submetesse a abandonar a primeira amada

Chevalier e Gheerbrant (1997, p.599) dizem que: “[...] é evidente que o homem e a mulher não são totalmente masculinos, nem totalmente femininos. O homem comporta um elemento feminino, e a mulher, um elemento masculino. Todo símbolo masculino ou feminino apresenta um caráter oposto. [...] Essas duas palavras, masculino e feminino, não se limitam, portanto, à expressão da sexualidade. Elas simbolizam dois aspectos complementares ou perfeitamente unificados do ser, do homem, de Deus”.

³ Os arquétipos são “formas típicas de apreensão”, isto é, padrões de percepção e compreensão psíquicas comuns a todos os seres humanos como membros da raça humana (Hopcke, 2011, p.23). “[...] é necessário sublinhar o fato de que os arquétipos não têm conteúdo determinado; eles só são determinados em sua forma e assim mesmo em grau limitado” (Jung, 1963, p.352).

de sua vida. Como nele não há esse movimento, será Psique que orquestrará toda a história até que Eros, mediante seu amor por ela, torne-se um amante humanizado, capaz de se dedicar, paritariamente, à noiva.

Iniciam-se as tarefas com as quais Afrodite põe à prova Psique:

A primeira, o monte de sementes misturadas que precisam ser separadas, representa segundo Neumann (1995, p.76-77), o símbolo de “uma mistura urobórica do masculino”. Psique estaria se opondo à promiscuidade de Afrodite por meio de um princípio ordenador instintivo: Ela possui, em si, um princípio inconsciente que lhe permite selecionar, peneirar, correlacionar, avaliar e, portanto, encontrar seu próprio rumo no meio dessa confusão do masculino.

É interessante notar que o autor fala de “promiscuidade de Afrodite” e “confusão do masculino”. Podemos refletir que tanto o masculino quanto o feminino, nesse ponto, são princípios primordiais pouco discriminados. Intrapsiquicamente, as confusões iniciais se dão quando ainda não existe um princípio ordenador de consciência, que mais tarde poderá ser uma consciência reflexiva. Tal tarefa indica o início da “psiquização” dos princípios naturais, isto é, o que antes era indiscriminado e instintivo, passa a ser cada vez mais psíquico.

Os carneiros enfurecidos, na segunda tarefa, são animais solares, símbolos do poder tirânico masculino. O junco, conselheiro de Psique, está associado às águas profundas. Seu conselho é que espere até o entardecer para ter uma relação amorosa fecunda com o masculino. O confronto solar entre masculino e feminino seria desastroso. A solução não é de luta, mas o estabelecimento de um contato criativo.

O conselho é de espera. Aguardar, ter paciência, é qualidade do feminino, que gesta a melhor hora para que algo venha acontecer. Tudo tem seu tempo: a própria natureza, como feminino primordial, nos ensina seus ciclos.

Para Neumann (1995, p.82), os dois primeiros trabalhos são problemas eróticos: Psique apreende o masculino em si, isto é, a cada passo, conhece Eros em si mesma e integra, aos poucos, o masculino e o deus e obtém conhecimento para lidar com ele. Ela precisa aprender a separar e discriminar, e também a lidar com as forças poderosas do poder masculino, por meio da espera e da parcimônia. Essa é a

possibilidade do princípio da *coniunctio* que ela começa a preparar em si mesma: inicia-se a aproximação dos opostos.

A próxima tarefa, a fonte das águas que alimentam os rios Cocito e Estige, une o superior e o inferior. É o fluxo da vida que desafia a contenção. Representa a vida no seu fluir, até a morte: “como ‘urna-mandala’, como recipiente da individuação, Psique terá de conter o fluxo energético da vida dando-lhe unidade e forma” (Neumann, 1995, p.83).

O fluxo da vida é energia do inconsciente, poder gerador masculino – o poder fecundante arquetípico – que penetra para fecundar. Conter a energia arquetípica sem ser destruído por ela é uma tarefa insolúvel para o ego.

Simbolicamente, podemos pensar que Psique, grávida, seria a representação do próprio vaso que contém as águas da vida. Ela deve aceitar ser o vaso que contém a renovação, sem, no entanto, confundir-se com a divindade que cria e regenera a vida. Psique, como personagem que coagula simbolicamente as funções atribuídas ao ego, não pode ter o domínio dessas forças vitais, elas não pertencem ao ego, mas ao *Self*. Só a águia de Zeus (representante do deus) pode colher a água da vida.

Neumann (1995, p.88) nos diz que nas três primeiras tarefas Psique teve ajudantes do inconsciente, mas que a quarta será realizada por ela mesma (consciência). Será aconselhada pela torre, que é, segundo o autor, símbolo da cultura humana, posto tratar-se de uma construção ‘artificial’ e não um atributo da natureza. Nessa tarefa, Psique irá se confrontar com o feminino central arquetípico: Afrodite-Perséfone. Como as poderosas deusas representam um feminino coletivo, ela fará um caminho de individuação, separando-se deste grande feminino arquetípico. Terá que realizar o caminho heroico e irá sozinha, devendo trazer algo dos mundos inferiores para o mundo superior (do inconsciente para a consciência).

Para sua execução, Neumann aponta a curiosa proibição da “piedade ilícita” (Brandão, 1992, p.218) que desestabiliza o ego. Essa piedade refere-se à ajuda indevida a quem não merece, não precisa ou não pode ser ajudado. O desvio do caminho próprio para prestar esse tipo de ajuda, pode levar à perda do foco. Há que não correr o risco de se distrair e sair do caminho da conscientização. Quando a empreitada exige uma meta, não podemos cuidar do que não se refere ao cumprimento do trabalho.

Psique necessitará enfrentara morte de frente, conscientemente. Só se vence o caminho heroico depois da conquista de competências que vão além da simples sabedoria instintiva: “a grande tarefa de Psique é sair da esfera matriarcal e, em seu amor consciente por Eros, alcançar a esfera psíquica, ‘a experiência feminina do encontro’, que é o pressuposto para a individuação feminina” (Neumann, 1995, p.92).

Para superar o quarto desafio, ela terá de buscar o creme da beleza imortal – a eterna juventude da morte. Segundo Neumann, ela fracassa e precisa fracassar:

“Quando Psique decide abrir a caixinha que tem nas mãos e usar o creme da beleza imortal, deveria estar consciente do risco a que se expunha, visto que a torre a advertira suficientemente. Mesmo assim, decidiu roubar para si o que conseguira a tão duras penas, em vez de entregá-lo à Grande Mãe, Afrodite” (1995, p.96).

A princípio, Psique sacrifica o paraíso da inconsciência pelo seu desenvolvimento espiritual. Nesse instante, ela está disposta a sacrificar todo o seu ganho espiritual para conseguir a beleza eterna de Perséfone (Neumann, 1995, p.96). Quer ser bela para Eros. O autor entende que ela decide, delibera e assume o risco de trair a Grande Mãe, o que lhe permite se diferenciar, embora caia em um sono de morte pela atitude tomada. No entanto, seu aparente fracasso provoca a intervenção de Eros. Ao ver a amada em perigo, ele sai do castelo de sua mãe e corre para salvá-la, desafiando as ordens de Afrodite. Ao deixar de obedecê-la, isto é, libertando-se do complexo materno, pode ir ao encontro da *anima*. De menino aventureiro e imaturo, preso à mãe, torna-se um homem heroico e másculo. Por seu desamparo feminino e pela necessidade de ser salva, Psique libertou o “encarcerado Eros”:

“Com essa ação, o princípio divino experimenta uma situação única, característica e nova. O amante divino, pelo sacrifício contido na morte de Psique, transforma-se de garoto ferido em homem redentor, pois em Psique ele encontra o que só existe no centro humano-terreno, entre o céu e o inferno: o mistério do renascimento feminino do amor. Através do aperfeiçoamento da sua feminilidade e do seu amor, ela provocou a perfeita masculinidade de Eros” (Neumann, 1995, p.99).

Psique se apodera do que trouxe da rainha dos inferos. Não entrega sua conquista à Afrodite e ao se apossar de sua preciosidade, inclui algo que pertencia ao reino subterrâneo, oculto e invisível à luz, ao conhecimento. Promove a passagem de conteúdos do inconsciente para a consciência. A beleza de Perséfone é o princípio do belo imortal, arquetípico, pertencente à esfera dos deuses e, portanto, ao âmbito dos

arquétipos. Segundo Neumann (1995, p.100), Psique traz para o humano a beleza divina e, principalmente, ousa se apoderar de novas possibilidades para a consciência:

“O que recebera de Perséfone, ela traz consigo e lhe pertence com toda a razão. Seu ato consiste em *não* entregar o conquistado a Afrodite, mas em apossar-se dele e, como um Prometeu de saias, passar a preciosidade que pertence à dona dos infernos para a psique humana. Com isso realiza um feito heroico, pois o herói sempre devolve ao âmbito da personalidade humana o tesouro que, originalmente, era possuído e guardado pelo dragão do inconsciente” (1995, p.100; grifo da autora).

Para Neumann (1995, p.101), durante todo o mito, Afrodite é mãe terrível, mas é quem coloca Psique em ação. É esse aspecto “mau e perseguidor” que estimula o desenvolvimento e acarreta a individuação.

Em suas primeiras três tarefas, Psique põe em movimento forças masculinas e começa a conhecê-las. A partir do conhecimento dos aspectos masculinos, em si mesma, ela pode colocar em ação consciente as forças que a ajudam, a princípio, de forma inconsciente, ativando seu próprio lado masculino.

Na quarta tarefa, o “fracasso de Psique” não apenas libera um Eros másculo e adulto, como incrementa o contato com seu feminino profundo.

“O verdadeiro segredo Psique guardou até mesmo de Eros e contra a sua resistência, pois o segredo indizível do seu amor só é demonstrado na vida de Psique, nas suas ações e na sua mudança. Embora Psique fale tudo o que havia para falar, essa semente íntima do seu amor continuou em segredo. Até mesmo Eros só o reconheceu com o autossacrifício de Psique, pois o que ele compreendia como amor só transformou o segredo do amor numa experiência viva para ele, através do amor de Psique. Conquanto até então somente experimentara o amor como um alegre jogo dos sentidos, cometido no escuro e como um impulso instintivo a serviço e de acordo com Afrodite, através do ato de Psique ele sentiu o amor como um caminho da personalidade que, através do sofrimento, leva a uma mudança que conduz à iluminação” (Neumann, 1995, p.108-09).

Psique, unida a Eros em seu amor, é algo totalmente novo e diferente do amor de Afrodite ou de qualquer outra deusa. Vale lembrarmos que no mito de Psique os acontecimentos e feitos são determinados pelo parceiro feminino. Eros não chega sozinho aos estágios de transformação, mas por meio das ações e sofrimentos de Psique. Quando o masculino é dirigido pela psique (*anima*), o eu desiste de liderar e o *Self* assume o comando. Acontecem aí os processos de criação e de iniciação. O ego se

rende ao *Self* e permite que este, por meio da figura da *anima*, leve o processo para a possibilidade da individuação.

Neumann descreve o mito de “Eros e Psique”, a princípio, como um caminho de desenvolvimento da psique feminina, mas termina demonstrando que não é apenas Psique que se transforma, pois sua evolução também transforma Eros. Estamos diante do mito do relacionamento por excelência. Recordemos que quando duas “substâncias” (termo extraído da alquimia) se misturam ambas se modificam. A apresentação do mito aponta o caminho egoico de desenvolvimento até a possibilidade de individuação. Psique, por meio de suas provas, desenvolve-se até atingir sua iluminação ou divinização (subida ao Olimpo), enquanto Eros, por meio de Psique, humaniza-se e aprende a amar com alma.

Já Rafael López-Pedraza (2010)⁴ nos conduz ao mito contando que a beleza de Psique era tão diferente e maravilhosa que as pessoas a veneravam como se fosse ela a própria Vênus (Afrodite)⁵.

Na mítica, Afrodite se apresenta de duas formas diversas: Afrodite Urânia Celestial e Afrodite Pandêmia. Afrodite Celeste, filha das espumas, é fonte de toda a vida. É a representação do amor em sua manifestação mais intensa e sublime. Simboliza a atração irreprimível para fecundar a natureza e guarda em sua simbologia todos os predicados e competências representativas do amor e beleza. Quando humanizada, propicia elementos essenciais à relação amorosa, bem como ao exercício do amor humanitário, ao embevecimento diante do belo e à vivência do prazer. [...] O nascimento de Afrodite Pandêmia, que significa etimologicamente ‘a venerada por todo o povo’ e, posteriormente, a ‘popular, a vulgar’, surge da união do grande deus do Olimpo, Zeus, expressão simbólica da virilidade, do poder, com a

⁴Rafael López-Pedraza nasceu em Santa Clara (Cuba), em 1920. Entre 1963 e 1974, viveu em Zurich (Suíça) e estudou psicologia no C. G. Jung Institute. Estabeleceu-se em Caracas (Venezuela), onde trabalhou como analista. Entre 1976 e 1989, foi professor de Mitologia na Escola de Letras da Universidade Central de Venezuela. Escreveu diversos livros, entre eles *Hermes e seus filhos* e *Sobre Eros e Psique*. Morreu aos 90 anos, em Caracas, em 10/01/2010. É reconhecido internacionalmente por seu trabalho sobre mitologia (www.wikipedia.org).

⁵ Afrodite é o nome grego dado à deusa Vênus, assim chamada pelos romanos. Assim como teremos Zeus para Júpiter dos romanos; Hera (grega) para Juno na mitologia romana; Deméter na terminologia grega, para Ceres latina. Prosérpina (romana) é a Perséfone grega; Cupido é o Eros grego e Plutão latino, é Hades na mitologia grega.

divina Dione. Afrodite Urânia é o princípio do amor e traz vida à terra, enquanto Afrodite Pandêmia perde suas características celestiais e passa a ter atributos ligados à sedução e beleza para atração sexual. Esta é a dimensão da deusa que pertence ao humano (Lindenberg, S. R. C. In: *Mitologia Simbólica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p.181-82).

López-Pedraza levanta como primeiro ponto o mal-entendido da psique dos mortais: a confusão entre Psique e Vênus, isto é, entre o ego e o *Self*, o humano e o divino, o complexo e o arquétipo. E descreve Vênus como a deusa da atração sexual, carnal, que promove as imagéticas sexuais, a deusa que torna possível a terra habitada, com Psique, por seu turno, representando a beleza psíquica. A confusão desperta o ciúme e a inveja de Vênus. Neste ponto, poder-se-ia dizer que Vênus cobiça a adoração que Psique recebe, e também a inveja. Em Apuleio (1963, livro IV, canto XXX), a deusa se queixa, indignada, do fato de ter que compartilhar com uma simples mortal as honras dos fiéis. Sente-se profanada e argumenta que não pode ser representada na terra por alguém destinado à morte. Proclama-se como a deusa mais bela, a mãe da natureza e promete castigar amargamente àquela que provocou tal confusão na mente dos seus adoradores, até que lamente a própria beleza.

López-Pedraza (2010, p.29) diz que Vênus, ao expressar esta raiva, mostra-nos outro aspecto de seu ciúme. Quando disse: “farei lamentar-se até dessa sedutora formosura”, ela fala de uma beleza diferente da sua, que é física. Vênus se inquieta com a beleza psíquica e torna-se extremamente ciumenta quando esta aparece no mundo. À beleza física e sexual, à atração corporal que é o germe de onde brota o que chamamos fantasia sexual, contrapõe-lhe outra: a de Psique.

Indignada, Vênus chama seu filho, Eros. Nesse ponto, o jovem surge como um menino travesso, trabalhando sob as ordens da mãe. Vênus o incita com suas palavras e ordena que ele faça Psique se apaixonar pelo mais abjeto dos mortais. Suas palavras são inflamadas, cheias de raiva. Ela conjura o filho a fazer por ela a vingança desejada (Apuleio, 1963, livro IV, canto XXXI).

López-Pedraza aponta para uma importante compreensão do mito: o relato *não* pode se referir a nada que se relacione ao ego. Usualmente, acreditamos que nos apaixonamos porque o ego decide apaixonar-se, mas o conto diz que existe uma trama interior que nos faz cair perdidamente apaixonados por um homem ou uma mulher. A paixão é arquetípica, e não uma escolha da consciência.

O tipo de vingança que a deusa propõe vem mediante a miséria do amor. Podemos nos apaixonar por alguém, e isto pode ser uma enfermidade mortal ou fonte de grandes desgraças, donde se infere que toda relação tem um *pathos*. E a relação subsiste, cresce e amadurece conforme esse *pathos* seja integrado (López-Pedraza, 2010, p.31).

No reino dos mortais, entretanto, os pais de Psique são tomados de angústia pelo fato da filha estar doente de corpo e alma e condenada à solidão, pois todos os pretendentes a consideram bela, mas nenhum a pede em casamento por vê-la como a própria encarnação da deusa. Aos deuses temos veneração, adoração e não amor.

O autor (2010, p.37) nos chama a atenção para a imagem da alma que espera e às vezes se impacienta, mas cuja energia central é a paciência. Psique sofre, porque espera. Está esperando, sem ter consciência que espera. Mas não acontece nada, pois Amor não chegou a ela. Aqueles que ficam encantados em vê-la não têm a força atrativa que desenvolverá nela a capacidade de sofrer, de fazê-la conhecer-se e de criar-se a si mesma. A iniciação de Psique não poderá ser feita pelos que com ela ficam encantados, mas não a põem em movimento para fazer alma. Psique tem necessidade de eleger o psíquico em sua vida e não se identificar com a consciência coletiva. É a partir do sofrimento que ela fará alma.

Seus pais decidem, então, consultar o oráculo de Apolo, que prevê a tragédia que se aproxima. López-Pedraza (2010, p.31) nos relata as bodas de morte previstas pela Pítia:

“Não será ninguém deste mundo, o noivo será um monstro alado assustador, que provoca inquietude e amedronta deuses e mortais. Ela deverá ser exposta num rochedo, em trajes nupciais e esperar pela captura do consorte” (Apuleio, 1963, livro IV, canto XXXII).

As bodas com a morte são essenciais na situação mitológica básica do conto. A exposição, na montanha, a espera pelo monstro que buscará a noiva, o mistério mortal e as bodas fúnebres são temas arquetípicos nos mistérios do feminino.

Lembremos que a descrição que o mito traz para o “monstro” é perfeita, pois este, além de representar a morte da donzela e a separação da família de origem, é a mais fidedigna imagem da paixão

“que destrói tudo metodicamente a sangue e fogo, diante de quem treme o próprio Júpiter, se acovardam atemorizadas as divindades e retrocedem

horrorizados os rios infernais e as trevas do Estige. [...] monstro que tem asas e voa pelo éter, que semeia inquietude por todas as partes” (Apuleio, 1963, livro IV canto XXXII).

Essa é a própria descrição de Eros e dos sentimentos que ele provoca nos deuses e homens. Como sempre, o oráculo fez uma leitura certa do destino de Psique, a qual o aceita com aparente passividade.

López-Pedraza (2010, p.29-32) descreve uma segunda apresentação para Eros: antes um menino travesso, agora um ser da estirpe do dragão. O autor nos mostra que o anúncio do oráculo assinala a presença do demoníaco e das profundezas. O dragão e a serpente sempre se referem, no inconsciente, a algo inumano, seja no sentido de ser divino ou demoníaco. A parte inumana, fria e demoníaca de Eros se relaciona com o estado inconsciente, que anuncia profundas mudanças ou uma nova consciência à qual nos remete a boda fúnebre de Eros e Psique.

No entanto, apesar dos pedidos de Vênus, seu filho se apaixona perdidamente por Psique, e vice-versa. Psique desce ao castelo de Eros e tudo acontece em êxtase, na obscuridade, em um estado de não saber e não ver. Ela só pode sentir e ouvir. López-Pedraza (2010, p.44), então, chama-nos a atenção para a paralisação da psique. Não há tensão nos opostos, portanto nada acontece, nada se move, é um estado de magia. É uma vivência mais neurótica que erótica, pois o psíquico não entra em confronto e não reflete. Além disso, Psique torce para que nada mude sua realidade de eterno presente. Nas palavras do autor: “É um estado em que se trata de evitar qualquer fricção, mas, certamente, à custa de um grande estancamento no qual não é possível obter o conhecimento psíquico que provém do sofrimento”.

E ele prossegue, mostrando que a vida de Psique transcorre como ordenada pela lei natural. Ela não se ocupa de questionar o que há de estranho em seu cotidiano e sua solidão. Acostuma-se com o que parecia fora do comum, inicialmente, transformando-o em algo “natural”. As vozes que a atendem em seus mais diversos desejos preenchem sua desolação. Assim, completa-se o quadro neurótico, por seu caráter repetitivo e pouco criativo. Segundo o autor, a neurose é um estado psíquico paralisante, em que não aparece a reflexão (López-Pedraza, 2010, p.44).

Surgem os pais e as irmãs de Psique. O próprio Eros induz Psique à depressão, ao contar que estes, tendo-a como morta, desesperados, buscam seu rastro. Ao trazer o

passado de Psique à tona, o comentário de Eros inicia-lhe um movimento: a consciência de aprisionamento se insinua. No estado de paixão inicial, o tempo parece suspenso, os amantes vivem no tempo circular do inconsciente, onde tudo se repete como na natureza primordial. Ela se dá conta de que é uma cativa, encerrada entre os muros de uma luxuosa prisão, e que está privada de toda conversação humana, o que lhe aprofunda a depressão.

Simultaneamente à angústia de Psique, Eros se ressentido por se julgar insuficiente para a amada. Tudo deveria estar bem, pois ela está em seus braços, mas a consciência crescente da amada o deixa perturbado.

O passado de Psique volta à sua memória, o que traz conflito na inconsciência em que ela vive no castelo. Vemos, agora, uma manipulação de poder que Eros exerce sobre Psique. Nas prevenções que ele faz, um jogo de poder demoníaco nos mostra que algo já não está funcionando e que há uma ambiguidade. Por um lado, pede que ela se mantenha em sua condição estacionária e repetitiva. Por outro, apresenta-lhe elementos que incitam conflitos e atritos, geradores de novos estados de consciência. Eros e Psique começam a promover um complô inconsciente (López-Pedraza, 2010, p.47).

Toda vez que Eros e Psique se polarizam, o par de opostos que eles representam se afastam e saem do estado de fusão. No final do mito, podemos ver a reunião, discriminada, deste par. No inconsciente, os opostos estão unidos, mas de forma indiscriminada. Para que possa haver “re-união” das polaridades na consciência, é necessário que se faça a separação.

Nessa altura da narrativa, vamos recordar como os elementos sombrios estão sempre provendo movimento psíquico em nossa heroína. Inicialmente, o ciúme de Vênus provoca o primeiro movimento de Psique. É o que a incita no caminho do conhecimento psíquico. A seguir, outro elemento sombrio surge no complô do inconsciente: a inveja. Assim, vemos que a consciência de Psique começa a se formar quando a inveja das duas irmãs a mobiliza, criando o conflito que move a história (López-Pedraza, 2010, p.49).

Segundo López-Pedraza (2010, p.49), podemos ver as duas irmãs, e Psique, como uma imagem interior de conteúdos em conflito dentro de nós mesmos; é como se tivéssemos elementos que invejam o psíquico. Ou melhor, é possível dizer-se que

Psique, apesar de seu nome, ainda não vive psiquicamente. Isto é, se existem em nós elementos que invejam, não será porque invejam o psíquico em nós, mas, sim, o que deveriam ser e ainda não são. A aparição da inveja mostra que o invejado costuma ter algo que se quer obter facilmente. Mas o ganho fácil não tem relação com os ganhos de Psique, no final do conto. Estes requerem muito tempo e dor.

Eros permite a Psique ver suas irmãs, mas a adverte que não se deixe persuadir a querer ver seu marido. Sugere que agrade as irmãs, mas não permita que elas lhe abram os olhos. Nesse duplo controle, de reter e soltar, Eros induz a curiosidade em Psique. Para o autor, Eros, racionalmente, mas de maneira muito indireta e inconsciente, começa a mobilizar Psique para o conhecimento de suas essências (López-Pedraza, 2010, p.50-51). E as essências de Eros contêm a possibilidade de que Psique possa ver o outro como é e não como tem visto até então, no castelo encantado (do inconsciente).

O autor (2010, p.55) aponta um Eros mais ativo que o mostrado por Neumann, ainda que bastante inconsciente. As irmãs têm uma explosão de cólera por constatar todas as riquezas que cobrem de felicidade a caçula. Voltam às suas casas tramando uma pérfida vingança. A relação entre elas está definitivamente alterada pelo novo sentimento de luta interior para ultrapassar o que o outro ostenta.

Eros conta à Psique que ela está esperando um filho. Psique grávida gesta uma nova substância psíquica. O fato recente, representado pela criança, anuncia um novo tempo e uma integração de possibilidades ainda não vividas. É interessante notar que com as palavras de Eros, este já se anuncia como um deus: “[...] pois vamos ter uma família: tu que até agora eras menina, levas em teu seio outra criança, que será um deus se sabes calar e guardar nosso segredo; se o profanas, nosso filho será um simples mortal” (López-Pedraza, 2010,p.60).

Psique, ainda muito inconsciente, não o escuta. Novas perdas e separações terão que acontecer antes que ambos possam se encontrar como um par simétrico. Com a ousadia de ver Eros, Psique provoca a ferida do amor. Olham-se um ao outro, ferem-se e se machucam. Esse impacto poderoso faz com que se separem dos seus laços inconscientes. Dor e sofrimento são elementos que, se bem assimilados, provocam transformações na consciência.

Eros voa para longe e Psique, desesperada, tenta o suicídio, jogando-se em um rio. Este, contudo, por respeito ou temor ao próprio deus (que pode inflamar até as águas), deposita-a de volta em suas margens. Pã, o deus rústico, estando próximo naquele momento, dá à menina o seguinte conselho: “não tente contra sua vida, invoque Cupido humildemente e sua submissão trará seu amor de volta” (López-Pedraza, 2010, p.65).

Quando Psique entra em pânico pelo rompimento com Eros (Cupido), é justamente Pã quem a resgata. “Como se o rompimento lhe tivesse feito perder o contato com os instintos (com Pã) e o próprio Pã a conectasse de novo com sua instintividade através de um novo estado de consciência que é o de submissão” (López-Pedraza, 2010, p.66). Render-se é a palavra-chave. O autor diz que a submissão implica uma introspecção e que é um freio para Psique. Mas se a lentificação da submissão é aqui requerida, isso aponta para o que acontecia até aquele momento: a inflação. A inflação do conforto do castelo e do crer-se dona da própria vida.

Segundo López-Pedraza (2010, p.66), o psíquico, no conto de Apuleio, surge como submissão. É esse um novo estado de consciência, respaldado pelo arquétipo ou pelo deus que o rege. Psique está quase pronta para um novo passo no caminho de sua iniciação, mas para isso precisa deixar a inveja para trás e, por consequência, livrar-se das duas irmãs.

A moça vai ao encontro de cada uma e conta como o plano sugerido por elas, finda por colocá-la em desgraça, com a expulsão do castelo de seu marido, e acrescenta que Eros gostaria de ter essa irmã como esposa. Cada uma, por sua vez, atira-se do despenhadeiro, encontrando apenas a morte certa.

Conta o mito, que naquele tempo as coisas, na Terra, vão de mal a pior. Eros está ferido e Afrodite (Vênus) retirada para os mares. Eles se ausentam do convívio dos humanos e tudo se torna feio, grosseiro, desagradável, pois a graça, a amabilidade e a fecundidade mingam. López-Pedraza (2010, p.69-70) nos diz que há, aí, a falta de regulação do arquétipo: a relação Vênus-Eros não funciona. Os dois elementos arquetípicos precisam estar em harmonia para regular a vida amorosa. Como eles estão cindidos, a vida das pessoas carece de beleza, sedução e encanto. Quando o arquétipo

não regula, está em desequilíbrio, a energia enviada é negativa ou louca. Nesse estado, não há relações verdadeiras com o mundo e com as pessoas, pois não existe amor.

Afrodite expressa sua raiva e seus desejos de vingança. Percebe que apesar de não desejar, torna-se responsável por apresentar Eros à Psique, o que, por fim, propicia o apaixonamento dos dois. Afrodite representa o amor sensual, carnal e, especialmente, o desejo sexual. Quando negamos esse desejo em nossas vidas a deusa se manifesta, por meio de nossas patologias. Além disso, nossa fantasia do paraíso terreno, senso estético e gosto pela beleza e ordem também emanam desse arquétipo.

A grande deusa, enfurecida, vai à procura de Eros e desaprova a escolha do filho, demonstrando enorme ciúme castrador e ameaçando retirar seus atributos. Exasperada, segue ao encontro de Juno (Hera), deusa do matrimônio e esposa de Zeus e de Ceres (Demeter) grande mãe nutriz e mãe de Prosérpina (Perséfone). Ambas mantêm neutralidade e tentam lhe mostrar que o filho já tem idade suficiente e que ela não pode mais vigiar seus amores. Enfurecida, ela se recusa a aceitar que Eros prove de suas próprias leis amorosas. O desenvolvimento do filho, não permitido pela mãe, parece se anunciar. López-Pedraza (2010, p.74) vê no encontro com Demeter e Hera que o princípio do psíquico é que Eros se mova para fora do materno, mas o materno (Afrodite) se opõe a tal realidade: “A psique deve ser feita e sofrida fora do complexo materno, fora da história que pertence à relação com a mãe”.

Desta feita, é Psique que se encontra com as duas grandes deusas. De início, adentra no templo-granja de Deméter, quando aparece um primeiro ordenamento básico: Psique respeita e apreende o viver psíquico que cada deusa rege. Aprende a ter tolerância frente ao funcionamento de cada deus que povoa nosso inconsciente, sem os quais a vida psíquica não seria possível. Depois, encontra-se com Hera, que a aconselha a enfrentar Afrodite e se confrontar com seu ciúme vingativo. Segundo a deusa do matrimônio, só assim Psique pode voltar a encontrar Eros (López-Pedraza, 2010, p.76). Podemos deduzir que somente após discriminar-se do coletivo, representado pelo grande inconsciente, ela pode, de fato, fazer uma escolha de consciência.

Psique vai ao encontro de Vênus. Ao chegar ao palácio da deusa, Costume, uma de suas escravas mais cruéis, aguarda. O autor nos alerta para o fato de “[...] ‘Costume’ ser o lado mais ritualístico no viver venusiano. Porém o costume, feito

tiranía, com aparência de compulsão, está a um passo do vício. Costume é uma serva de Afrodite que pode nos escravizar. O seu chicote pode petrificar a vida” (López-Pedraza, 2010, p.77).

Há psiques dominadas pela força do costume, cujo resto dos dias é vivido nessa escravidão. Psique é maltratada por Costume, mas esta a leva até Vênus que, por sua vez, entrega-a para Ansiedade e Tristeza, outras duas ajudantes.

Chama-nos a atenção o fato da deusa do amor ter nada menos que Ansiedade e Tristeza como escudeiras. Isso nos faz crer que as questões sadomasoquistas que envolvem o amor são partes arquetípicas da natureza humana (López-Pedraza, 2010, p.78). Salientamos que, do ponto de vista da psicologia arquetípica, tudo faz parte da expressão do arquétipo, inclusive o “*pathos*”. O arquétipo tem múltiplos lados e todas suas expressões traduzem-no como um todo. Nas palavras de Hillman (2010, p.221) temos uma magnífica descrição do valor do “patologizar” na construção da alma:

“A experiência patológica confere um indelével sentido de alma, diferentemente daquele que pode ser dado através do amor ou da beleza, da natureza, da comunidade ou da religião. O ‘fazer alma’ da patologia possui seu distinto sabor, sua salinidade, seu amargor; sua ‘esfoladura’, ‘ferida’ e ‘sangramento’ tornam-nos torturadamente sensíveis aos movimentos da psique. A patologia produz uma consciência de alma intensamente focada, como quando se suporta uma dor sintomática, – sobriamente, humildemente, cegamente. Ela dá ao herói uma pequena fígada no calcanhar, aquele ponto fraco que relembra ao ego a morte, a alma. [...] Em meu sintoma está minha alma”.

Depois que as ajudantes se enfurecem com Psique, a própria Vênus mostra sua crueldade com palavras terríveis, ameaças de não poder dar a luz à criança que traz no ventre, além de cair sobre ela, despedaçando-lhe as vestes, arrancando-lhe os cabelos e golpeando em sua cabeça, sem piedade. Ainda que maus tratos dessa magnitude possam acabar com uma vida, paralisando a psique, a menina se recompõe (López-Pedraza, 2010, p.78).

Nesse ponto, o autor nos chama a atenção para a questão da culpa:

“[...] se lemos com cuidado o conto, vemos que os tormentos que são infligidos a Psique é porque é culpada; concretamente, Psique é culpada da chaga de Eros. [...] Há complexos na gente, pedaços de história tão carregados de culpa que podem nos paralisar, adoecer ou nos levar a estados onde todo o viver está impulsionado por sentimentos autônomos de culpa. Há vezes em que sentimos como se a vida estivesse condicionada pela culpa e todo o esforço girasse ao seu redor” (2010, p.80).

“Na culpabilidade existe uma inflação: uma identificação com elementos que nos ultrapassam... Identificamo-nos com forças impessoais, com algo que não nos pertence, com arquétipos e deuses que estão além de nossas possibilidades humanas; e assim estamos nos desumanizando. Como estamos inflados, a psique não se move e não há possibilidade de abrir caminho a novas imagens que nos nutrem e vivificam. [...] Psique é iniciada, dessa forma, na imagética da crueldade (afrodisíaca e erótica) que muitas vezes acompanha o amor. Com esses atos iniciatórios, Psique se prepara para a série de trabalhos que virão a seguir e se fortalece para transformar esses conteúdos e enriquecer a personalidade, sem destruir-se pela culpa” (López-Pedraza, 2010, p.81).

Psique recebe ordens de realizar as tarefas propostas por Afrodite. São comandos cheios de crueldade, com os quais a deusa pretende livrar-se da oponente. Simbolicamente são tarefas que colocam Psique em movimento e atualizam aspectos desconhecidos para a consciência.

Na história, podemos entender que a crueldade exercida sobre Psique a empurra para a loucura. Assim, as torturas, a Ansiedade, a Tristeza e a própria Afrodite, com o trabalho de classificar os grãos, levam-na a um estado psicótico. A dissociação se configura na imagem do quarto, cheio de grãos e em total confusão. López-Pedraza (2010, p.83) aponta que não é a vontade de Psique, mas sua conexão com o emocional que evoca as formigas a colaborar com ela. Cotejando o referido autor, salientamos que tais insetos representam pequenas forças do inconsciente que, sozinhas, não realizam nenhuma tarefa, mas que em conjunto, são capazes de organizar uma massa informe, aparentemente “louca” e confusa. Elas distribuem, agrupam conteúdos que, juntos, são enlouquecedores, separam o que é nutriente do que é dejetivo. Assim, a consciência pode atualizar um aspecto por vez.

O próximo momento é o enfrentamento dos carneiros ferozes. De acordo com o autor (2010, p.85), a temida força destruidora do masculino solar projeta-se neste animal. O conto descreve que quando o Sol se encontra no zênite os carneiros estão mais furiosos e destrutivos. É a representação do ponto mais luminoso da consciência. O brilho desta consciência intensa e unilateral faz com que nos identifiquemos com ela. Tal identificação pode nos levar à destruição. O olhar sobre o significado dos carneiros como representantes do princípio masculino destruidor surge também em Neumann, que aponta a necessidade de Psique conectar-se com as águas profundas que sustentam o junco, para encontrar a saída. Ambos os autores concordam, sendo que López-Pedraza salienta a necessidade de se mergulhar – deprimir – para recolher o que é preciso e

precioso. Do âmbito psíquico depressivo, sai uma resposta para a tarefa. Amplificando o pensamento do autor, e fazendo uma ponte para questões contemporâneas, podemos acrescentar na reflexão um novo par de opostos: paciência e impulsividade. Quando ativamos nossa consciência solar, o tempo se acelera compulsivamente, mas quando refreamos, podemos amadurecer uma consciência mais branda e encontrar respostas mais integradas com a nossa alma.

López-Pedraza (2010, p.92) nos chama a atenção que, no conto, a espera pelo pôr do sol é diferente das anteriores: a primeira é a espera passiva, em desolação, de uma menina bela demais que aguarda um pretendente, mas vive no limbo. Espera sem corpo psíquico. A outra, ainda é de uma consciência que chama a não fazer, representada por Eros, que aconselha Psique a não receber as irmãs e a não desejar vê-lo. Pã, por sua vez, instiga Psique a “esperar acontecendo”, para atuar no momento correspondente. Está aí a espera no corpo psíquico que a leva à ação madura, momento em que aparece a criatividade reflexiva. “Esta não se produz quando a ideia está no zênite do céu e sob impulsos devoradores, mas na frescura da tarde, quando a ideia amadureceu o suficiente e os impulsos estão em repouso”.

Comparando os dois autores, podemos notar em Neumann uma preocupação com a situação de masculino e feminino e o quanto essas relações podem variar de inimizade até contribuição amorosa. Por outro lado, em López-Pedraza, encontramos a proposta do mergulho interno e do enfrentamento da depressão e suas esperas, além da criatividade da resposta a partir da psique, como um todo.

Segundo este, o próximo passo de Psique vai mais fundo para dentro dela e a aprofunda na geografia da depressão: é pedido à moça que traga um frasco cheio de água da nascente do Estige. Citando Karl Kerényi, o autor diz que ao Estige estava associado o ódio e que o ódio se defende a si mesmo (López-Pedraza, 2010, p.94-95).

Assim, a tarefa imposta a Psique é ter a consciência do ódio. Esta consciência está representada pelo fato de poder extrair um pouco das odiosas águas do Estige em um pequeno recipiente, algo que as contenha. A fala das águas nos adverte para o fato de podermos perecer quando enfrentamos uma situação de ódio. Há de se ter muito cuidado, pois há risco (López-Pedraza, 2010, p.95).

Prosseguindo sua análise, o autor aponta para a presença do ódio, inconsciente na psique, que sem um jarro que o contenha pode nos adoecer somática e psiquicamente. “Como substituto da afetividade, esse ódio pode nos tornar loucos e uma Psique inundada pela imagem do ódio vai se movendo até a destrutividade”(2010,p.96). Diante desse sentimento nada podemos fazer e, somente por intervenção divina, (Zeus/Júpiter) Psique pode recolher a porção exata de consciência do ódio que precisa.

Citemos o que López-Pedraza fala sobre o equilíbrio entre a bondade e o ódio:

“Se formos apenas bons, o ódio se torna cada vez mais inconsciente e destrutivo. O juramento grego era por Zeus e pelas sagradas águas do Estige. Isto é, o ódio era sagrado. ‘Tão sagrado como horripilante’, diz Apuleio. [...] Se prestarmos bem atenção, veremos que esse pouquinho de ódio na pequena vasilha, mais ou menos consciente, é energia fundamental que pode nos mover a competir criativamente” (2010, p.100).

Aprofundando o pensamento do autor podemos concluir que retirar o ódio da sombra e integrá-lo à consciência é tarefa difícil e importante no processo de individuação. Como em nossa herança de consciência coletiva cultivamos o lado unilateral da bondade e conciliação, a raiva e os sentimentos tidos como negativos ficam alojados na sombra. Esse ódio, atualizado e utilizado na consciência em uma quantidade necessária, assim como as projeções reconhecidas e recolhidas, são fundamentais para a ativação da capacidade de competir e nos defender.

Para a tarefa atual, Neumann e López-Pedraza têm pontos de vista bastante diferentes. Enquanto o primeiro fala da intensa energia do inconsciente e seu poder fecundante arquetípico, que precisa ser contido em uma porção que a consciência possa suportar, sem ser destruída por ela; o outro nos conta da consciência do ódio, o lado sombrio e intenso de uma energia primordial. Ambos se aproximam apenas no que diz respeito à exata consciência do intenso poder do arquétipo, e na ideia de que uma força dessa magnitude deve ser integrada em pequenas porções.

Afrodite se queixa de ter gasto sua beleza nos cuidados com o filho doente. A forma que ela encontra para recuperá-la é pedir empréstimo dos conteúdos de outra expressão arquetípica. Trata-se de uma mudança radical, uma vez que ela busca a aproximação com a morte, com a beleza da morte, que não é a beleza física. É uma beleza secreta que vem a partir da depressão e contato com o finito (López-Pedraza,

2010, p.103). Uma beleza introvertida, oposta à extroversão de Vênus, que ordena à jovem que desça aos Ínferos em busca do cosmético de beleza da deusa Perséfone.

Psique, até então, é auxiliada por diferentes deuses ou elementos que os representam: Pã, a ninfa Cana, a águia de Zeus. Vale comentar que Pã a aconselha a não perder a ligação erótica com a vida, pois a redenção vem por meio do amor. Cana a ensina a esperar o momento certo de agir e mobilizar sua competência para aproximar-se do masculino, sem se ferir. Zeus lhe dá a compreensão de que os conteúdos terríveis do inconsciente precisam de contenção para ser enfrentados. Embora todos os conteúdos já tenham se atualizado em sua consciência, diante do desafio final ela ainda se desespera e deseja a morte. Nesse instante, as instruções provêm da torre.

O autor nos recorda que Jung diz que a torre é a energia sexual transformada em símbolo. E, também, que ela pertence, com toda probabilidade, à categoria dos símbolos fálicos, tão rica na história dos símbolos. O *phallós* é energia sexual transformada em imagens interiores, em conexões interiores. Em outras fontes mitológicas encontramos *phallós* associado a Hermes, o deus das transformações da psique, o guia para o subterrâneo (López-Pedraza, 2010, p.105). É um deus representado por um falo. Do início do mito, com Psique inconsciente e escravizada aos instintos, até os conselhos da torre (energia sexual transformada em imagens interiores), a psique se transforma gradativa e intensamente.

Todo herói que vai ao Hades precisa enfrentar seu medo da morte e a inevitável morte de algum aspecto em si. Assim, López-Pedraza (2010, p.106) acrescenta que a descida ao recinto dos mortos, o descenso na depressão necessita de instruções muito precisas. Mais um passo na iniciação ao psicológico da depressão é sugerido a Psique. Para o autor, a descida da jovem é um enxergar mediante a mitologia do subterrâneo e a procura pelo segredo da beleza parece ser uma busca da consciência do âmbito depressivo na própria psique. As instruções servem para mostrar para Psique que ela deve ir aos ínferos apenas para buscar a consciência que se adquire com a depressão (no conto: a beleza secreta, o tesouro difícil de obter). Para alcançá-la, deve desprezar elementos que não dizem respeito ao objetivo e que, de outro modo, sejam destrutivos. Psique é aconselhada a deixar de lado o que não pertence à tarefa que irá realizar e, sim, a outras dinâmicas depressivas, que não essa, ligada à depressão necessária para se fazer alma.

Com os trabalhos quase concluídos, Psique cede à curiosidade e abre a caixa. É da natureza da vida psíquica buscar o novo (López-Pedraza, 2010, p.111). É essa curiosidade que move o processo de transformação. Da caixa aberta sai um vapor e Psique, ao aspirá-lo, desfalece. Eros, já fortalecido, aparece para resgatá-la.

Este resgate os une mais profundamente, o que aponta para uma erótica na depressão, a erótica de Perséfone, que Psique adquiriu ao descer aos Inferos. Essa dinâmica leva à descoberta do corpo psíquico e erótico em níveis mais profundos. López-Pedraza (2010, p.111) salienta que “quando Psique dá rédea solta à sua curiosidade, abrindo a caixinha da beleza de Perséfone, revive, num abraço maduro com Eros, no mundo da depressão”.

Durante todo o percurso de Psique, ao longo do mito, ela está bloqueada pelo medo da morte e tenta superar isso seguindo as ordens da grande mãe terrível, Afrodite. Segue uma vontade mais poderosa que a dela, pelo medo da colisão com o obstáculo maior. Ela aceita a morte em vida; é obrigatório mudar. Ela morre para não morrer, como um princípio inerente ao surgimento do novo; a depressão resultante é criativa. Segundo Hillman et al. (1979, p.33) “devemos procurar a escuridão, a dor e a morte para podermos subir de novo à luz, à alegria e à vida; esse é o teste pelo qual temos que passar, a pessoa com a qual devemos acertar contas está em nós mesmos”. Nós precisamos morrer para o que fomos até então e assim permitir o nascimento de uma nova dinâmica de ser. Ainda, “no perpétuo processo de transformação, toda forma completada deve decair, todo poder conquistado deve ser perdido, tudo que nasceu deve morrer” (Hillman, 1979, p.39). Para o par Eros e Psique, a morte deve chegar como alternativa ao reino fascinante da mãe. O herói precisa ser constelado para que a própria morte possa ser transformada em uma “morte de tudo que sou agora”, para “tornar-me o que quero ser”. É pelo sacrifício que o herói faz a redenção: Eros sacrifica o mundo da grande mãe por amor à sua *anima*. E ambos sacrificam aspectos de seu passado, para conjugarem aspectos do futuro.

Recordemos que para Neumann a quarta tarefa se refere à saída (de Psique) da esfera inconsciente e instintiva, em direção ao amor consciente por Eros. A experiência do encontro é própria da individuação feminina, tendo o amado o papel de redentor. Para López-Pedraza, essa tarefa fala da dinâmica psíquica da depressão consciente, em busca de um amor maduro e sabedor de sua finitude. Neumann fala a partir de uma

perspectiva desenvolvimentista e dá ênfase ao processo de individuação feminino. Já López-Pedraza discute a erótica da depressão na psique humana, e que quando se vai às últimas consequências, é-se transformado em um ser do novo tempo.

O ato final do mito é a apoteose de Psique. Eros pede junto a Zeus o reconhecimento de Psique como esposa e imortal, Hermes a conduz ao Olimpo para o banquete entre os imortais e Vênus é apenas uma convidada a mais. Hermes é o psicopompo, o mediador entre os mundos, que faz a ponte da transição de Psique.

Por fim, López-Pedraza (2010, p.113) nos fala que a cena do banquete de Eros e Psique, com seu balanço harmonioso em que todos os deuses estão em feliz comunhão, ocorre, na visão da psicologia arquetípica, com a graça que nos alcança o final de um penoso sofrer. Este é o *mysterium coniunctionis*.⁶ Trata-se de uma iniciação no psíquico que começa com bodas de morte e finaliza com bodas olímpicas. Segundo o autor, esse é o movimento da psique por meio do sofrer.

Finalmente, temos a filha de Eros e Psique – Volúpia: a filha do viver psíquico erótico, algo que vai além do que podemos expressar com palavras (López-Pedraza, 2010, p.114).

Abordemos agora outro autor que também nos fala sobre Eros e Psique: Octávio Paz,⁷ cujo pensamento filosófico nos ajuda a compreender como o princípio arquetípico do amor sensual ao amor psíquico sofre transformações em nossa história. Entendemos o filosofar como uma forma de compreender o sentir e o pensar humanos no decorrer da história e as transformações de suas expressões.

Ele realiza um ensaio sobre a conexão íntima entre o sexo, o erotismo e o amor, desde a memória histórica até a vida quotidiana mais imediata. O texto percorre, poeticamente, a história das relações amorosas entre homens e mulheres. “O fogo

⁶ Jung diz (1997 v.XIV/1, § 193): “dá-se a ‘fixação’ do conteúdo por meio do mistério da *coniunctio*, na qual se unem os opostos externos, onde o dia se casa com a noite, ‘quando os dois forem um só’, o exterior for igual ao interior e o masculino se juntar ao feminino, deixando de ser o masculino e feminino. [...] é um paradigma para a união dos opostos na alquimia”.

⁷ Octavio Paz Lozano nasceu na Cidade do México (31/03/1914) e lá faleceu (19/04/1998). Foi poeta, ensaísta, tradutor e diplomata, notabilizado principalmente por seu trabalho prático e teórico no campo da poesia moderna ou de vanguarda, recebendo o Prêmio Nobel de Literatura de 1990. Escritor prolífico, cuja obra abarcou vários gêneros, é considerado um dos maiores autores do século XX e um dos grandes poetas hispânicos de todos os tempos. Publicou mais de vinte livros de poesia e incontáveis ensaios de literatura, arte, cultura e política, desde *Luna Silvestre*, sua primeira obra, de 1933(www.wikipedia.org).

original e primordial, a sexualidade, levanta a chama vermelha do erotismo e esta, por sua vez, sustém e ergue outra chama azul e trêmula: a do amor. Erotismo e amor: a chama dupla da vida” (Paz, 1994, p.7).

O poeta nos conta que uma das primeiras aparições do amor, no sentido estrito da palavra, se dá no conto “Eros e Psique”, de Apuleio. A alma individual (Psique), imagem fiel da alma universal (Vênus), eleva-se progressivamente, graças ao amor (Eros), da condição mortal à imortalidade divina. Para Paz, a presença da alma em uma história de amor é um eco platônico, assim como a busca da imortalidade conseguida por Psique, ao se unir com uma divindade. Ele nos chama a atenção para uma inesperada transformação do platonismo: “a história é um conto de amor realista (há nele até uma sogra cruel, Vênus-Afrodite), não o relato de uma aventura filosófica solitária” (Paz, 1994, p.31).

A novidade que surge é que Eros, um deus, apaixona-se por uma jovem que é a personificação da alma, Psique. No platonismo, o amor é contemplativo, ama-se o belo seja ele qual for, o que se dá em graus até se chegar à beleza suprema. O amor de Eros e Psique é mútuo e correspondido: nenhum dos dois amantes é objeto de contemplação para o outro; inicialmente, Psique nem o vê. Os deuses se apaixonam por mortais, mas em nenhum destes amores, invariavelmente sensuais, figura a atração pela *alma* da pessoa amada. Com seu conto, Apuleio anuncia a possibilidade do amor psíquico, que começa a se atualizar na consciência do Ocidente, durante a Idade Média, com o advento do amor cortês, isto é, mais de um milênio após a apresentação da história de Eros e Psique. Daí o caráter arquetípico do conto.

Na concepção oriental, o amor é dado como cármico, cabendo aos homens aceitarem seu destino. No ocidente, os princípios fundantes são outros. Paz diz que:

“[...] a transgressão, o castigo e a redenção são elementos constitutivos da concepção ocidental do amor. [...] No conto de Apuleio, a jovem Psique, castigada por sua curiosidade, ou seja, por ser escrava e não dona de seu desejo deve descer ao palácio subterrâneo de Plutão e Prosérpina, reino dos mortos, mas também das raízes e dos germes: promessa de ressurreição” (Paz, 1994, p.32).

O autor faz distinção entre amor e erotismo e nos diz que, a princípio, temos a atração sexual de um ser por outro, ou outros: é a atualização dos instintos para a preservação da espécie. Quando nossa atração sexual se dirige a uma pessoa em

especial, é uma escolha que inclui a forma percebida pelos sentidos, temos aí o erotismo. Mas quando o erotismo busca uma ligação com a alma do outro, temos o amor (Paz, 1994, p.34).

Há, segundo ele, uma questão importante entre predestinação e escolha. A atração entre os amantes parece involuntária e fruto de uma força tão poderosa quanto misteriosa. No entanto, também pode ser sentida como uma escolha. Aí se cruzam o destino e a liberdade pessoal.

Paz continua, distinguindo o sentimento amoroso da ideia de amor. O primeiro pertence a todos os tempos e lugares, é a atração sensual e passional que sentimos por uma determinada pessoa, entre muitas. É universal. O segundo é uma concepção histórica e temporal: “[...] a reflexão sobre o amor se converte na ideologia de uma sociedade, então estamos diante de uma ética, uma estética e uma etiqueta: uma cortesia, para empregar o termo medieval” (Paz, 1994, p.35).

Esta é uma filosofia do amor. Neste campo, Platão é o fundador da nossa (ocidental) filosofia do amor. Sua influência ainda dura, sobretudo por sua ideia de alma. O amor de Platão não é o nosso. Podemos até dizer, segundo Paz, que sua filosofia não é uma filosofia do amor – é antes uma forma sublimada (e sublime) de erotismo (Paz, 1994, p.41). Assim, passeia por *O Banquete* e destaca duas passagens para exemplificar o amor platônico, que relataremos na forma concisa e resumida de Paz, por nos interessarmos mais pela ideia central da obra de Platão que por seu aspecto original.

Inicialmente, o discurso de Aristófanes que, para explicar o mistério da atração universal, recorre ao “andrógino original”:

“Antes havia três sexos: o masculino, o feminino e o andrógino, composto por seres duplos. Estes últimos eram fortes, inteligentes e ameaçavam os deuses. Para submetê-los, Zeus decidiu dividi-los. Desde então, as metades separadas andam em busca de sua metade complementar. Em nós, o mito do andrógino despertou ressonâncias profundas: somos seres incompletos e o desejo amoroso é perpétua sede de completude” (Paz, 1994, p.41).

Ainda, segundo Paz, Diotima da Mantineia (podemos pensá-la como a personificação da *anima*, de Sócrates), nos conta sobre uma doutrina do amor. Diotima

diz que Eros é um *daimon* que vive entre o mundo dos deuses e humanos, não sendo nem um nem outro: ele tem a natureza do intermediário, aquele que refere um mundo ao outro. Luz e sombra, matéria e ideia. Representa as forças complexas que movimentam a psique. Sua missão é comunicar e unir os seres vivos (Paz, 1994, p.42).

Diotima expõe seu pensamento: o amor contém o desejo universal e a atração pela beleza. Mas a beleza é fugaz e desejamos que fosse perene. Buscamos, também, a imortalidade e a possibilidade de perpetuação. Desse modo, o desejo atrai os seres para a reprodução. Ela diz que há duas formas de geração: a do corpo e a da alma.

“Os homens e as mulheres, apaixonados por sua beleza, unem seus corpos para a reprodução. Quanto à outra forma de geração: é superior, pois uma alma engendra em outra, ideias e sentimentos imperecíveis. Aqueles que são fecundados pela alma concebem com o pensamento. Esses são os mistérios menores do amor” (Paz, 1994, p.43).

Em seguida, instrui-nos sobre mistérios maiores: “Na juventude nos atrai a beleza corporal e ama-se apenas um corpo, uma forma bela. Mas se o que amamos é a beleza, por que amá-la só em um corpo e não em muitos?” E pergunta, ainda: “Se a beleza está em muitas formas e pessoas, por que não amá-la nela mesma? E por que não ir além das formas e amar aquilo que as faz belas: a ideia?” (Paz, 1994, p.44).

Ela vê o amor como uma escala:

“[...] embaixo, o amor a um corpo belo; em seguida, a beleza de muitos corpos; depois, a própria beleza; mais tarde, a alma virtuosa; por fim, a beleza incorpórea. Se o amor à beleza é inseparável do desejo de imortalidade, como não participar dela pela contemplação das formas eternas?” (Paz, 1994, p.45).

E conclui:

“Aquele que seguiu o caminho da iniciação amorosa de forma correta, ao chegar ao fim perceberá subitamente uma beleza maravilhosa, causa final de todos nossos esforços. [...] O amor é o caminho, a ascensão até essa beleza: vai do amor a um só corpo ao amor a dois ou mais; depois a todas as formas belas e delas às ações virtuosas; das ações às ideias e das ideias a mais absoluta beleza. A vida do amante desta forma de beleza é a mais sublime que se pode viver, pois nela os olhos do entendimento comungam com a beleza e o homem procria não imagens nem simulacros de beleza, mas sim realidades belas. E este é o caminho da imortalidade” (Paz, 1994, p.45).

Paz (1994, p.45) se pergunta se Diotima e, portanto Sócrates, falaram de amor ou de Eros. Este pode nos levar do puro instinto à contemplação mais sublime. Eros pode ser visto como representante do erotismo e não do amor, como o entendemos

atualmente. Esse tipo de sentimento não era conhecido na Grécia antiga. No entanto, o mito descrito por Apuleio aponta para a vivência da atração erótica por uma pessoa em especial. É um sentimento universal que se manifesta em todas as culturas, mas depende de condições históricas, intelectuais e morais propícias.

Platão, sem dúvida, teria se escandalizado diante do que chamamos, em nossa era, de amor. E nós, também nos escandalizaríamos se não o lêssemos com certo discernimento histórico. “Para nós, a fidelidade é uma das condições da relação amorosa, mas para Platão o amor não é propriamente uma relação: é uma aventura solitária” (Paz, 1994, p.46). Do amor da Antiguidade ao amor que conhecemos hoje, no Ocidente, muitos conteúdos psíquicos foram atualizados. A ideia de “outro” é algo não vivenciado pela Antiguidade. O homem antigo curvava-se aos desígnios dos deuses e não se apropriava dos seus desejos como pessoais. Havia atração sexual, erotismo, mas o amor psíquico, isto é, a escolha pelo outro como ser único que toca nossa alma, só conhecemos a partir da Idade Média.

Nossa escolha por Paz, comparando-o com Neumann e López-Pedraza, nos permite pensar em uma base histórica e cultural no desenvolvimento da ideia do amor. Ele nos coloca diante das questões filosóficas e poéticas da vivência amorosa. Os três, cada um a seu modo, falam a respeito da consciência contemporânea, pondo-nos diante da possibilidade de escolha entre vivermos na inconsciência ou fazermos a grande aventura psicológica, que parte da atração física para a vivência do amor pela alma.

AMPLIFICAÇÕES SOBRE O TEMA

O amor é a necessidade da alma e a psique é a necessidade de eros.

(J. Hillman, 1984, p.61)

O mito nos apresenta um momento de mudança de nossas realidades, quando o amor passa a ser psíquico, para além da vivência sensorial. Afrodite personifica o preceito mitológico coletivo do êxtase sensual e do princípio do prazer, enquanto Psique representa o amor individual e consciente. A interação entre Eros e Psique é a mesma que se realiza hoje, entre as pessoas e no íntimo de cada um.

O início do conto nos mostra a morte dos aspectos infantis, para o nascimento das possibilidades mais plenas do ser amadurecido, o que ocorre com todos, homens e mulheres. Portanto, independente do gênero, o mito pode ser compreendido como um retrato de desenvolvimento interno humano.

Iniciamos a vida em um estado inconsciente não discriminado. Vivemos um tempo em união simbiótica; internamente com o inconsciente, externamente em nossas relações com pais e parceiros. Se tudo caminha bem, essas uniões simbióticas devem dar espaço para a separação entre eu-tu, o que causa grande sofrimento para o ego e impõe um novo desenvolvimento. Só em face desta separação, quando passam a existir dois, é que há a possibilidade de uma “re-união” consciente.

Raptada e inconsciente, nossa heroína sentia-se enamorada do amante. Mas, como estava no “castelo da inconsciência”, não podia saber-se, nem ao outro. Só se pode amar verdadeiramente quando se tem consciência, e é esta consciência, de escolha, que Psique realizará por meio das provações impostas pela divindade.

As imposições feitas a Psique pelo princípio representado por Afrodite começam, primeiro, por aprender a separar, isto é, discriminar os conteúdos indiferenciados do inconsciente, que são imprecisos, vagos e misturados, e precariamente percebidos. Retirando e selecionando o material que está no inconsciente,

podemos trazê-lo para a consciência de forma mais ordenada. O segundo momento nos traz uma forma de lidar com um problema, típica do feminino. Ao invés do confronto direto, próprio do masculino, temos a consecução de forma mais sutil, indireta. Ela aprende a lidar com a espera por um momento propício para agir. A impulsividade, princípio tipicamente masculino, pode ser fatal. O desafio parece ser tomar o masculino de forma feminina, mais um passo para a integração dos opostos.

Feito isso, Psique deve tocar as águas do rio, que simbolizam a vida no seu fluir até a morte. Nada pode contê-las, no entanto, cada um de nós é vaso para uma pequena porção destas águas. Elas não nos pertencem, não são controladas pelo ego, são forças do *Self* e apenas em um vislumbre, como o voo da águia, podemos intuir essa criatividade divina. O feminino como continente, pode encerrar uma pequena porção dessa libido poderosa e direcioná-la para a realização de objetivos. Assim, o ego, uma estrutura complexa que suporta ou não as emergências do inconsciente, precisa estar fortalecido o suficiente para acolher porções possíveis de serem integradas, para não correr o risco de ser esmagado por forças arquetípicas.

Por último, temos o enfrentamento com a própria Morte, o que nos faz pensar que todas as tentativas anteriores de cortejar a ideia do morrer, eram uma preparação para o grande momento final. É necessária mais que uma reforma: a “casa deve vir abaixo”. O herói que vai aos inferos, morre, de fato, e o que volta é um novo ser. Psique é aconselhada pela torre: um símbolo civilizatório. A natureza transformada em construção humana, entendemos, é a representação da consciência atingida pela reflexão. Surge agora a possibilidade de fazer escolhas. O olhar do alto da torre permite a *sublimatio*, o olhar que contempla o passado e os caminhos percorridos, o ponto em que se está e as perspectivas de futuro, com suas exigências e sacrifícios necessários. Anteriormente, os elementos de ajuda foram emergências do inconsciente coletivo. A torre, uma construção humana, como citamos, pode ser entendida como representação da consciência coletiva. Nossa heroína deverá perfazer um caminho *contra naturam*: terá que se diferenciar tanto das forças do grande inconsciente como da pressão da consciência do coletivo. O caminho de individuação aponta para uma reflexão psíquica individual das escolhas possíveis.

A jovem precisará se concentrar em seu objetivo e não se apartar dele, sob nenhuma hipótese. Entendemos que as criaturas às quais Psique não pode oferecer ajuda são aspectos seus, do passado, que precisam morrer no novo estado de consciência. Se não enfrentar as perdas necessárias que o processo exige, não conseguirá os ganhos futuros. Psique precisa lidar com os mistérios da morte, que representa, simbolicamente, a passagem de um nível de consciência para outro. Morremos para uma velha maneira e renascemos para uma nova vida. Sua curiosidade a leva à transgressão. Os deuses, representações dos arquétipos, estão sempre presentes, instilando no humano a curiosidade que leva ao desejo de conhecimento e, também, à transgressão. Quando transgredir pela primeira vez Psique vai à queda, e na segunda, à apoteose. Por amor a Eros ela enfrenta a morte, sacrifício extremo que leva o deus menino ao amadurecimento. Este a resgata, deixando as ordens da grande mãe para trás, e Zeus diviniza a jovem. Afrodite entrega o amor divino nas mãos de uma mortal e com isso se humaniza. Não só Eros se liberta da mãe, que o mantém eternamente menino, como também Psique sai da esfera de dependência do reino da grande mãe primordial. A nova possibilidade permite a ambos um casamento de alteridade.

Atentando para o leve toque da flecha de Eros, que desperta Psique, podemos pensar na doce ferida que já não fere, nem enlouquece, mas é a ferida que carregamos como parte da nossa história. É a cicatriz que comprova o caminho percorrido.

Lembremo-nos que o despertar da alma adormecida, por meio do amor, é um tema arquetípico. Experimentamos o êxtase sensual, o prazer extremo, que pode nos levar, ou não, ao amor individual e consciente. Como nos diz Hillman (1984, p.14), “[...] levar a psique para a vida, significa também tomar a vida como psique, a vida como uma aventura psicológica vivida por amor à alma”.

Ao ler o mito, e cada um dos autores que o analisaram, notamos que ele marca um momento psíquico no qual as divindades passam por humanizações. Eros, o deus alado, que é descrito como um demônio que não se apieda de ninguém e a todos põe em aflições, desliga-se da mãe e amadurece. Ele fortalece o masculino em si próprio, tanto quanto atualiza a ponte com seu feminino, desenvolvida pela ligação com sua *anima*, Psique. Afrodite, portadora de características de feminilidade intensa, primeva e oceânica, impiedosa, desalmada até, humaniza-se por meio da jovem. Ao possibilitar

humanizações, o mito traz uma grande possibilidade de compreensão dos relacionamentos humanos e do mistério da *coniunctio* entre feminino e masculino.

Compreendemos que as núpcias de morte que iniciam o mito se referem às várias mortes que se esclarecem ao longo do relato: a morte de um estágio de vida e o nascimento de outro. Podemos entender que, antes de tudo, é a aceitação do destino humano de morrer. Do início do conto até a cena em que Psique abre a caixa da beleza eterna, a morte anunciada permeia o mito. A finitude é da natureza do humano, realidade que dá cor, graça e significado à vida. Só ele sabe que morre e, portanto, tem a oportunidade de se transformar a partir desse saber.

Supomos que falamos da alma em todos nós: menos da psique feminina e mais do desenvolvimento do feminino na psique. O mito nos diz como os aspectos masculinos e femininos se integram, algo que cabe a homens e mulheres em sua tarefa de fazer alma mediante o amor. Com a integração, trilhamos a possibilidade do casamento interno dos opostos. De antemão, o amor pode ser vivido a partir de Afrodite e seu caráter sensual e feminino, mas se completa quando se dirige ao princípio masculino, representado por Eros. Logo, o amor traz movimento, intima, inicia, excita e cria vida, sendo, portanto, um princípio masculino. Fazer alma pelo amor é uma experiência única, com um fator emocional importantíssimo para nossas vidas: o fazer do *daimon* em nós. Podemos entender um *daimon* como forças complexas que movimentam a psique, um intermediário entre os deuses e os homens que interfere nas duas esferas. Sempre é válido lembrarmos que “Eros não é uma ‘função’ de Psique, assim como não é um componente da nossa humanidade, sujeita a desenvolvimento ou adaptação. [...] Eros nunca é algo que possuímos; ele nos possui” (Hillman, 1984, p.69).

A história fala da diferença do amor sensual, afrodisíaco e do amor psíquico. Psique parte do amor primordial, “afrodítico”, em busca de sua própria forma de amar. O que faz a diferença é podermos discriminar entre os movimentos eróticos, que fazem alma, e os outros, que nos aprisionam apenas na satisfação das necessidades instintivas.

O movimento da alma parte de uma intensa necessidade de sair do seu isolamento em busca de algo, ou de outro, que não sabe ainda o que é nem porque se busca (Fernando Pessoa nos fala do processo em seu poema “Eros e Psique”). Essa é a sensação do vazio produzido pela carência, como diz Hillman (1984, p.79), que contém

o duplo comando da compulsão e do medo. Ao mesmo tempo, sentimos atração pelo novo e o medo de perder o que conhecemos, assim como do que viremos a conhecer. O movimento de ir e vir, buscar e evitar faz a música da alma. Suportar os opostos está na base da dinâmica psíquica, o caminho se dá nessa tensão.

Eros é um *daimon* assustador quando está possuído pelo complexo materno. Psique ainda não é alma nem é capaz de contê-lo ou criar um vaso acolhedor e alquímico para sua energia criadora. Enquanto ele está contido na mãe e longe da sua *anima*, seus aspectos regredidos nessa ligação incestuosa atuam. Psique, por seu lado, tem que desenvolver competências para enfrentar os aspectos terríveis de Eros. Ela precisa sair da ingenuidade passiva e passar pelas perversões eróticas, presentes no parceiro. “O amor total inclui o ódio, assim como a criatividade inclui a destrutividade” (Hillman, 1984, p.84). A transformação de cada um dos dois é interdependente, eles só se transformam, de fato, pela relação estabelecida.

Quando amamos, perdemos a perspectiva comum e cotidiana do olhar a vida e nós mesmos, porque podemos olhar a alma um do outro. Temos um vislumbre da totalidade, nossos melhor e pior. Se por um lado nos embevecemos por intensa atração sexual e erotismo, por outro sofremos as torturas do amor. Vivemos o visível e o invisível, o angelical e o demoníaco. Nos envoltimentos íntimos a alma inevitavelmente é torturada. Eros é um *daimon* de fogo que queima àqueles nos quais toca e a si próprio quando longe de Psique e, por meio dessa ferida, transforma-se. Ele é filho do Caos, vivifica-se em contato com conteúdos sombrios e indiscriminados, e é desses momentos caóticos que surge a possibilidade de criação (Hillman, 1984 p.43). O caos é a fonte do novo e o amor bebe dessa fonte. Como somos preenchidos pelo caos quando amamos, ficamos um pouco loucos.

Nosso mito fala do sofrimento. Psique sofre para deixar de ser menina e se tornar mulher, sofre para conseguir ficar ao lado de Eros. Este, por sua vez, sofre para despertar sua *anima*, sofre para se separar da mãe. Os tormentos estão sempre presentes no amor, como também na alma. É a partir deles que a chama da transformação se alimenta. O sofrimento, no mito, é o próprio processo de iniciação que, ao ser enfrentado, traz mudanças na estrutura da consciência. De uma união indiscriminada se dá uma separação, o que acarreta um profundo sofrimento que possibilitará, ele mesmo,

a reunião de dois seres inteiros e únicos. Hillman defende a ideia do sofrimento como promotor das transformações. Concordamos com ele: por meio da dor, transmutamos a vida em amor e alma.

Ocorre-nos que Eros e Psique são representações de personagens muito jovens, prenes de possibilidades não vividas. Há espaços vazios neles que serão desenvolvidos. Eles podem ser preenchidos pelo caos, representação da *prima matéria*, em sua criatividade. No processo, a beleza natural da menina, depois de torturada, queimada, esfolada, transforma-se na beleza madura de quem conhece o sofrimento e a redenção. A beleza de quem conhece a morte e o renascimento.

É interessante atentarmos para o momento da ascensão de Psique ao Olimpo. Ambos sobem entrelaçados, assim como vemos em diversas representações pictóricas do mito, tais como a pintura de William Bouguereau (1889). É Psique “com” Eros, o símbolo vivo da *coniunctio* se atualizando na consciência humana. A jovem se transforma e Eros também. Ambos fazem enfrentamentos, sofrem e resistem ao aniquilamento. Transformados, alcançam a possibilidade do olhar em outra perspectiva. Saem do solo e alcançam a visão ampliada dos súperos, ao mesmo tempo em que conhecem o caminho das pedras. Hermes (senhor dos caminhos e das pedras) os conduz ao Olimpo. O deus psicopompo traduz o arquétipo dos percursos trilhados entre mundos, na realidade da personalidade humana.

A grande deusa Afrodite também se modifica, ao longo do conto. Podemos pensar que nossos caminhos em direção à individuação se fazem pelos encontros. A partir deles, sofremos transformações e nunca mais seremos o que fomos antes. Afrodite, que como deusa primordial, representava o amor sexual, a união dos seres para a reprodução e o crescimento da vida na Terra, sai transformada e renovada do seu encontro com Psique. O amor sexual continua importante, mas o amor com alma se incorpora ao histórico da deusa e, portanto, na realidade psíquica dos homens.

Após a trajetória de todos os personagens da saga, temos a possibilidade da vivência do amor “almado”, até então ignorado pelos humanos. Há o nascimento da filha desse amor, Volúpia – o prazer nascido da alma, a personificação do símbolo emergente desse casamento. Ela é o terceiro na dialética do par Eros-Psique, a

representação da fertilidade do processo de estruturação da alma, a criação feita do encontro entre a chama criativa e o amor no corpo, entre o eu e o outro.

Tudo o que fazemos psicologicamente nos envolve e, sempre que estivermos realmente envolvidos, a alma é penetrada e fertilizada pelo fogo transformador. No trabalho clínico há uma ligação com nossa alma e com a alma do outro. É um trabalho que toca e move nossas almas.

O mito aponta para a possibilidade de individuação, por meio da *coniunctio* entre Amor e Alma, e nos leva a crer que tal encontro pode se dar tanto entre dois indivíduos como internamente, em cada um. E, como em toda *coniunctio*, temos a morte simbólica de cada parceiro, viabilizando a entrada em um novo estado de consciência (renascimento).

CONIUNCTIO

Pensamos ser oportuno aprofundar a compreensão do conceito de *coniunctio*. Entendemo-lo como uma etapa a ser alcançada no processo de individuação. Para tanto, passeamos pelas obras de Carl G. Jung e Edward Edinger, autor que facilita o entendimento do pensamento alquímico do mestre. Tanto na obra dos autores anteriormente discutidos como no poema “Eros e Psique”, de Fernando Pessoa, esse conceito nos pareceu central no diálogo das proposições que contemplamos no texto.

Muitas de nossas experiências internas levam à vivência do Amor que gera Alma e da Alma que precisa do Amor para ser gerada. É um casamento sagrado:

“A *coniunctio* é o ponto culminante da *opus*. Em termos históricos, assim como psicológicos, ela apresenta um aspecto extrovertido e um aspecto introvertido. O fascínio dos alquimistas com a *coniunctio* do lado extrovertido promoveu um estudo do milagre da combinação química e levou à química moderna e à física nuclear. Do lado introvertido, esse fascínio gerou o interesse pelo conjunto de imagens e pelos processos inconscientes, levando à psicologia profunda do século XX” (Edinger, 1985, p.227).

Coniunctio é um termo retirado da alquimia e que se torna atualizado na psicologia profunda moderna, por se tratar de uma linguagem simbólica pela qual o inconsciente se traduz. A alquimia nos oferece percepção e compreensão das profundezas da psique inconsciente e seus processos. Ao prestarmos atenção às imagens e tratados alquímicos, veremos que o material ali constelado é o mesmo que encontramos em nossos sonhos. Assim como o material dos mitos. São as expressões do inconsciente coletivo, de realidades arquetípicas que pedem estruturação na consciência.

Somos afetados, positiva e negativamente, por cargas energéticas psíquicas e nossa consciência funciona de forma polarizada. Um dos polos de opostos está na consciência e o outro no inconsciente. Arquetipicamente as polaridades estão unidas, é a nossa consciência que experimenta um ou outro aspecto dos pares de opostos. Contudo, é exatamente essa tensão que promove a fricção necessária para as transformações nos padrões de consciência e no trabalho de autoconhecimento. No processo do viver, como nas etapas alquímicas, experimentamos polos diferentes da totalidade e buscamos a integração via sombra, assim como buscamos um par que nos complete. No caso da

coniunctio, estamos falando do par de opostos e da união sagrada, do masculino e feminino, das polaridades em nós: o encontro de Amor e Alma. Essa vivência nos possibilita o casamento interno, quando passamos a ter um plural em nossa mais íntima singularidade.

Edinger (2008, p.13) nos diz que o motor que mantém a psique ativa pode também gerar consciência:

“Vejam que o simples fato de ter experiências, de ser atraído por coisas e de ter repulsa por outras não gera consciência. Consciência requer, simultaneamente, a experiência dos opostos e a aceitação dessa experiência, e quanto maior o grau de aceitação, maior a consciência”.

Para o processo ocorrer, é necessário que estejamos abertos para a influência do outro, seja interno ou externo. Assim, como numa operação química na qual uma substância se abre à outra para as duas se modificarem, precisamos nos abrir para a experiência. Há, na psicoterapia, o fenômeno da transferência, que promove mudanças nas duas partes envolvidas. Da mesma maneira, testemunhamos que nada acontece, de fato, sem a aceitação dos novos conteúdos pela consciência.

Nos autores supracitados, temos visões diferentes e complementares dos possíveis caminhos de individuação. Neumann fala que pelo encontro se desenvolve a consciência do princípio feminino. A consciência é feita pela reflexão sobre os caminhos percorridos. Os autores da psicologia arquetípica aqui citados, López-Pedraza e Hillman, dizem que na fricção profunda e sofrida da busca do outro se tem a experiência do encontro. Fazer alma é mais importante que ter consciência. Octávio Paz nos mostra como no desenvolvimento histórico da cultura humana a questão da busca do outro é moderna, isto é, posterior à Antiguidade. Em Platão, não tínhamos notícia dessa atualização, o amor era uma ideia e uma vivência estético-filosófica. O amor do outro pelo outro surge a partir da Idade Média, com o aparecimento do amor cortês. Podemos ver que, embora diferentes, as concepções consideradas na discussão têm um centro em comum: o encontro de masculino e feminino quer do outro no mundo, quer do outro em nós. Tal processo é magistralmente retratado por Pessoa, em seu poema.

Outra questão importante que o jogo dos opostos traz é a unilateralidade da consciência. Ora, se somos bons, então o mal está fora de nós, o que significa que,

conscientemente, penso que sou o que sei de mim. Se não sei, não sou. O que não sei que sou está no inconsciente e o que está no inconsciente é projetado.

A fim de passarmos pela experiência da união dos opostos, temos que passar pela vitória e pela derrota, ser portador do bem e do mal. Como diz Edinger (2008, p.18):

“Definitivamente, ser sempre o vencedor não é bom psicologicamente, porque se fica privado da experiência completa dos opostos. Isto nos deixa superficiais. A derrota é o portão para o inconsciente. Todas as pessoas profundas conheceram a derrota; é uma parte necessária da experiência dos opostos”.

Relembremos agora o “Poema em linha reta” de Álvaro de Campos, um dos célebres heterônimos de Fernando Pessoa (2003, p.418):

*Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
 Todos os meus conhecidos tem sido campeões em tudo.*

*E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
 Eu, tantas vezes irresponsavelmente parasita,
 Indesculpavelmente sujo,
 Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
 Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
 Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
 Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
 Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
 Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
 Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
 Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
 Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,
 Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
 Para fora da possibilidade do soco;
 Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
 Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.*

*Toda gente que eu conheço e que fala comigo
 Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,*

Nunca foi senão príncipe – todos eles príncipes – na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana

Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;

Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!

Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.

Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?

Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!

Onde é que há gente no mundo,

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,

Podem ter sido traídos – mas ridículos nunca!

E eu que tenho sido ridículo sem ter sido traído,

Como posso eu falar com meus superiores sem titubear?

Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,

Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

No contexto, fracasso e culpa são experiências importantíssimas. Cada uma delas é parte do todo. Para vivenciarmos a conjugação dos opostos, precisamos passar pelas questões gloriosas que nossa consciência aplaude e, também, pelas derrotas e culpas, tão dolorosas de serem suportadas. Frequentemente tentamos evitar a consciência de nossas culpas e, ao fazer isso, somos levados à projeção da sombra. O poema de Fernando Pessoa, nas letras de Álvaro de Campos, igualmente aporta na unilateralidade do entranhamento no sofrimento vivido pela consciência, ao tocar aspectos sombrios da realidade psíquica. No entanto, ele tem a coragem de se colocar de forma crua diante desse mundo de “só” vencedores.

Se tivermos coragem de fazer o confronto com as realidades inconscientes, chamadas sombrias, e suportarmos a experiência de humilhação e derrota, o ego morre para uma realidade maquiada e renasce na parceria com o *Self*. O contato com uma realidade maior promove o desenvolvimento psíquico para além da vida repetitiva e

cotidiana. Jung faz a profunda observação de que “a experiência do *Self* é sempre uma derrota para o ego” (apud Edinger, 2008, p.36). Ainda o mestre: “todos os efeitos são, porém, recíprocos, e nada modifica o outro sem ser por ele modificado” (Jung, 1990, v.XVI/2, § 419). Nesse sentido, podemos pensar o eixo ego/*Self* como um casamento no qual um não se transforma sem o outro e vice-versa.

Voltemos novamente ao termo *coniunctio*. De acordo com a alquimia, este é o objetivo do processo e é o que observamos em nosso mito. Quando superamos todos os procedimentos necessários às transformações, quer no campo de nossa alquimia interna, como na vida, a nova consciência que se cria, a partir do vislumbre dos opostos, é uma consciência de *coniunctio*. Para haver o renascimento, mortes anteriores ocorrem. No entanto, a atitude com a qual a consciência se posiciona diante dos novos conteúdos é que fará do processo algo transformador e fecundo. Interessa que o ego tenha clareza do processo e dos conteúdos que emergem desse consórcio. Psique precisou redimir partes desconhecidas de si até então e, sobretudo, aceitá-las na consciência: é a possibilidade da ressurreição em uma nova vida.

Edinger (1985, p.227-31) fala em *coniunctio* inferior e *coniunctio* superior. A ideia nos parece interessante para compreendermos o mito e o que se passou com Psique. O autor entende que “a união dos opostos que foram separados de maneira imperfeita caracteriza a natureza da *coniunctio* inferior [...] Esta ocorre sempre que o ego se identifica com conteúdos provindos do inconsciente” (como no caso da caixa com o creme da beleza imortal do mito). Tais conteúdos precisam passar por uma purificação para que o ego não seja tomado pela inflação, proveniente da mistura com o inconsciente.

Na união final dos opostos purificados, em que não há mais a unilateralidade e os dois polos do eixo estão combinados, temos a *coniunctio* superior.

“Aquilo que se nomeia por amor é fundamental para a fenomenologia da *coniunctio*. O amor é tanto causa como efeito. A *coniunctio* inferior deriva do amor como concupiscência, enquanto o amor transpessoal gera a *coniunctio* superior e é por ela gerado: afirmou-se, e com razão, que o amor pelo objeto é o aspecto extrovertido da individuação. O amor pelo objeto é amor objetivo, um amor purgado do desejo pessoal, um amor que não é um dos lados de um par de opostos, mas que se encontra além destes. [...] o

aspecto introvertido promove a conexão com o Si mesmo e a unidade da psique individual” (Edinger, 1985, p.239).

Na primeira parte da jornada, Psique e Eros conseguem a *coniunctio* inferior: atraídos pelo amor sensual e instintivo ainda se encontravam presos no inconsciente. Após a realização das tarefas, e conseqüente transformação, Psique morre e renasce para uma nova vida, e Eros também é transformado. Ambos realizam a *coniunctio* superior. É o que nos mostra o final do mito. O grande esforço empreendido atinge sua meta. O casamento sagrado é celebrado na *coniunctio*: a festa de morte seguida do renascimento.

Por conseguinte, podemos compreender que as profundas transformações sofridas por Psique, resultando em morte de uma forma de ser para o renascimento em nova vida, também transformaram Eros. Volúpia é a filha dessa união e do novo tempo.

“[...] como diz a alquimia, a morte significa simultaneamente a concepção do ‘*filius philosophorum*’ [...] este filho é o homem novo, gerado pela união do rei e da rainha, mas é um filho que não nasce da rainha, mas é a própria rainha, que, juntamente com o rei, se transforma nesse novo nascimento” (Jung, 1999, v.XVI/2, § 473).

Na mistura de duas substâncias, ambas se transformam em uma totalidade composta: essa é a essência do processo de individuação, com a aparição da criança divina e todas as suas possibilidades.

BREVE APRESENTAÇÃO DE FERNANDO PESSOA

É que os poetas não têm biografia. A sua obra é a sua biografia. Nada na sua vida é surpreendente, nada, exceto os seus poemas.

Octávio Paz (2009)

Sou um deserto imenso,
Onde nem eu estou.
Fernando Pessoa

(apud J. P. Cavalcanti Fº, 2011, p.85)

Pesquisando sobre a vida e a obra do poeta maior da língua portuguesa, tivemos contato com várias fontes que serviram de base para o levantamento de sua biografia. As referências foram Octávio Paz, José Paulo Cavalcanti Filho, Teresa Rita Lopes, e o próprio Fernando Pessoa, que possibilitaram a pequena síntese que segue.

Fernando Pessoa nasce em 13 de junho de 1888, em Lisboa. É filho de mãe católica, mas não religiosa, e pai de ascendência judaica que desde cedo sofre de tuberculose e falece aos 43 anos, em 13 de julho de 1893, privando-o da convivência.

Tem uma infância solitária. Em 1895, sua mãe se casa novamente e a família se muda para Durban, África do Sul, no ano seguinte. Lá, sua educação é inglesa. Torna-se poeta bilíngue, cuja influência saxônica será constante em seu pensamento.

Em 1905, aos 17 anos, regressa para Portugal e passa a morar com a família materna. De início, com uma tia solteira e a avó louca e, depois, com outra tia. Quando a mãe enviúva novamente, e volta para Portugal, torna a viver com ela e os irmãos. Após a morte da mãe, em 1925, reside em diversos endereços. Inscreve-se na Faculdade de Letras de Lisboa, mas logo abandona o curso e instala uma tipografia, fracassando no

negócio. Torna-se correspondente estrangeiro, o que se revela um emprego modesto que lhe trará sustento por toda a vida.

Bebedor solitário possui muitos conhecidos e pouquíssimos amigos. Em 1916, pensa em se estabelecer como astrólogo, mas o projeto não vinga. Em 1920, enamora-se, ou julga que sim, por Ophelia Queiroz, uma empregada do comércio. O relacionamento tem duas etapas, em 1920 e em 1929, ambas curtas e sem continuidade. Na carta de ruptura, diz: “Meu destino pertence à outra Lei, cuja existência sequer V. suspeita...” (apud Paz, 2009, p.202).

Não se conhecem outros relacionamentos. Casto, todas as suas paixões são imaginárias; melhor dizendo, “seu grande vício é a imaginação” (Paz, 2009, p.203).

Tem permanente preocupação com a saúde mental. Além da avó louca, que lhe traz a certeza dessa possibilidade, sofre de depressão e melancolia. Seu diagnóstico, na época, é de histeroneurastenia. Provavelmente, trata-se de um neurótico grave que sofre de grandes angústias, o que o lhe impede de dar continuidade ao que começa. O *Livro do Desassossego* (2001), que conhecemos na forma de livro, é uma coletânea de textos encontrados em sua arca e organizados após a sua morte, e serve como exemplo daquela característica. Além das questões psicológicas, Pessoa apresenta um irresistível gosto pelo álcool, o que possivelmente causa sua morte, semelhante a um lento suicídio.

Segundo o biógrafo e amigo Antônio Quadros, Pessoa possui um gosto pelas ciências ocultas, vivendo uma fase filosófica, outra neopagã e finalmente gnóstica, a qual segue até o fim da vida. Seu esoterismo tem ênfase em astrologia e teosofia e, depois, gnose, alquimia, magia, cabala e ordem dos templários, rosa-cruzes e maçons. Vemos um homem inquieto, angustiado, que parece tentar transcender a si mesmo e compreender os mistérios do universo.

Em uma grande coleta de várias biografias, podemos descrevê-lo, ou assim o descreveram: muito reservado, alheio ao que o rodeava, muito dedicado, fácil de contentar, educadíssimo, amável, extremamente cortês, bem-humorado, afável, irrepreensível no trato, de primorosa educação, incapaz de deslealdade, imaculadamente honesto, triste, tímido. Tem alma feminina, é apartado do mundo, saudoso e deprimido.

O próprio Pessoa se descreve (apud Cavalcanti, 2011, p.89) avesso às práticas sociais. A explicação é simples: “Devo-me à humanidade futura”. E, continuando: “Sou tímido, e tenho repugnância em dar a conhecer minhas angústias”.

Segundo Paz (2009, p.203):

“Anglômano, míope, cortês, fugidio, vestido de escuro, reticente e familiar, cosmopolita que prega o nacionalismo, investigador solene de coisas fúteis, humorista que nunca sorri e gela-nos o sangue, inventor de outros poetas e destruidor de si mesmo, autor de paradoxos claros como a água e como ela vertiginosos... taciturno fantasma do meio-dia português [...]”.

Ainda Paz (2009, p.204): “Dispersão e tensão. Tudo marcado por um mesmo sinal: esses textos foram escritos por necessidade. E isto, a fatalidade, é o que distingue um escritor autêntico de outro que simplesmente tem talento”.

Morre em dezembro de 1935, aos 48 anos, em Lisboa, de cólica hepática. Segundo opinião mais atual, sua causa *mortis* mais provável é pancreatite aguda, comum em alcoólatras.

Ele teve uma vida afetiva, do ponto de vista extrovertido, bastante restrita, tanto no que diz respeito aos amigos como aos amores e, no entanto, mergulhou tão profundamente nos mistérios da alma, que nos brindou com vários personagens distintos, com biografia e estilo próprios. São conhecidos mais detalhadamente Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, mas os biógrafos dão conta de muitos outros heterônimos, mais especificamente 127 (Cavalcanti, 2011, p.240).

Podemos acreditar que seu mundo interior, povoado de inúmeras imagens, encontrou expressão nos personagens criados. Além disso, entendemos que os heterônimos deram contorno e cenário para intuições, sensações, sentimentos e reflexões que poderiam tê-lo enlouquecido, como sua avó, pelo volume de conteúdos que o assaltavam. Vale lembrar que os próprios personagens se relacionam entre si, sendo Caeiro considerado o mestre de todos, por sua simplicidade profunda, sua metafísica da natureza, sua forma de degustar o mundo e as “cousas”.

As distintas personalidades formam um todo que traduz o próprio poeta, suas inúmeras buscas por conhecimento, suas dúvidas, seus caminhos idos e vindos, como imagens arquetípicas regidas pelo maestro do *Self*.

Com palavras do próprio Pessoa encerramos esse esboço de traços biográficos:

“Minha vida gira em torno de minhas obras literárias. Tudo o mais tem para mim um interesse secundário – boa ou má. Que seja, ou possa-o ser. [...] Fernando Pessoa não existe propriamente falando. [...] Nunca pretendi ser senão um sonhador. Pertenci sempre ao que não está onde estou e ao que nunca pude ser”.

Ele é sua obra.

“EROS E PSIQUE”: O POEMA

Sem necessidade, nada se move, a personalidade humana menos do que qualquer coisa. Ela é tremendamente conservadora, para não dizer entorpecida. Somente a necessidade aguda é capaz de despertá-la. A personalidade em desenvolvimento não obedece a nenhum capricho, a nenhum discernimento, apenas à pura necessidade, à força motivadora da fatalidade interna ou externa.

(C. G. JUNG, 2002, v.XVII, § 293)

O tema fundante do presente trabalho foi o poema Eros e Psique de Fernando Pessoa. Para a compreensão simbólica do texto, buscamos as raízes arquetípicas presentes no mito, descrito por Apuleio. Após a discussão mitológica, entendemos ser muito significativa a abordagem do poeta sobre o percurso do encontro com si mesmo e o casamento interno. É um discurso para além da compreensão dos teóricos anteriormente abordados. O fato de Fernando Pessoa ser um poeta, e tocar de forma tão profunda no tema, sugere a presença de alguém que bebeu direto na fonte dos conteúdos arquetípicos.

Vamos ao poema e sua surpreendente epígrafe:

...E assim vedes meu Irmão, que as verdades
que vos foram dadas no Grau de Neófito, e
aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto
Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade.

(Do ritual do Grau de Mestre do Átrio
na Ordem Templária de Portugal)

*Conta a Lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.*

*Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.*

*A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera,
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.*

*Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado,
Ela para ele é ninguém.*

*Mas cada um cumpre o Destino
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.*

*E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.*

*E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,*

*Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.*

Apud Cavalcanti, 2011, publicado pela primeira vez in *Presença*, nº41-42,
Coimbra, maio 1934.

A primeira questão a nos chamar a atenção é sua epígrafe e o caráter iniciático da proposição. Como parte de um ritual de uma ordem secreta, pensamos que essas recomendações são extremamente necessárias para a compreensão do que vem a seguir. Estamos frente a um rito de passagem. Entendemos que um estado de coisas ficará para trás e outra dinâmica terá forma, após essa passagem. Todo o poema pertence ao contexto ritual de iniciação e se refere às realidades da alma. O próprio mito também está em um contexto iniciatório: Lucius, o personagem principal da obra,⁸ também passa por diversos estágios para, depois de transmutado, ser consagrado à deusa Isis.

Assim como no poema, tanto quanto no mito, sobressai-nos a proposta do caminho em espiral da individuação que contempla o tema do eterno retorno. Eros e Psique saem de um ponto e, aparentemente, voltam ao mesmo lugar, quando na realidade retornam profundamente transformados pelo caminho percorrido. Fernando Pessoa, já na epígrafe, traz a questão quando nos diz que: “as verdades que vos foram dadas no Grau de Neófito, e aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade.” No poema, o infante inicia o seu caminho como príncipe, à procura de algo ou alguém, e o conclui sabendo-se a princesa que nele dormia. O masculino, par unilateral, busca seu oposto, o feminino. Por sua vez, a princesa, em sua inconsciência, ainda que não o saiba será feminino e masculino pela chegada do príncipe nela. O Infante parte de um ponto como príncipe e chega a outro, no qual se reconhece como princesa e um todo indivisível de ser, simultaneamente, príncipe/princesa. As verdades parecem opostas no lugar em que se iniciam, dependem do ponto de vista em que são percebidas pela consciência, mas, em sua culminância, na totalidade, tudo está incluído e não há oposição.

⁸ O conto “Eros e Psique” está incluído na obra *Metamorfoses, o Asno de Ouro* (Apuleio 1963), sendo que, em seu curso, Lucius é transformado em asno e passa por diversas provas, até voltar a ser um homem. É um texto romano, que se alimenta da cultura grega em sua composição e trata, acima de tudo, das transformações necessárias ao encontro com si mesmo.

Assinalamos a presença dos opostos complementares, do par arquetípico *anima/animus*, da *coniunctio*. Mais uma vez, cabe a lembrança de que não estamos falando de encontros e casamentos externos entre homens e mulheres, mas de um significativo casamento interno entre nossos pares, em especial, o casamento entre masculino e feminino dentro da nossa psique.

Como ponto de partida para a leitura, ressaltamos a questão dos tempos verbais escolhidos por Pessoa.

A princesa, no passado, dormia. O infante, em um futuro condicional, viria e a despertaria. Ele próprio havia tentado “vencer o mal e o bem” – antes, na dicotomia da consciência, em que os pares de opostos estavam separados, ele fez essas tentativas. Até agora, o passado situa os personagens do poema. É um tempo de inconsciência total, de estagnação. A seguir, o infante se coloca a caminho, entende-se que seja o que pode levá-lo ao erro, um erro psíquico que conduz a unilateralidade, pois o caminho não o dirigiria à princesa, impedindo o encontro com sua outra parte.

Nesse ponto a história se atualiza: já libertado, ele se coloca em movimento psíquico; a princesa espera, sonha; o infante rompe o caminho. O verbo no presente, após a escolha do caminho certo que o levará até a *anima*, indica o início da ação, da mobilização psíquica. No momento presente, um ignora a existência do outro. Ela está dormindo, ele a está buscando, sem tino. O uso do gerúndio os coloca em processo. O existir da estrada é dado pelo verbo no infinitivo. A estrada existe independente deles, é o motivo arquetípico do caminho.

O que nos faz sair da névoa do passado coletivo e nos faz presentes em nosso tempo individual? Poderíamos responder com o surgimento de uma necessidade premente, ou de um desejo intenso que, notadamente, faz-nos caminhar. Nada disso consta no poema, porém. O que nos leva a levantar e seguir, sem saber ao certo para onde vamos, parece atender ao chamado do Destino (*Self*). Muitos são chamados, poucos terão a coragem de se apresentar.

Por fim: ele vê (no presente) que ele mesmo era (já no passado era, sem que o soubesse) a princesa que dormia (e dormia no seu inconsciente, até que ele próprio despertasse). O que estava no passado inconsciente vai-se “presentificando”, isto é,

atualiza-se na consciência e a presença do verbo no infinitivo indica que se trata de conteúdo arquetípico.

Os diferentes tempos verbais nos colocam diante do cenário psíquico da busca e da dinâmica de funcionamento do processo de individuação, via casamento sagrado.

Cabe agora a discussão de cada verso e estrofe do poema.

Conta a Lenda que dormia

Uma Princesa encantada...

A Lenda, em maiúscula, conta do mito, da fala sem tempo, sem era, das questões humanas imemoriais. Assim, entramos para o mundo psíquico e suas imagens simbólicas. Se a Princesa está encantada, então ela se encontra aprisionada nos reinos do inconsciente. Ela está sob o domínio de forças suprapessoais, apartada de si mesma e do contato com o outro. Ela dorme, não há notícia sobre o que sente, não há vida consciente. Ela é a meta do infante, embora não saiba disso.

A quem só despertaria

Um Infante, que viria...

Ela precisa do outro para ser despertada, mas o infante também precisa dela para o seu despertar. Logo, vemos que o desabrochar da consciência se dá a partir do outro, interno ou externo, um fato, uma pessoa, uma reflexão, uma demanda da alma. Lembremos que infante é o príncipe sem trono, o que ainda está na infância, ou melhor, o que está por vir. Logo, ele não está inteiro, ainda não é o que veio para ser. A Princesa adormecida espera também ela, sem saber que aguarda seu príncipe que ainda não se sabe. Cada um deles precisa encontrar a si e saber-se para fazer o encontro com o outro.

De além do muro da estrada.

Ele vem, mas não do mundo externo, consciente, e sim de além do muro da estrada. Se entendermos a estrada como nosso caminho conhecido, trilhado, pavimentado, além do muro nos fala de uma grandeza ainda não vivida, de um mundo intencionado, ainda por explorar. O muro é uma indicação de contorno, de limite, que

será ultrapassado para que o herói cumpra sua gesta. O mergulho no inconsciente para além do muro nos convida ao enfrentamento de realidades que ultrapassam o que é conhecido, processo que carrega em seu bojo o desafio da morte, o renascimento e a necessidade de fazer alma. O Infante é a promessa do novo e vem do grande inconsciente, do mundo arquetípico.

Ele tinha que, tentado,

Vencer o mal e o bem,

Ele é tentado, isto é, suscetível aos enganos do desejo e da ilusão. O Infante pode ser tentado a desistir, ou pode escolher um dos lados, mantendo-se na consciência unilateral. Outra filigrana do verso é que ele tem de vencer tanto o mal quanto o bem: a tentação vem como uma provocação de forças que pedem a superação da tese e da antítese e a busca da síntese. Nosso herói, igualmente, tanto é tentado como tenta vencer. Há a sugestão do enfrentamento e da ação voltados a um só objetivo: despertar a Princesa. O ego, buscando a transcendência, enfrenta as armadilhas que podem desviá-lo do caminho a ser percorrido. Vencer o mal e o bem nos fala de transcender os pares de opostos, de ir além da polarização do ego, em uma proposição dialética onde se encontraria o terceiro ainda não vivido.

Antes que, já libertado,

Deixasse o caminho errado

Por o que à Princesa vem.

Libertado dos grilhões dicotômicos, o caminho errado seria o da unilateralidade da consciência. Seria o caminho das proposições de certo e errado, enquanto no inconsciente os pares de opostos podem conviver na totalidade. O poeta põe o herói novamente diante da possibilidade de não cumprir seu destino e, ao mesmo tempo, diz-nos que tanto o caminho leva à Princesa como é ela o próprio caminho. O uso de crase evidencia que a estrada é percorrida nos dois sentidos, e pelos dois personagens. Ele precisa se soltar, atender ao *Self*. Assim, se deixar o caminho errado e se unir a ela na liberdade da transcendência dos opostos, ele virá à princesa, encontrará a *anima*. O caminho certo é o que leva ao encontro da *anima*.

A Princesa Adormecida,

Se espera, dormindo espera.

Como vimos na leitura do mito, quando a princesa está adormecida nada ocorre. No reino do sono inconsciente tudo está paralisado. Não sabemos sequer se a princesa espera por algo ou alguém. Dela própria ela não tem consciência e menos ainda do outro que, pode ser, virá ao seu encontro e a despertará. Aqui, o *se* seria condicional. Há uma sutileza que aguça a curiosidade: a princesa *se* espera. Se olharmos para o pronome como reflexivo, a princesa, tanto quanto o infante, esperam-se a si mesmos. Um é o outro e o outro é o um. Isso prenuncia o encontro final de cada um consigo, na reunião de seus opostos.

Sonha em morte a sua vida,

É possível vislumbrarmos a morte como o oposto da vida. É quando tudo está imobilizado, não há, ainda, forças contrárias que causem tensão e movimento. Tudo está parado. Não há necessidade e nem desejo que movimente a vida. No entanto, o reino da morte contém todas as promessas de futuro, todas as possibilidades de vida que podem se atualizar, ou não. O reino de Hades é notadamente rico, suas sementes estão armazenadas e à espera da nova estação. A alma sonha a vida, o mundo onírico evocado no verso nos desloca para lugares ainda mais profundos e extensos. Ela não dorme apenas, ela sonha, ela está em contato com todas as sementes, todas as possibilidades. Em nosso trabalho clínico podemos entender os desejos da alma a partir das imagens dos sonhos: o acesso às demandas internas atualiza os grãos que devem desabrochar no caminho da vida.

E orna-lhe a fronte esquecida,

Verde, uma grinalda de hera.

Fronte nos lembra o que primeiramente se observa em uma pessoa. Pela fronte atestamos nosso orgulho ou submissão, ela é a portadora da nossa *persona*. É ali que o rei apoia sua coroa e o brâmane marca sua ascendência e ligação com o divino. É a primeira parte do corpo que vem à luz no nascimento. O suporte para as grinaldas das noivas. Estamos falando da presença de aspectos que conferem identidade. No poema, a

fron­te da Princesa está esquecida, em­bora já car­regue a marca da nubente, a marca de seu des­ti­no, do mo­ti­vo pelo qual está em es­pe­ra, uma es­pe­ra oculta, sil­en­ciosa, quase in­visível e, por­tan­to, esquecida. Isso tam­bém nos re­mete à ques­ção da sauda­de: o es­que­ci­men­to é a ausên­cia da lem­bran­ça. Onde não há sauda­de, não há memó­ria afe­ti­va. Sem memó­ria não há iden­ti­dade.

Te­mos o prenúncio do es­ta­do in­ci­al, primevo, onde a hera-planta sempre verde, anu­nci­a o tempo que ain­da não che­gou. É uma prin­ces­sa, adormecida e verde, à es­pe­ra do amadurecimento. Uma noiva, ain­da não ciente do noivo que a procura.

Longe o Infante, esforçado,

Sem saber que intuito tem,

Rompe o caminho fadado.

Se pen­sa­mos nos tra­ba­lhos in­dis­pen­sa­veis ao pro­ces­so de in­di­vi­du­ação, ve­re­mos que todo es­for­ço para ven­cer a na­tureza e fa­zer con­sci­ên­cia exi­ge em nós o in­fan­te es­for­çado. O qual luta dia a dia, sem sa­ber que in­tu­i­to tem, mas sa­ben­do que algo nele diz que o tem, para romper o ca­mi­nho do des­ti­no co­le­ti­vo e torná-lo úni­co e in­di­vi­du­al. O herói a ser­vi­ço do *Self* sai de um es­ta­do primor­di­al in­di­feren­ci­ado e con­corre para o en­con­tro da in­di­vi­du­ali­dade.

Na es­tro­fe o in­fan­te não sa­be seu in­tu­i­to, mas o ca­mi­nho é fadado, é dado pelo des­ti­no, pela sina, pela sorte. Po­de­mos pen­sar que tal ca­mi­nho é ar­que­ti­pico, co­le­ti­vo e un­i­ver­sal, mas a in­ten­ção, o ob­je­ti­vo (in­tu­i­to) é de cada um, con­struído pelo es­for­ço con­sci­ente, pas­san­do por nos­sos com­plexos e atualizando, ou não, as pos­si­bi­li­dades ar­que­ti­picas.

Ele dela é ignorado.

Ela para ele é ninguém

O par *anima/animus* exi­ste no in­con­sci­ente co­le­ti­vo, in­de­pen­den­te de nos­sa von­ta­de ou con­sci­ên­cia. Po­de­mos nos movimen­tar pela vida de forma tal que pen­sa­mos que es­col­he­mos o que já é dado pela na­tureza. A força dos ar­que­ti­pos nos leva a seguir em busca do par com­ple­men­tar, dentro ou fora de nós mes­mos. Este é o des­ti­no que se

propõe. Como o conduziremos e o que faremos com ele, dependerá da menor ou maior consciência que tivermos. Quanto mais inconscientes formos menos escolhas poderemos fazer. O caminho natural é um dado instintivo, o caminho escolhido é imaginal, é um *opus contra naturam*. Quando preenchemos as formas gerais dadas pela natureza com o nosso imaginal, movimentamo-nos rumo ao psíquico.

Por hora, no poema, tudo é ignorância. Um se move na direção do outro na inconsciência da sua presença.

Mas cada um cumpre o Destino...

Destino significa: sequência de acontecimentos e situações pretensamente predeterminadas na existência humana, também, fim, ou objetivo pretendido (*Dicionário Aulete*). É interessante percebermos que, do ponto de vista arquetípico, é uma situação predeterminada no destino humano e que, por outro lado, pode se tratar de um fim ou objetivo pretendido, caso se tenha consciência do caminho a ser percorrido. O destino se dá, saibamos ou não, mas só temos possibilidade de escolha se tivermos consciência das nossas buscas.

Ela dormindo encantada,

Ele buscando-a sem tino

A situação se mantém: encantada, ela vive na inconsciência. Ele ainda a busca, sem conhecer sua meta. Seguem o caminho pela força arquetípica que determina que sigam e, assim, vão ao encontro um do outro sem que o saibam. Em nosso entender, o poeta brinca com as palavras Destino e Tino, uma vez que são contrárias e opostas. O Destino vai além da pessoa, na maior parte das vezes é ignorado e cumpre regras universais e misteriosas. O Tino é a razão, o discernimento, a compreensão dos fatos, e se faz na consciência individual.

Pelo processo divino

Que faz existir a estrada.

É divino e, portanto, pertence aos deuses, ao mundo arquetípico do qual o ego, o centro da consciência, é oriundo, mas dele (do inconsciente) se diferencia. A estrada

existe como dado arquetípico, mas o caminhar por ela pode ser determinado por um ego mais ou menos lúcido e consciente. Melhor dizendo, a estrada existe e por ela podemos caminhar da forma dada pelo inconsciente, de forma coletiva; ou podemos torná-la uma estrada única, à medida que seguirmos rumo à individuação. O processo divino que faz existir a estrada é da natureza do *Self* e, portanto, irá nos remeter à presença do numinoso. Neste verso o autor nos situa diante da presença de Deus. A estrada é a possibilidade divina de percorrermos caminhos. Como o faremos, dependerá do nosso caminhar. Seja como for, o caminhar faz a estrada e o fazer é divino.

E, se bem que seja obscuro

Tudo pela estrada fora,

E falso, ele vem seguro,

Tudo é obscuro e falso. Falta luz, o cenário é brumoso e cheio de ilusões perigosas que podem pôr nosso herói a perder. No entanto, se seguir o caminho arquetípico, o Infante parece ter uma segurança que não pertence à consciência de si mesmo, mas do que é dado pelo inconsciente. Isto é próprio do herói que cumpre o chamado. Apesar do que pode desviá-lo de sua meta, confiando ele se manterá no caminho. Ele está alinhado com o *Self* e as ilusões não o distraem.

E, vencendo estrada e muro...

O caminho do encontro se dá para além da estrada e do muro. Estes são imanentes ao ego, a transcendência de tais limites nos leva ao mundo do *Self*. É um encontro de forças arquetípicas. Não pertence ao âmbito da consciência nem ao seu domínio. Há de se confiar para seguir sem estrada e sem muro.

Chega onde em sono ela mora.

O infante, o que faz a ação, o princípio do masculino chega ao encontro da *anima* que dorme em um reino encantado, recém-descoberto pelo herói do caminho. Ela ainda mora em sono, está apartada do mundo da consciência, no entanto, cheia de possibilidades. Ele é o princípio do ego que se aproxima da *anima*, sem saber o que vai encontrar, mas o faz ainda assim.

E, inda tonto do que houvera,

À cabeça, em maresia,

Ergue a mão, e encontra hera,

E vê que ele mesmo era

A Princesa que dormia.

Ele está em maresia. Por que isso acontece? Acreditamos que toda vez que o ego se aproxima de forças arquetípicas, tudo se relativiza e as certezas se perdem, e isso atordoia. Diante da realidade dos deuses, o humano fica tonto. Cabe ressaltar que maresia se refere ao mar, ao efeito do balanço das águas, aos eflúvios do grande inconsciente em seus aspectos mais primordiais. Nossa vida se origina da água, mas também nela perdemos as referências de espaço e tempo. Voltamos aos braços da Origem coletiva. E é assim, tonto, sem as certezas da identidade, que ele ergue a mão, tateia a própria cabeça e descobre a grinalda de hera. Além disso, descobre que a princesa buscada fora dele, e que originou todo o seu caminhar, era ele próprio. O renascimento se dá. Ele não é mais o herói que busca o desconhecido, não é mais aquele do início da jornada. Ele é o noivo da *anima*, foi transformado pelo encontro e o casamento interno acontece. O Infante se torna Príncipe e a Princesa já não mais dorme.

Ao encontrar a princesa que (nele) dormia, ele se vê perplexo ao notar que a busca que fez fora foi, na verdade, determinada internamente. Ao passearmos pelo inconsciente, cruzamos grandes águas e em maresia, tontos, não compreendemos, a princípio, que a estrada nos levou ao encontro esperado e necessário. O poeta descreve mimeticamente a descoberta. A mão do infante chega à sua cabeça, sede da consciência, e encontra o que buscava, de fato.

Os versos finais são de uma magnitude só inspirada pelo *Self*. Ele ergue a mão e dá de encontro com a hera que prenuncia a chegada da noiva, mas a grinalda está em sua própria frente, logo ele é a princesa que nele mesmo dormia. E o encontro sagrado da *coniunctio*, que citamos ao longo do texto, aparece aqui de forma bela e poética.

Infante e Princesa, assim reunidos, realizam o arquétipo do relacionamento e vêm a ser o que vieram para ser.

Fernando Pessoa, o mestre maior das profundezas da alma, deixou-nos esse belo exemplo do encontro do ego com sua *anima*, na interioridade da psique. Na tentativa de fazer uma intertextualidade com o próprio poeta, levantaremos uma imagem de *coniunctio* sugerida por ele, no *Livro do Desassossego* (2001, trecho 157):

“Sim, sonhar que sou, por exemplo, simultaneamente, separadamente, inconfusamente, o homem e a mulher dum passeio que um homem e uma mulher dão à beira-rio. Ver-me, ao mesmo tempo, com igual nitidez, do mesmo modo, sem mistura, sendo as duas coisas com igual integração nelas, um navio consciente num mar do sul e uma página impressa dum livro antigo. Que absurdo que isto parece! Mas tudo é absurdo, e o sonho ainda é o que o é menos”.

Ele intitula seu poema de “Eros e Psique”. No texto, quem faz o trabalho é o Infante e quem dorme é a Princesa. No mito, ocorre o contrário: Eros se recolhe, enquanto Psique se lança ao trabalho de reencontrá-lo. Esta inversão mostra que tanto faz qual princípio inicia a transformação do outro, o que vale é o encontro. A partir deste, nenhum dos dois é mais o mesmo. Eles são constelados um pelo outro e um para o outro. Eles se tornam uma totalidade composta e discriminada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A AVENTURA PSICOLÓGICA DE VIVER POR AMOR À ALMA

O ser humano que não se liga a outro, não tem totalidade, pois esta só é alcançada pela alma, e esta, por sua vez, não pode existir sem o seu outro lado que sempre se encontra no “tu”.

(C.G.Jung, 1999, v.XVI/2, § 454)

As reflexões pessoais que realizei – compreendendo por pessoal tanto as vivências particulares quanto as profissionais – a respeito do que é alma, bem como do fazer alma, levaram-me a considerar o mito “Eros e Psique” e o poema de Fernando Pessoa como fios condutores para o entendimento do percurso necessário para o casamento do amor com a psique e todas as suas implicações.

Tenho a imagem de uma *anima mundi*, que possui os *saberes*, os *sentires*, os *perceberes* e os *intuíres* de todos, e minha pequena alma também os têm. Imagino que meu andar pelo mundo me aproxima desta alma e que quando ela se retrai ou expande, como em sístole ou em diástole, posso ter contato, conhecer o mundo ou viver paixões que a representam, ou que me afastam, entristecem, encolhem. Percebo que quando meu “fazer” tem eros, o sexual, o psíquico, o intelectual, seja qual for, minha alma se alegra e se expande. É o campo em que ela floresce e no qual ela melhor se expressa, e é mais fértil.

Nesse estar no mundo, cada vez que se suporta a tensão dos opostos, é possível experimentar momentos de plenitude. O encontro da alma com o amor promove o sentimento de totalidade e o entendimento do sentido dos conteúdos mobilizados. O tempo e o espaço têm outras leis, próprias e particulares, daquele encontro em especial e o que *é* pode ser como *é*. No encontro do amor com a alma tudo pode ser acolhido, sem o tempo do ego e do mundo, sem as regras do coletivo. Aí o ser pode se expressar.

Quando a alma se encontra com seu sentido é como se encontrasse seu pacote de sementes. Imagino que cada um vem com um conjunto de sementes diferentes entre si e cada apanhado é distinto do outro. (A primeira tarefa de Psique é separar os grãos.) Nós temos as oportunidades, os recursos, a família que nos acolhe, os estudos e as pessoas com quem nos relacionamos que são o solo no qual podemos frutificar. Cada semente cai em um lugar, algumas em terra boa e outras em terreno infértil. Talvez nossa responsabilidade de fazer alma seja cuidar do pacote de sementes e ter consciência que nem todas vão germinar e o que podemos fazer com as que conseguirem. Fazemos parceiras para adubar a terra e criar uma boa sementeira para os grãos. Elas podem ser criativas e/ou destrutivas: Eros é o adubo do plantio.

Se entendermos Eros como um *daimon* que faz a ponte entre o mundo dos deuses e dos humanos, notamos que não há promessas de atualização de coisas boas ou más: as sementes são o que são e se tornarão o que vieram para ser. Cabe a nós a responsabilidade de assumir que essas são as sementes que nós precisávamos para nos desenvolver e construir nosso caminho; o outro é o instrumento, o arado, o ancinho, o lavrador da terra psíquica que pode ser um facilitador ou não, mas não é responsável pela escolha do grão. A semente é o compromisso que a alma assume com a pessoa. Se depositarmos no outro a responsabilidade por nossos grãos, nossas potencialidades, nós rompemos com o que a alma nos propõe. Mas, também, se retirarmos toda a importância que o outro tem na maturação da semente, ficamos sem os elementos necessários para que ela frutifique.

As experiências (boas ou más) ficam em nossas memórias, como uma ressonância afetiva do que é mais criativo ou destrutivo. Somos afetados por estas experiências, sejam elas quais forem.

Nos grandes impactos da vida, nos momentos de fissura da *persona*, abrem-se depressões que podem ser preenchidas das mais diversas formas. Nesse tempo e lugar a alma pode se imiscuir ou penetrar e novas sementes que não são de nossa experiência ordinária podem brotar. Uma situação inusitada, um tropeço no mais conhecido, uma perda de referencial, uma doença grave que nos dê a consciência de finitude, a queda do que tínhamos de mais certo e que nos definia promovem a manifestação da alma. Quando temos certezas estamos estagnados em uma zona de conforto. É narcísico, um sistema fechado em si mesmo, do qual afastamos as coisas desagradáveis. Nas frestas e

rachaduras é que pode se apresentar o outro, concreto ou interno, que nos ajuda a erguer pontes que aproximam os lados dissociados. Quando nos surpreendemos, surge a possibilidade do novo. Há um campo para a psique se apresentar e para outras sementes germinarem. Precisamos aceitar a quebra da *persona* para encontrar o que tem de ser achado, ou corremos o risco de repetir indefinidamente conhecidos padrões neuróticos.

Frente a um desejo, uma necessidade intensa que promove essa rachadura, a alma se emociona. Em momentos de predisposição ingênua de que se esperando, espera, sem saber o que se espera, não há ego formulando a demanda, esta vem de outros lugares da psique e busca expressão. Cabe ao ego encontrar formas para esta expressão. É dele o trabalho de construção e incorporação do novo. E é preciso do outro interno, assim como do outro fora, para que as demandas psíquicas inconscientes se transformem em consciência. Carecemos do outro como um espelho, como um primeiro momento em que não sentimos que é nosso aquele conteúdo. Depois, quando nos perguntamos o que isso tem a ver conosco, relembramos o que nos pede nossa semente. No poema de Pessoa, o infante percebe que buscara o feminino em si. E o que estava projetado na princesa podia ser incorporado como dele próprio. Compreendemos, então, como Pessoa, apesar de uma vida relacional tão modesta na qual, supostamente, não teve ressonância afetiva das vivências, desbravou as raízes arquetípicas da alma e entrou em contato com a necessidade primordial da busca do seu eu feminino, perfazendo em si mesmo a busca da totalidade.

Durante o trabalho com o mito, perguntei-me diversas vezes porque Psique ascendia ao Olimpo tornando-se imortal, ao invés do caminho tão bem encontrado em outros relatos míticos, no qual os conteúdos arquetípicos dos divinos eram humanizados em função da atualização na consciência. No momento mítico, Afrodite, a deusa imemorial do amor e da beleza, era um conteúdo já atualizado na consciência humana. Mas o amor psíquico era algo novo. Podemos sentir uma forte atração sexual por outros seres, e isso em si é dado pela própria natureza, é a força do instinto que pede passagem em nossa psique. Se essa atração passa a ter um sentido de escolha por um ser em especial, e ainda assim é só atração, temos o erótico. É a força que torna alguém particularmente interessante para o outro. Mas se nos interessarmos pela alma deste outro, por aquilo que o move, pelo que pensa, sente, percebe e se destaca de qualquer outro ser humano, conservando ou não o erotismo, ou indo além dele, estamos diante do

amor psíquico. Creio que é este amor que promove a novidade, a nova semente que nos afeta e faz alma.

No Livro de Eclesiastes, lemos que “tudo tem seu tempo”; no mito, descrito por Apuleio, temos o tempo da espera, o tempo da coragem, o tempo do silêncio, o da incerteza, o da parcimônia, o da esperança, o da temperança, o da humildade, o da percepção dos limites diante do imponderável e sagrado, o da aceitação da finitude. São, todos, pressupostos humanos e Psique percorre todo o percurso, colocando-se no eixo *ego-Self*, promovendo a ponte entre os opostos. Ela se humaniza, como a Bela Adormecida, detentora de todos esses pressupostos arquetípicos, em memória latente. Pelo estímulo das tarefas, ela é sacudida para acordar e recordar. Eros, por sua vez, também precisa se libertar do âmbito da grande mãe primordial, para fazer um encontro paritário com sua noiva, assim como para acordar aspectos do seu herói conquistador e do masculino em si. É no encontro com a *anima* e em sua defesa que ele se posiciona como o varão que luta e assume os próprios desejos.

Entendo que primeiro é necessária uma diferenciação das necessidades psíquicas, para depois nos tornarmos cômicos das intenções que levam à expansão da realidade psíquica. Ambos, Eros e Psique, fazem percursos próprios no caminho de acolhimento de aspectos deles desconhecidos, até então. Sem Psique, sem a contenção que nele ela promove, Eros não pode se libertar da mãe. Enquanto Psique ainda não é um vaso, não é possível conter a força criativa de Eros. As tarefas a transformam em um vaso e dão-lhe contorno. Só aí ela pode de fato se encontrar com o Amor. É uma relação dialética. Um transforma o outro. Por amor a ele, Psique se lança em desafios inimagináveis, aprendendo e desenvolvendo competências que a tiram da endogamia e indiscriminação. Eros, por sua vez, permanece como pano de fundo. Ele vive seu oposto, pois é o que inflama, excita, propõe, provoca. Fica quieto, assistindo o trabalho de sua *anima*, e com isso se transforma. É possível dizer que ele amadurece. O traquinas, com suas setas terríveis, vai ao pai, trai a mãe e requer sua esposa, em uma união de amor psíquico. Psique busca Eros e Eros busca Psique, o que nos leva a pensar que buscamos o que precisamos integrar. Nesse casamento, temos a alma erotizada e o amor “psiquizado”.

O mito conta que Psique passa a ser divina, uma humana se torna imortal e, portanto, alcança a eternidade. Com isso, entendemos que o processo vivido por ela no

percurso, reflete uma expressão arquetípica do caminho de individuação. Ela representa uma possibilidade intrínseca do ser humano de fazer-se maior, descobrir-se, unir-se ao sagrado sem perder suas memórias. Ela é uma divina que já foi mortal, conheceu o medo, a incerteza, a perda, o apaixonamento, a inflação e a humilhação e isso a torna totalmente distinta dos deuses, que jamais conheceram a dor de ser humano.

É uma narrativa de provações e de redenção para homens e mulheres que se sabem mortais; ela experimenta a morte para depois ascender. Ela é mais bela pelo conhecimento da finitude. Uma história iniciática que promove a mudança da estrutura da consciência e descreve todo percurso heroico e sofrido para tal fim. No poema, Pessoa fala do “processo divino que faz existir a estrada”. Psique, no Olimpo, após percorrer o caminho, faz-nos reconhecer que há algo de divino e de humano no enfrentamento dos encontros transformadores. Uma *coniunctio* entre divino e humano.

As tarefas a fazem cômica do amor. Ela sai da compulsão sexual do amor natural para a beleza de um amor de escolha e assume, humildemente, o custo da construção dessa escolha.

Amor e alma são arquetípicos, são eventos transpessoais e, ao mesmo tempo, são as bases que formam a personalidade, as sementes da personalidade. Se Psique voltasse apenas à esfera humana, retornaria aos braços de Afrodite, ao amor natural. Ao ascender ao Olimpo, ela inaugura um tempo de transcendência do simplesmente sexual/erótico para um amor sexual/erótico/psiquizado na consciência.

Uma reflexão necessária ao nosso campo de atuação diz respeito à correlação entre mito e psicologia analítica, amplamente, e “nosso” mito e o processo de análise, especificamente.

A linguagem do mito é a mesma dos sonhos, uma fala dos primórdios que diz respeito a todos. É uma expressão arquetípica e, portanto, é com ela que traduzimos os símbolos que emergem do inconsciente coletivo. A narrativa de um conteúdo arquetípico nos alcança, emocional e imaginativamente. As histórias alteram nossos padrões diários e dão novos significados às experiências. Os acontecimentos pessoais e cotidianos como emoções fortes, ciúmes, inveja, amores e humores ou até sintomas, quando em uma história, ganham distância e peso. Assim, podemos lidar com as

questões humanas de um ponto de vista multidimensional, trazendo-as para o cotidiano e preservando o distanciamento necessário para que a psique seja vista.

Em um mito, os personagens fazem o que têm que fazer e as situações são o que precisam ser. Ao considerarmos a história como arquetípica, os personagens se tornam entidades subjetivas, maiores que quaisquer perspectivas particulares egocentradas. Escapamos da limitação do ponto de vista da consciência e vamos para além do significado literal.

Ao compararmos o mito “Eros e Psique” com o processo de análise notaremos que em nosso primeiro contato com o analista somos *prima materia*: possibilidades a serem despertadas. Na *coniunctio* entre consciência e inconsciente, entre analista e analisando, entre o eu e o outro, realizamos o *opus* da alma.

Separamos nossas sementes, experimentamos a terra e escolhemos os adubos. O material que vem do inconsciente é acolhido e discriminado da massa informe. Seleccionamos as sementes mais profícuas e trabalhamos a terra para que todo o possível seja germinado. Precisamos saber o que é nosso e o que é do outro, dentro e fora de nós. Recolher nossas projeções e investir na tarefa de reconhecer a sombra e integrar símbolos novos à luz da consciência, eis a imensa tarefa. Enfrentar nossas energias destrutivas de forma a conhecê-las, respeitá-las e tentar integrar algo dessa intensidade em nosso fazer diário. É necessário transcender a sabedoria instintiva e enfrentar a vida de forma mais psíquica. Tocamos nossa finitude e temos que lidar com essa consciência. Somos seres para a morte e isso modifica o nosso ser e estar no mundo.

Durante todo o processo temos contato com nossas partes contrassexuais e convivemos com os aspectos femininos e masculinos da consciência e do inconsciente. Trazemos nossos pares de opostos mais próximos a cada momento do trajeto. Preparamos o casamento interno. Pressentimos, pelos sonhos, as possibilidades arquetípicas. Engendramos o recipiente para a criatividade do inconsciente, abrindo possibilidades para a individuação. Descemos aos vales e subimos aos picos. Experimentamos a pequenez e a grandeza da alma. Muitas são as vezes que amargamos nos inferos e aprendemos a esperar a hora de ressurgir, renascidos. Algumas vezes, somos acompanhados pelo analista até a porta de nossos inferos, mas descemos sozinhos com a certeza de sermos esperados para a nova etapa. Aquele que retorna não

é mais o que partiu. O sacrifício é feito e a transformação necessária é sentida no processo de renascimento. Aprendemos que o sofrer faz a alma acontecer. Este não é um simples sofrer, mas um despertar para o reino do psíquico.

Em um envolvimento erótico, a alma se enreda na imaginação criativa e desperta. No casamento das polaridades masculina e feminina, a consciência imaginal se expande. Eros é o fator integrador que envolve a alma e cura nossas feridas. Enfim, na análise aprendemos a nos amar, a amar o outro e amá-lo em nós, aceitando-o nas suas diferenças. O outro traz possibilidades de transformações que se manifestam em cada um e no mundo.

Sim, a análise nos põe à prova. Passamos a conhecer melhor de que material somos compostos e o que podemos fazer com o que já sabemos de nós. A grande aventura do sofrer, amar e fazer alma se dá no recinto sagrado da análise. Morremos e renascemos diversas vezes. Experimentamos *coniunctios*, vamos às alturas e nos debatemos no mais ínfimo de nós. Perdemos as ilusões sobre quem pensamos que somos. Tudo em busca da apoteose do amor que engendra a alma. Na relação íntima que só se tem no vaso analítico, descemos aos inferos e intuimos os deuses. E, como em todo relacionamento essencial, nossa alma é torturada, mas também iluminada.

Em minha prática como analista, o poema de Fernando Pessoa é uma fonte de inspiração e compreensão do processo espiralado no qual a análise se conforma. Passamos por determinado ponto diversas vezes, mas com perspectivas diferentes. Retomamos os mesmos complexos até que se esgotem e voltamos às proposições psíquicas em aprofundamentos cada vez maiores. Na aventura de entrada e saída do Hades, que testemunho e acompanho em cada um dos que me buscam, encontramos a estrada que nos leva aos lugares que precisamos conhecer.

A construção do analista passa por seu próprio processo de análise com aqueles que seguram o lume para que o caminho, as luzes e as trevas sejam vistos. A dor solitária e sem significado é insuportável. A consciência de que a jornada continua é respaldada pela fé no “processo divino que faz existir a estrada”. Restaurar esta fé é fundamental. A estrada é dada, mas a fé depende do casamento entre o que sei e o que desconheço, entre o humano e divino, entre o esforço e o cansaço. A viagem ao

encontro de si mesmo ilumina e norteia todos os *viajares*. É a jornada de amor em direção ao psíquico.

Onde há amor se faz alma.

E assim se faz o Destino humano...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARENGA, M.Z. et al. *Mitologia Simbólica, Estruturas da Psique e Regências Míticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- APULEIO, L. *Metamorfoses, o Asno de Ouro*. São Paulo: Cultrix, 1963.
- BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega*. v.II. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CAVALCANTI F., J. P. *Fernando Pessoa, Uma Quase Autobiografia*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- DICIONÁRIO AULETE. Acesso em: 10 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.auletedigital.com.br/>
- EDINGER, E. F. *O Mistério da Coniunctio*. São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. *Anatomia da Psique*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- HILLMAN, J. *Re-Vendo a Psicologia*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. *Anima*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. *O Mito da Análise*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- _____. et al. *Pais e Mães*. São Paulo: Símbolo, 1979.
- HOPCKE, R. H. *Guia para a Obra Completa de C.G. Jung*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- JUNG, C.G. *Sincronicidade*. O.C. v.VIII/3. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. *Aion, Estudos sobre o Simbolismo do Si-mesmo*. O.C. v.IX/2. Petrópolis: Vozes, 1988.
- _____. *Psicologia e Alquimia*. O.C. v.XII. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. *Estudos Alquímicos*. O.C. v.XIII. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. *Mysterium Coniunctionis*. O.C. v.XIV/1. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *Mysterium Coniunctionis*. O.C. v.XIV/2. Petrópolis: Vozes, 1990.
- _____. *Mysterium Coniunctionis*. O.C. v.XIV/3. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *Ab-Reação, Análise dos Sonhos, Transferência*. O.C. v.XVI/2. Petrópolis: Vozes, 1999.

- _____. *O Desenvolvimento da Personalidade*. O.C. v.XVII. Petrópolis: Vozes, 2002
- _____. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1963.
- .
- LOPES, T. R. *Fernando Pessoa, Melhores Poemas*. São Paulo: Global, 2003.
- LÓPEZ-PEDRAZA, R. *Sobre Eros e Psique*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- NEUMANN, E. *Amor e Psiquê, Uma Interpretação Psicológica do Conto de Apuleio*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- PAZ, O. *Signos em Rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. *A Dupla Chama: Amor e Erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PESSOA, F. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.
- _____. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *O Eu Profundo e os Outros Eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.